

Bem mais do que 434 anos

No aniversário de João Pessoa, que é comemorado amanhã, o Jornal A União mostra que a história da cidade começou muito antes do que a mostrada pelos dados oficiais e que foi repleta de conflitos e mudanças até chegar aos dias de hoje.

Páginas 5, 6 e 7



Fotos: Roberto Guedes



Foto: Reprodução

Almanaque

Agosto é um mês conhecido pelas grandes perdas

Coincidência ou não, nomes da música como Carmem Miranda, Antônio Vicente Celestino, Raul Seixas, Gonzagão e Lupicínio Rodrigues morreram no oitavo mês do ano. [Página 25](#)

Foto: Raniery Soares / Paraíba Press



É vencer ou vencer Em crise na Série C do Brasileirão, mas ainda com chances de se classificar, Belo enfrenta o Confiança precisando vencer de todo jeito para seguir sonhando com a Série B. [Página 24](#)

Linaldo Guedes

JP através de seus poetas e escritores

Quando aqui cheguei, em 1979, não tive alubrimento apenas ao ver o mar. Correndo pelas ruas de Jaguaribe, encantava, antes de tudo, o acolhimento recebido. Foi como se eu ganhasse uma nova mãe, protetora como só uma Nossa Senhora das Neves sabe ser. [Página 7](#)

Foto: Ortilo Antônio



DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E TECIDOS

A VIDA CONTINUA



Central de Transplantes da Paraíba
(83) 3225-6192 e 3225-6409



Políticas

Freixo alerta para a relação entre estado e milícia

Em João Pessoa para participar de Fórum Brasileiro de Segurança Pública, deputado federal diz que caso brasileiro é muito grave. [Página 13](#)



No Pensar de agosto, debate é sobre feminismo

Caderno especial aborda o movimento no país e o protagonismo da Paraíba. Fala também de feminicídio. [Páginas 29 a 32](#)

Editorial

Lar coletivo

As cidades, como tudo na vida, não são eternas. Até o museu a céu aberto que é Roma um dia será apenas memória. No entanto, diferentemente dos seres vivos, à medida que o tempo passa, desde que não sofram nenhum tipo de catástrofe, os burlões modernizam-se e tornam-se mais bem-apegoados.

A cidade de João Pessoa comemora, amanhã, quatrocentos e trinta e quatro anos de idade. Fundada em 5 de agosto de 1585, é a terceira capital mais antiga do país, portanto tem sua história fortemente ligada à história da Paraíba e do Brasil, figurando em capítulos especiais, a exemplo da ocupação holandesa.

Não é à toa que primeiro os índios e, posteriormente, os invasores europeus e seus descendentes miscigenados, que passariam a ser chamados de brasileiros, fixaram-se, na base de flechas, espadas, canhões e arcabuzes, nesta bela região, localizada entre o rio Sanhauá e parte da margem sul do oceano Atlântico.

A antiga e poética Cidade Real de Nossa Senhora das Neves cresceu mudando de nome. Foi a Filipéia de Nossa Senhora das Neves dos espanhóis, a Frederikstadt dos holandeses, novamente a Parahyba dos portugueses, até ser rebatizada com o nome do presidente João Pessoa, assassinado em 1930.

A João Pessoa moderna é uma cidade que deslumbra e assusta. Suas paisagens, sua história e seus monumentos orgulham quem nela mora e

encantam quem a visita. Mas a cidade tem também fealdades. Há casarios sem graça, habitados por gente pobre, e nas ruas cresce o número de ambulantes e indigentes.

João Pessoa ficou pequena para tantos automóveis. E os condomínios, que proliferam em todos os quadrantes, na mesma velocidade das autopistas, vão devorando casas e matas. Nesse ritmo, a cidade pode vir a se transformar em uma "selva de pedra", como se fora uma autêntica metrópole sudestina.

Mas incorre em falta de educação quem fala mal de aniversariante. João Pessoa é um dos destinos turísticos mais procurados do país, prova de que tem mais qualidades que defeitos. É notória, entre outros bons qualificativos, a hospitalidade do pessoense, e isso vale ouro no mundo contemporâneo.

A capital da Paraíba também é pródiga em arte e cultura. O saber é democraticamente construído nas universidades, iniciando-se nas escolas de Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante. Da saúde cuidam casas do porte do Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena.

A data de aniversário é um momento privilegiado para a população refletir sobre este lar coletivo chamado cidade. Aplaudir o que ela tem de bom, e criticar construtivamente o que precisa ser melhorado, de preferência votando em representantes políticos comprometidos com o seu desenvolvimento.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Feliz cidade

Parque Solon de Lucena ou Parque da Lagoa? Tivesse com a aritmética a intimidade que possui com a matemática o professor e cronista Luiz Augusto Paiva, lembraria de cátedra que a ordem das parcelas ou dos fatores não altera a soma ou o produto. Qualquer que seja a operação, portanto, a defesa feita por Gonzaga Rodrigues da antiga denominação ou a inscrição na placa que assinala a reforma empreendida no local pela prefeitura corresponde a trocar seis por meia-dúzia. Nenhuma mudança de nomes subtrai de Lagoa o título de principal cartão de visitas e postal de João Pessoa. Ponto.

Por isso mesmo, sempre que vou ao centro da cidade, passo compulsoriamente por lá, mesmo não tendo de incluir o parque no roteiro. Vem sendo assim desde que me entendo de gente. Invento um pretexto qualquer, mas o lugar entra no percurso. Altero o rumo, dou uma volta esquisita, como diria o saudoso Biu Ramos, mas transito por lá. Enfim, ir ao centro de João Pessoa e não passar pela Lagoa é como ir a Roma e não ver o Papa, perdoem o lugar comum.

E o que invariavelmente detinha e continua a deter de incomum esse lugar? Que fascínio bafeja esse parque, hoje mais parque do que nunca, para fazer um morador da própria cidade sentir-se atraído de forma irresistível a ir até ele, ainda que apenas de passagem, sem haver motivo aparente? A paisagem é fascinante, está certo, mas não bastariam palmeiras imperiais, ipês, acácias, flamboyants e toda a flora que encantava a Luiz Augusto Crispim para atrair com tamanho apego o transeunte comum. Nem o traça-

Ir ao centro de João Pessoa e não passar pela Lagoa é como ir a Roma e não ver o Papa, perdoem o lugar comum

do que seduz Gonzaga Rodrigues, com aquela magia que enfeitiçou Mário de Andrade, serviria como motivo.

Que mistério tem a Lagoa, além da inquietante placidez do lago guardião de boas e más (algumas, tenebrosas) lembranças? Que sortilégios se interpõem na brisa vinda do balé da sua copa vegetal? Qual a razão de tanto deslumbramento a permear a exuberância desse sítio de sedativa beleza? Será a natureza pela natureza? Será só isso? Ou a Lagoa possui algo mais que a paisagem, mesmo nela já contendo fascínio, sedução, magia, feitiço, deslumbramento?

Falo por quem inventa um pretexto qualquer, altera rumo, dá volta esquisita, mas não vai ao centro de João Pessoa sem passar pelo parque. A Lagoa tem um coração. Ela é a cara da cidade, sim, mas é também o seu coração. E nele guarda a memória de inesquecíveis manhãs salpicadas pelo azul e branco da farda das meninas do Liceu; de belas tardes de domingo polvilhadas pelo multicolorido do tafetá, do organdi e da cambraia bordada das moças da cidade; do início de noite no Cassino e de inolvidáveis noites da cor do pecado nos bambuzais ou ao sabor da cuba livre nos domínios da churrascaria que virou saudade. Quem vê a cara da Lagoa vê o coração de João Pessoa.

Razão pela qual homenageio nesse tributo ao Parque Solon de Lucena (ou Parque da Lagoa, como queiram) os 434 anos que João Pessoa completa neste 5 de Agosto de 2019. Por existir (e resistir) a Lagoa, nossa cidade é feliz com seu eterno cartão de visitas servindo de postal.

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com Humor

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

REMÉDIO PARA O BOLSO: FIM DO IMPOSTO SOBRE MEDICAMENTOS

Na comparação com outros países, o Brasil é campeão na cobrança de impostos sobre medicamentos de consumo humano: 31%. Senão vejamos, países europeus têm cargas tributárias bem menores: França (2%), Espanha (4%), Portugal (5%), Itália (10%), Alemanha (16%). No Japão e na Argentina, o percentual é de 5% e 21%, respectivamente, enquanto que nos Estados Unidos, no Reino Unido, no Canadá e no México têm imposto zero. Some-se a isso um detalhe: no Brasil, a tributação tem um impacto significativo no bolso do consumidor, porque os gastos com medicamentos não são reembolsados pelo governo ou pelos planos de saúde, como se registra em países desenvolvidos. No Senado Federal, contudo, tramita uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC 2/2015), do senador Raguffe (foto - sem partido), que estabelece o fim da cobrança de tributação de remédios. A proposta já passou pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), ainda na legislatura passada e, caso seja aprovada em Plenário, seguirá direto para apreciação da Câmara dos Deputados. A relatora da PEC, senadora Simone Tebet (MDB), fez emendas ao texto. Originalmente, a proposta determinava que os medicamentos estivessem isentos de toda tributação. Mas nas alterações sugeridas, ela estabelece que a imunidade será aplicada apenas aos impostos, e não a todos os tributos que incidem sobre os medicamentos.



Foto: Divulgação

Com a ida de Edvaldo Rosas para a Secretaria de Governo, estão abertas as apostas para quem poderá assumir a presidência do PSB na Paraíba. Para a deputada Estela Bezerra, Ricardo Coutinho "seria o melhor nome para comandar a legenda no Estado". Porém, citou também outros socialistas com capacidade para assumir a missão: Buba Germano, Jeová Campos, Cida Ramos e Gervásio Maia.

COMANDO DO PSB

Estabilidade

A deputada estadual Estela Bezerra (PSB) foi provocada a falar sobre a atuação da base governista na ALPB neste retorno das atividades legislativas, após o recesso parlamentar. "O importante para a base é que as matérias [do governo] passem, o governador João Azevêdo tem um estilo de lidar com a ALPB [referindo-se à harmonia]. O governo vai continuar com estabilidade neste segundo semestre, conquistada desde a gestão passada".

ESTABILIDADE

Emprestimo à PB

Um dia após o governador João Azevêdo (PSB) declarar que espera tratamento respeitoso do governo federal e cobrar a liberação de empréstimos, ressaltando que a Paraíba está entre os estados mais bem ranqueados do país para a obtenção de crédito, a CEF se pronunciou. O presidente da instituição, Pedro Guimarães, garantiu que o empréstimo pleiteado está sob análise, mas não precisou data para possível liberação.

EMPRÉSTIMO À PB

Paixão voluptuosa

Indagado se a eleição presidencial de 2018 — que elegeu Jair Bolsonaro (PSL) — poderia vir a ter uma influência na eleição municipal, em Campina Grande, em 2020, Veneziano Vital do Rêgo (PSB) disse que não acredita nessa possibilidade. "Não sei, propriamente, sobre outros municípios, mas em Campina Grande a eleição tem característica própria, uma paixão voluptuosa. É própria de Campina isso".

"PAIXÃO VOLUPTUOSA"

Transposição

De Gervásio Maia (PSB), reportando-se ao requerimento que protocolou para que Câmara dos Deputados solicite ao Ministério do Desenvolvimento Regional explicações quanto às providências adotadas para resolver a paralisação do bombeamento de água no Eixo Leste da Transposição do São Francisco: "A Transposição não pode ficar parada. O povo precisa de água, o Nordeste precisa ser respeitado".

TRANSPOSIÇÃO

Aberta a escolha do 'melhores' do Congresso

Até 31 de agosto estará aberta a votação na internet para o 12º Prêmio Congresso em Foco 2019. Qualquer pessoa poderá escolher os deputados e os senadores que melhor representam a população no Congresso. Para tanto, basta acessar a página eletrônica — congressoemfoco.uol.com.br — informar nome, email e número do celular. Cada pessoa poderá escolher até dez deputados e cinco senadores.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB



Philipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulaocaouniao@gmail.com (Assinaturas)

OUVIDORIA:
99143-6762

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com



7º condomínio Cidade Madura será inaugurado em Monteiro

Projeto pioneiro que garante moradia, segurança e autonomia a idosos completa cinco anos de existência

Juliana Cavalcanti
Especial para A União

A população idosa da Paraíba que deseja aproveitar a melhor idade com tranquilidade e independência possui, há cinco anos, a opção de morar no Condomínio Residencial Cidade Madura. O primeiro deles foi inaugurado em 10 de junho de 2014, no conjunto Cidade Verde, no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. Hoje, o projeto já chegou a outros cinco municípios: Campina Grande, Guarabira, Patos, Souza e Cajazeiras.

De acordo com a Companhia Estadual Habitação Popular (Cehap), a sétima unidade será na cidade de Monteiro. A ordem de serviço para início das obras do condomínio foi autorizada e a estrutura já está em fase de conclusão.

Segundo a presidente da Cehap, Emilia Correia Lima, além de um local adequado, a segurança e a autonomia são pontos fundamentais desde a idealização do residencial. “É um projeto que possui uma repercussão nacional, exatamente porque há uma necessidade muito grande, hoje em dia, de segurança e condições de autonomia para as pessoas que estão chegando a uma idade mais avançada”, avaliou a gestora.

Considerado um programa pioneiro no Brasil, a iniciativa contribui para qualidade de vida das pessoas com 60 anos ou mais. O espaço foi projetado com uma estrutura totalmente adaptada às necessidades dos idosos. De acordo com a coordenadora do Cidade Madura, Magda Danielle, o Cidade Madura João Pessoa é composto por 40 unidades habitacionais, no qual 15 dos 40 contemplados moram com os cônjuges e os demais (25) moram sozinhos.

A coordenadora explicou que as únicas pessoas que podem morar com o idoso são o cônjuge (que não precisa necessariamente ser idoso, pode ter idade inferior a 60 anos) ou um parente de primeiro grau, no caso, um irmão ou irmã, mas que tenha idade a partir de 60 anos. Os filhos não são permitidos porque a proposta do programa é o estímulo ao protagonismo e à autonomia. Assim, estes moradores precisam conseguir realizar as atividades da vida diária sozinhos.

No entanto, os familiares têm livre acesso para visitar as residências e, caso sejam de outra cidade, possuem um prazo máximo de 30 dias para ficar hospedados, mas não podem residir.

O programa é coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Humano, responsável pela seleção e acompanhamento dos idosos e a Companhia Estadual Habitação Popular (Cehap), que cuida da construção do condomínio e de toda a parte física e material. Magda Danielle comenta que a iniciativa é aprovada pelos moradores e possui um grande número de interessados pelo Estado. “Existe um déficit habitacio-

nal no Brasil muito grande, principalmente, no que tange a idosos. Esse público vem crescendo bastante e nos próximos anos seremos um dos países com o maior número de idosos no mundo”, lembra.

Magda relata ainda que em João Pessoa, o aluguel toma grande parte dos proventos do idoso. “Então, oferecer uma residência em que você não pague o aluguel e tenha saúde, educação, atividade física, é de bastante relevância e os idosos são muito gratos e dizem que aqui é um pedacinho do céu. Os idosos da Paraíba só ganharam com esse programa”, elogiou.

O Cidade Madura foi implementado na gestão do

ex-governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, e foi o primeiro no Brasil a oferecer um condomínio público fechado adaptado para as necessidades específicas da terceira idade. Ele conta com posto de saúde, praça de esporte, casas adaptadas, uma praça com horta comunitária, redário, pista de caminhada e um centro de vivência com salão, salas de aula, de TV e de fisioterapia, banheiros acessíveis e copa. O objetivo, segundo a coordenadora, é beneficiar os idosos de baixa renda que tenham autonomia para fazer suas atividades diárias. Cada edificação foi projetada de acordo com as normas de acessibilidade para este público.



Cada edificação foi projetada de acordo com as normas de acessibilidade para o público que habita o Cidade Madura



Equipamentos para a prática de esportes são disponibilizados aos moradores do condomínio residencial



Condomínio Residencial Cidade Madura possui praça de esporte

Profissional disponibilizado

O programa conta com uma equipe multidisciplinar que atua no condomínio com um núcleo de assistência a saúde, composto por enfermeiros, técnicos de enfermagem que têm a proposta de acompanhar os idosos com doenças crônicas, comuns nesta faixa etária, tais como diabetes e hipertensão. Os enfermeiros são cedidos pela Rede Hospitalar Estadual de Saúde, que dão expediente no condomínio, da mesma forma que o profissional de Educação Física, obtido através de uma parceria com a Secretaria Estadual de Educação para que este realize duas vezes por semana atividades físicas no condomínio. “Por exemplo, um idoso tem um pico de glicemia, aí o técnico de enfermagem faz o acompanhamento. Esse núcleo de assistência à saúde atua de forma a evitar que males que acometem a terceira idade, como o AVC, aconteçam. Então, o enfermeiro vai acionar o Samu, ou seja, é uma assistência primária”, pontuou.

Maria de Fátima dos Santos mora no espaço desde a inauguração, em 2014, e aos 67 anos o considera bastante confortável. “Há cinco anos moro aqui e pra mim é o paraíso, foi onde eu vim melhorar mais minha vivência. Ando pra todo canto, danço forró e as enfermeiras que cuidam da gente são muito gente boa. Também vem médico pra fazer exame e somos atendidos aqui mesmo”, conta.

Já a horta comunitária foi implementada em todos os residenciais do programa tendo em vista atender os moradores que vieram da zona rural. Em João Pessoa, uma idosa ficou responsável pelo espaço e conta com a ajuda de outros moradores. No final, a colheita é dividida com todos aqueles que colaboraram com o plantio.

Além disso, existem outras atividades que a Secretaria de Desenvolvimento Humano promove para a convivência comunitária, tais como o São João no Espaço Cultural, palestras, momentos de integração que a equipe técnica do Cidade Madura promove no residencial com assistente social e psicólogos sobre diversos temas envolvendo a terceira idade. “Aqui dentro do condomínio a gente participa de algumas festividades, utilizo o posto de saúde, participo também da educação física, gosto muito de caminhar também de manhã, bem cedinho aqui é lindo”, encerrou Francisca Caju, de 77 anos.

Idoso precisa estar inscrito em programa habitacional

Candidato precisa ter idade igual ou superior a 60 anos, renda de até 5 salários mínimos e autonomia para realizar atividades

Juliana Cavalcanti
Especial para A União

Para morar no condomínio é preciso que a pessoa tenha idade igual ou superior a 60 anos, autonomia para realizar as atividades sozinho (não depender de terceiros e ter condições de limpar a casa, cozinhar, promover o autocuidado, tomar banho, etc), ter uma renda mensal mínima para pagar a taxa de manutenção do condomínio que é de R\$50, as despesas de água, luz e pessoais (ex: alimentação e internet) e uma renda máxima de cinco salários mínimos. O idoso também deve ter um vínculo familiar porque quando ele é aceito no programa, os parentes assinam um termo de responsabilidade porque se este não tiver mais condições (seja por motivo de doença ou outra causa que o faça perder a independência), ele volta pro seio da família.

É preciso que o interessado esteja previamente inscrito no programa de habitação do Governo do Estado (Cehap) para que, assim, a Secretaria de Desenvolvimento



Fotos: Marcos Russo

A taxa de manutenção do Condomínio Cidade Madura existe porque a moradia é concedida ao usuário a partir de um termo de cessão de uso

Humano possa fazer a parte social, ou seja, a seleção das pessoas que irão morar no condomínio. A Cehap, neste processo é responsável pela construção e a manutenção do espaço.

Segundo Magda Danielle, a taxa de manutenção de condomínio existe porque a moradia é concedida a partir de um termo de Cessão de uso. Ou seja, enquanto eles se enquadrarem nos crité-

rios do programa, eles residem. Quando saírem destas exigências (que pode ser em caso de falecimento ou perda da autonomia), o morador deve devolver a casa para que outra pessoa que

esteja na lista de espera venha a habitar.

“Os beneficiados pagam apenas a taxa de condomínio e podem morar o tempo que quiser. A partir do momento que o idoso vai precisar

constantemente de um cuidador ou de uma terceira pessoa de forma constante, ele já perde o principal critério que é a autonomia. Então, ou ele volta pro seio familiar ou vai pra uma instituição de longa permanência e a gente promove esse encaminhamento, mas geralmente é a família que se responsabiliza por esse cuidado”, explicou a coordenadora.

Segurança

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Humano e a Cehap, um dos critérios ao idealizar o residencial foi construir um espaço seguro para os idosos. Com isso, as visitas podem ocorrer normalmente, mas a portaria é protegida por membros da Polícia Militar do Estado da Paraíba. “O programa foi todo pensado numa perspectiva de proporcionar mais segurança para os idosos. Então, os policiais estão para preservar o patrimônio e ficam na guarita para que se comuniquem com os moradores em casos de identificação dos visitantes”, comentou a coordenadora da Cidade Madura.

+ Independência e transformação de vida

Aos 77 anos, Francisca Caju destacou que morar sozinha no residencial transformou totalmente a vida dela, nos últimos dois anos. “Vim para cá contra tudo e contra todos. Minha família não queria que eu viesse e eu resolvi me tornar independente. Hoje tomo conta de tudo meu, meu salário, minhas contas, algo que eu já não fazia mais. Isso aqui de você vir pra cá, se tornar uma pessoa independente e ter que tomar conta de tudo, pagar energia, água, ser responsável por sua feira, por sua casa, isso é muito importante. A autonomia é muito importante para o idoso”, comemora.

Ela acrescenta que a mudança fez com que, inclusive, sua família se tornasse mais unida e acredita que vive de forma mais saudável. “Hoje eu saio de casa, frequento vários grupos e saio rodando pela cidade. Eles ficam tranquilos e eu tô no meu lugar sem precisar dar satisfação, sem ter hora marcada pra chegar. Eu sei que tudo isso é cuidado que eles têm comigo, mas hoje eu sou uma pessoa mais feliz. Meus 77 anos estão sendo

maravilhosos, eu agora sou dona da minha vida. No início, se preocuparam muito, mas agora graças a Deus está tudo bem”, analisa.

As alterações na rotina de dona de casa também foram citadas por Julia Lopes que, aos 75 anos, resalta que a sua vida financeira ficou mais tranquila na nova casa. “A minha vida mudou muito porque eu morava de aluguel, ganhando um salário mínimo pra tudo. Depois que eu mudei pra cá, mudou porque não fico mais pensando naquele dinheiro pra pagar o aluguel. Então eu pago o essencial e graças a Deus melhorou muito pra mim. Eu gosto muito daqui, me acostumei com a tranquilidade e tenho minhas amigadas”, concluiu.

“Hoje tomo conta de tudo meu, meu salário, minhas contas, algo que eu já não fazia mais. A autonomia é muito importante para o idoso”



Os moradores do Condomínio Cidade Madura garantem que hoje vivem de uma forma mais saudável

Tabajara Em Revista

SEGUNDA A SEXTA ÀS 14H



Adeildo Vieira



Foto: Roberto Guedes

Nas curvas do Sanhauá...

...nosso DNA é indígena, nossa língua é tupi e nossa história começou às margens de um rio "paraíwa"



Mais de 50 anos de conflito e invasores só se apossaram dessas terras quando colocaram uma nação nativa contra outra

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Uma terra rica em recursos naturais, repleta de espécies da Mata Atlântica, manguezais, pau-brasil, com toda sua diversidade da flora e da fauna, banhada pelo Rio Paraíba. Assim era o lugar onde se estabeleceu João Pessoa, capital da Paraíba, que completa 434 anos de existência. Os índios potiguara eram os principais habitantes da região, antes da fundação da cidade.

Os indígenas viviam em numerosas aldeias, faziam uso da abundância dos recursos naturais. Esses povos tiravam da natureza, da pesca, caça, da coleta de frutos e da práti-

ca da agricultura, todo o seu sustento. As famílias nativas seguiam suas tradições em um trecho de terra então chamado de Parahyba ou Paraíwa, cujo significado é trecho de rio difícil de navegar.

Interessante lembrar que, antes da fundação da cidade de Philipéia, os potiguara comercializavam com os franceses pau-brasil, peles de onça, macacos, papagaio, algodão e resina de árvores. "Em troca, eles recebiam tesouras, facas, espelhos, machados, tecidos, miçangas, objetos úteis e valorizados no cotidiano indígena", conta o antropólogo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Estêvão Palitót.

A fundação da capital

paraibana no final do século XVI, precisamente em 1585, se deu entre conflitos e derramamento de sangue, tendo o índio como protagonista, uma vez que esses povos resistiam ao domínio europeu. Os potiguara eram bravos guerreiros e estiveram juntos aos franceses que frequentavam a costa paraibana em busca de pau-brasil, madeira que era abundante neste território.

De acordo com o historiador e professor George Vasconcelos, a presença francesa e a aliança com os potiguara foram motivos de grande preocupação para Portugal, que teve de lançar mão de diversas expedições militares no sentido de ocupar a região que corresponde

hoje à Paraíba e efetivar assim, sua colonização.

"Em uma dessas expedições, portugueses e seus aliados espanhóis falharam na tentativa de ocupar e fundar o núcleo de povoamento na região que conhecido nos nossos tempos como Forte Velho. O forte, construído de madeira e terra batida, denominado de São Felipe e São Tiago, foi destruído por reações indígenas potiguara e seus aliados franceses", contou George Vasconcelos.

Durante as guerras de conquista, outros povos indígenas, os tabajara, vindos de terras mais afastadas, próximas ao Rio São Francisco, se aliaram inicialmente com os potiguara, ambos de língua

tupi. Aliás, conforme explicou o antropólogo Estêvão Palitót, o tupi era falado no Litoral brasileiro, desde o sul de São Paulo até o Ceará. "O portugueses a chamavam de língua geral da costa do Brasil, porque um índio do litoral do Ceará poderia se comunicar na língua Tupi com um índio do litoral Sul de São Paulo", frisou Palitót.

Com costumes semelhantes e falando a mesma língua, os potiguaras e tabajaras firmaram uma aliança e conviveram em harmonia durante um período. Depois, essa aliança foi quebrada e os tabajara passaram para o lado dos portugueses.

Com o apoio dos tabajara, Portugal consegue, enfim,

fundar o núcleo de povoamento. Nascia assim, a Filipéia de Nossa Senhora das Neves, às margens do Rio Sanhauá, justamente onde se localiza o Porto do Capim. A cidade foi batizada em honra à divindade católica e ao então rei de Portugal e da Espanha, Felipe II.

"Portugal, então, conseguiu além de um grande aliado, a segurança que precisavam para efetivar a conquista. Vencidos os franceses e expulsos os potiguara para o Litoral Norte, a criação do núcleo fixo de povoamento e conquista desta parte do território estava quase efetivada. Mas as lutas com os potiguara só cessariam de vez no século seguinte", concluiu o historiador George.

Presença de índios 200 anos antes da fundação oficial

Foto: Marcos Russo

A presença de índios no Litoral paraibano, conforme publicações da época, inclusive dados arqueológicos, data de aproximadamente 200 anos antes da fundação da cidade de João Pessoa. Difícil precisar qual era o número dessa população nativa na área que viria ser a capital do Estado. O importante, porém, é que trazemos até os dias atuais influências genéticas e culturais desses povos.

O professor e historiador George Vasconcelos explica que, se formos considerar o aspecto da miscigenação entre os brancos, negros e os indígenas, este gerou boa parte dos habitantes de João Pessoa, ou seja, "está naturalmente em nosso DNA desde as origens". Apesar de muitos deles terem absorvidos comportamentos e costumes típicos da evolução dos tempos, ainda existem indígenas que possuem descendência direta com seus ancestrais e vivem de acordo com o modo de vida de seus antepassados, mantendo sua cultura viva.

A principal área de habitação indígena próxima da capital é, segundo Vasconcelos, a comunidade Tabajara, localizada no extremo Sul de João Pessoa, entre o bairro de Gramame e as cidades do Conde, Alhandra e Pitimbu. "Dados do começo desta década mostram que eram quase mil indígenas distribuídos entre quatro aldeias", contou George.

Potiguara e tabajara

Quando analisamos a participação dos indígenas na fundação da cidade de João Pessoa, especialistas reforçam a relevância do papel desses povos na história paraibana. O historiador George Vasconcelos afirma que a fundação da capital



O atual Porto do Capim representa o nascedouro da capital paraibana; a região já foi palco de uma "peleja" homérica pela disputa de terra entre europeus e nativos

do Estado, fruto dos anseios da união das coroas ibéricas (Portugal e Espanha) em sua tentativa de controlar a terra, não teria tido êxito sem a presença dos índios.

"Foi através das ações deste grupo social, do seu trabalho, da produção, das negociações feitas por eles e por fim a guer-

ra, que levaram à consequente conquista efetiva da terra pelos portugueses. No entanto, a fundação de nossa capital, e consequentemente do que viria mais tarde a ser o Estado da Paraíba, ocorreu ao custo de muitas vidas", lamentou Vasconcelos.

O antropólogo e professor da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), Estêvão Palitót também faz ressalvas com relação à violência em que foi escrita esse capítulo da nossa história. A fundação da atual capital paraibana acontece em um contexto de guerra, em que um grupo indígena se aliou aos "vencedores" da disputa pelas terras, enquanto outros povos

passaram a ser escravizados, na condição de derrotados.

Nessa batalha, muito sangue foi derramado até se efetivar a fundação da capital paraibana e também do próprio Estado. "Foram mais de 50 anos de guerra, desde as lutas com os franceses e holandeses", destacou o professor Palitót.

Gigantes de pedra contam histórias entre o rio e o mar

Erguidos por índios, negros e pardos, geografia conta com monumentos e conjuntos arquitetônicos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O patrimônio de uma cidade, Estado ou país é constituído por qualquer meio material ou imaterial que faça referência a uma época ou episódio marcante. Por isso, podemos incluir nesse contexto os costumes de um povo, suas tradições, publicações e também seus monumentos. E em João Pessoa, terceira cidade mais antiga do Brasil, são várias as edificações que contam a história da capital do Estado.

Esses gigantes de pedra, erguidos através do suor de povos com indígenas, negros e pardos, são, para cada geração, recortes palpáveis de um passado distante. No aniversário de 434 anos da capital da Paraíba, comemorado amanhã, não poderíamos deixar de falar da Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves.

De acordo com o historiador José Octávio de Arruda Mello, autor do livro História da Paraíba Lutas e Resistência, que está na sua 14ª edição, a construção da catedral data de 1585 e mesmo sendo, na época, uma simples capela, surgiu com o status de matriz. "Ela é o marco inicial de fundação da cidade", reforçou o historiador.

Quando os holandeses aportaram em terras paraibananas, em 1634, fizeram um relatório da região. Neste documento registraram que a capela matriz estava bastante deteriorada, mas somente em 1870 ela foi reformada e ganhou as feições atuais.

A partir da Igreja de Nossa Senhora das Neves saíram duas ruas principais, era o início do desenvolvimento da cidade de Nossa Senhora das Neves, que seguiu o modelo acropolitano (que vem do grego - Acrópole). Nessa estrutura, a edificação religiosa ficava localizada na parte alta da cidade e a fortificação na parte baixa.

Uma prova disso era que, no período colonial, existia o Forte do Varadouro, o primeiro a ser construído na cidade e que se localizava nas proximidades do Rio Sanhauá, onde hoje se encontra

o Porto do Capim, na parte baixa da então urbe. Mas, esse forte foi extinto e substituído pela Fortaleza de Santa Catarina.

Apesar de se localizar atualmente no município de Cabedelo, a Fortaleza de Santa Catarina começou a ser construída no século XVI, com o objetivo de proteger a capital paraibana das forças inimigas. Isso porque o colonizador português adotou o estilo medieval, que erguia grandes edificações fora dos limites da cidade. E a Fortaleza de Santa Catarina foi para eles o melhor local, estrategicamente falando, para implantar o forte, uma vez que unia o rio e o mar.

Outro historiador que relembra o desenvolvimento de João Pessoa é José Flávio Silva. Entre as memórias de fundação das igrejas e outras edificações, que integram o patrimônio histórico e cultural da capital do Estado, ele recorda um mito muito antigo envolvendo a Fortaleza de Santa Catarina e outro importante monumento do estado, o conjunto arquitetônico de São Francisco, que é composto pela Igreja de São Francisco, o Convento Santo Antonio e a Casa de Oração. Diz a lenda, que existe um túnel subterrâneo que liga a fortificação, situada em Cabedelo, ao conjunto franciscano. Mas esta hipótese seria impossível, uma vez que, mais de 15 quilômetros de distância separam as duas construções. "Se ainda hoje seria difícil realizar tal obra, imagine naquela época? O que existe no convento é uma espécie de suspiro, uma abertura para ventilar o local", contou José Flávio.

A obra franciscana começou a ser levanta no final do século XVI e foi uma das unidades religiosas que mais demorou a ser concluída. "A igreja tem estilo barroco, cheio de detalhes, e levou muito tempo para os membros da Ordem Franciscana terminarem o projeto. Foram cerca de 100 anos", destacou José Flávio.

Outro prédio que faz parte do patrimônio arquitetônico de João Pessoa é a Igreja de São Bento Gonçalves, situada na Rua General Osório, antiga Rua Nova. O



Foto: Marcos Russo

Casa da Pólvora (detalhe) e Igreja de São Francisco (centro) são patrimônios tombados nacionalmente pelo Iphan; a Lagoa do Parque Solon de Lucena (abaixo) é um dos principais cartões postais da cidade, até o início do século passado chamada de Lagoa dos Irerês

Entre 1935 e 1940, o governador eleito de forma indireta, Argemiro de Figueiredo, urbanizou a Lagoa



início de sua construção, realizada pelos beneditinos, ocorreu por volta de 1610, sendo terminada em meados do século XVIII.

O historiador José Octávio conta que ocorreram fatos inusitados nessa igreja. Na Revolução Pernambucana, no início do século XIX, os revolucionários realizaram uma ceia dentro da Igreja de São Bento Gonçalves para comemorar a emancipação do Nordeste. Eles também usaram a igreja como moradia por poucos meses. A igreja serviu ainda de presídio temporário, em 1942, quando ocorreu em João Pessoa, um forte movimento contra a colônia italiana que morava na cidade.

Muitas outras igrejas merecem destaque na trajetória política, econômica e social da capital paraibana, mas também vale lembrar de outros monumentos igualmente importantes.

+ Lagoa de todas as gerações

Uma das paisagens que chama bastante atenção e está viva no dia a dia dos pessoenses é o I Parque Solon de Lucena (Lagoa). Entre 1935 e 1940, o governador eleito de forma indireta, Argemiro de Figueiredo, urbanizou a espaço, antes chamado de Lagoa dos Irerês.

Segundo José Octávio, nesse mesmo período, ele ergueu o colégio Lyceu Paraibano e criou a Avenida Getúlio Vargas. Por fim, construiu o Cassino da Lagoa, que hoje funciona como restaurante, mas em meados do século XX funcionou como bar e sorveteria. "Por volta de 1950, o Cassino se tornou palco de grandes manifestações políticas", declarou José Octávio.

Em cada recanto de João Pessoa, seja na parte baixa ou alta da cidade, podemos encontrar indícios de uma época de conquistas, muitas delas marcadas por batalhas e conflitos políticos. Um deles é a Casa da Pólvora, que servia de armazém para guardar material bélico, situada no alto da Ladeira de São Francisco. Construída em 1710, foi a terceira da cidade. As demais não resistiram ao tempo. A construção da Casa da Pólvora foi motivada pela Guerra dos Mascates, em Pernambuco. "O receio era que o grupo

marchasse para a Paraíba", recordou Mello. A ameaça não se concretizou, e a Casa da Pólvora continuou com sua atribuição original por muitos anos, até perder a serventia.

As praças também refletem episódios relevantes na evolução urbana. Uma que faz alusão direta a João Pessoa, ex-presidente da capital paraibana, assassinado em 1930, é a Praça Presidente João Pessoa, também conhecida como Praça dos Três Poderes, por estar localizada entre as sedes dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário estaduais.

O monumento, instalado em 1933, em formato quadrilátero no estilo art déco, simboliza a coragem, o civismo e altivez do ex-presidente da cidade. "Esse monumento é obra de um escultor italiano chamado Uberto Cozzo, que morava em João Pessoa. O monumento é produto de um concurso lançado pelo governador Gratuliano Brito, para homenagear João Pessoa", contou José Octávio.

A capital paraibana, que foi inicialmente Nossa Senhora das Neves, Filipeia de Nossa Senhora das Neves, Frederica, Parahyba até chegar a João Pessoa, é um pedaço do Brasil repleto de valor histórico, artístico e cultural.

+ Cidade das fontes naturais

Na história da cidade de João Pessoa, vale reservar um capítulo para as fontes. Esses propulsores de água que garantiram a região em uma época em que não se imaginava ter redes de esgoto, muitas vezes passam despercebidas pela população. Entre as que existiram ao longo dos séculos, o professor e historiador George Vasconcelos destaca as Fontes de Santo Antônio, localizada no Conjunto Arquitetônico de São Francisco, e a de Tambiá, que está no Parque Zoobotânico Arruda Câmara (Bica).

"A água, tirada dessas construções belíssimas, era vendida no lombo de jumentos pelos chamados Aguadeiros, e matou a sede de incontáveis gerações de paraibanos. No período colonial, este era um ofício de pessoas negras livres, pobres e também escravizados", afirmou Vasconcelos.

O historiador ainda recorda da extinta fonte do Gravatá. Construída no século XVII, próximo à área onde está a Rodoviária de João Pessoa, a fonte foi soterrada em 1922.

Missa de Sétimo Dia
Aleide de Souza Zaccara

Ítalo Egídio Zaccara (in memoriam), os filhos Bob, Rosane, Regina e Renata; genros, netos e bisnetos, convidam para a missa em sufrágio da alma da querida ALEIDE, a ser realizada na segunda-feira (5), na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Miramar, às 17h.

A família, confortada na fé e na esperança, agradece a presença de todos.

Sonho de cidade

William Costa
wpcosta.2007@gmail.com

Os cochilos de rede que sobrevêm aos exercícios de ioga ou meditação quase sempre trazem sonhos bons. Corpo e mente relaxados, o inconsciente ora nos presenteia com belas, porém enigmáticas imagens, ora nos brinda com uma narrativa literal, digna das milenares contísticas árabes ou indianas.

Certa tarde, um desses sonhos que mais parecem antigos contos de fada presenteou-me com uma varinha de condão em cuja haste estava preso um pedacinho de papel azul, no qual estava escrito a

tinta vermelha: "Uso

restrito para ações que tragam benefícios para a humanidade e para a natureza".

Peguei a varinha mágica com a mão direita e principiei a imaginar o que fazer para melhorar a qualidade de vida de homens e mulheres que dividem comigo o tempo e o espaço, com evidente distinção do meio ambiente. Então, veio-me a ideia de aprimorar a cidade onde moramos, no caso, a capital paraibana.

Mas a capital é muito grande, se comparada aos demais municípios do Estado. Por conseguinte, seus problemas também são excessivos. Para uma transformação radical da cidade e da natureza, seriam preciso - valha-me Deus! - muitas varinhas de condão, preferencialmente de utilidade incondicional.

A saída que encontrei, até porque tempo de sonho é sempre muito curto, e eu não queria perder a oportunidade, foi escolher um ponto da cidade que me fosse muito caro, ou seja, o lugar que tor-

nou-se especial em virtude do quase indescritível bem-estar físico e espiritual que tal área suscita em mim.

Voei ligeiro para o ponto mais oriental das devastadas falésias do Cabo Branco - as varinhas encantadas têm esse poder de nos tornar seres alados -, que elegi para ser meu território sagrado, em cujo mirante - ou melhor, altar - oro, medito e reverencio, sempre muito agradecido por este gracioso prodígio celestial.

Sentado na asa do Farol, fiquei a observar o voo das aves marinhas e a ouvir os pássaros da terra. As peraltices dos macacos. Os répteis absortos. Os estranhos insetos. A flora diversa, de arcaicos cajueiros. O céu de cores e formas cambiantes. O vento inconstante. E o mar, de tantas boas e más histórias...

Era, porém, um sonho de passado. A pista asfáltica enfeava o presente, rachando o paraíso, cujas fauna e flora,

torturadas por prédios, pneus, gases e buzinas, agonizavam anônimas para as mil e uma pessoas que passavam lentas ou velozes, de carro, ônibus, bicicleta, moto ou a pé, todas indiferentes.

Toquei no quadro triste com a varinha mágica, afastando, quilômetro e meio a oeste, a via pavimentada com sua lajeira e tudo que remetes a asfalto, cimento, vidro, aço e insensatez. E o milagre operou-se. A atlântica mata reverdeceu, apinhando-se de bichos, gerando novas sensações de espanto.

A cidade e a natureza sorriam, agradecidas. O povo afluíu para escutar do mar sua história, ilustrada de paisagens tropicais.

Vieram as chuvas e as florações dos cajueiros, de suaves aromas. Satisfeito, toquei com a varinha em mim mesmo e acordei para esta sociedade moldada à imagem do pesadelo.

João Pessoa através de seus poetas e escritores

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Quer conhecer a alma de uma cidade? Sua respiração? Sua pulsação? Não se atenha apenas aos monumentos históricos, às suas belas praias ou aos seus pontos históricos. Recorra, também, e principalmente, aos seus poetas, seus cronistas, seus escritores. Com eles aprenderão muito mais da cidade do que com os historiadores.

Quando aqui cheguei, em 1979, não tive alumbramento apenas ao ver o mar. Correndo pelas ruas de Jaguaribe, encantava, antes de tudo, o acolhimento recebido. Foi como se eu ganhasse uma nova mãe, protetora como só uma Nossa Senhora das Neves sabe ser. Daí, me sentia à vontade para descobrir seus mitos, ritos. De desbravar areias e praias, de litoral a litoral, sem mais querer conhecer outros mundos.

Foi por este tempo que conheci seus artistas. Poetas, escritores, pintores, músicos, atores... nossa, que gama de talentos tem nesta terra, pense! Descobri o Varadouro através dos poemas de Políbio Alves, conheci sua história via poesia de Jomar Moraes Souto, descobri outros autores através das críticas de Hildeberto Barbosa Filho, já que nossos livros de história da época não falavam nada sobre João Pessoa.

Tornei-me cúmplice dos atos falhos de Sérgio de Castro Pinto, cai na tentação de descobrir o haikai de Saulo Mendonça, me tornei parceiro de Antônio Mariano e André Ricardo Aguiar

e virei fã da poética de Lúcio Lins sobre nosso marca de Cabo Branco. Depois, fiquei sabendo que os "estrangeiros" também amavam esta terra. Foi quando mergulhei na inventividade poética de Amador Ribeiro Neto e Lau Siqueira e nos contos acima da média de Rinaldo de Fernandes.

Como acima da média foram chegando em minha estante outros autores. E lá estão Marília Carneiro Arnaud, Letícia Palmeira, Roberto Menezes, Maria Valéria Resende, João Batista de Brito. Outros poetas como José Antônio Assunção e seu até hoje antológico "Câncer no pêssego". Débora Gil Pantaleão e Anna Apolinário me ensinando uma nova poesia. Ou Águia Mendes, traduzindo Jaguaribe para o já adolescente. E o que dizer dos cronistas? Como traduzir esta cidade sem a leitura quase diária de Gonzaga Rodrigues, Luiz Augusto Crispim e, depois, Ana Adelaide?

Através destes e de outros autores compreendi cada paralelepípedo desta cidade. Cada manha e mania de nossa gente. E fui me apaixonando de tal forma por esta cidade que acabei me tornando completamente dependente de suas matas e mares.

Aqui, onde o sol nasce primeiro, a poesia, a crítica, a crônica, o conto e o romance hão sempre de escrever novas páginas no mapa-múndi da literatura.

Como se fosse uma revelação aos legados de José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna e José Américo de Almeida.

Os botecos por onde andei

Phelipe Caldas
phcaldas1982@gmail.com

Como bons boêmios que éramos naqueles tempos de desabrochar da juventude, não ligávamos muito para a qualidade do boteco. Aliás, ligávamos sim - como não? -, mas apenas porque quanto mais simples ele fosse, quanto mais a vontade pudéssemos ficar, quanto menos requintado e organizado, melhor nos sentíamos. Mais felizes, mais empolgados, mais sedentos.

Tínhamos, a nosso modo, rígidas exigências. Cerveja estupidamente gelada, copo americano que eventualmente poderia terminar de ser limpo com a parte interna de nossas camisas, tiragosto barato, pimenta braba para acompanhar, mesas próximas para interagir.

Boteco bom era aquele que o garçom jogava uma grade de cerveja embaixo da mesa para, a partir daí, sem lá muita cerimônia, acumularmos os cascos vazios de Brahma que ingeríamos numa agilidade típica dos profissionais. Boteco bom era aquele que chamávamos o garçom pelo nome, o dono mal-humorado murmurava por detrás do balcão, a algararra dos diferentes grupos se fundia em uma só. Boteco bom era aquele sem comanda, que a conta só era definida no final, no contar das garrafas orgulhosamente postas por debaixo da mesa e no lembrar de cabeça daquilo a mais que foi pedido.

E isso tudo em meio às risadas altas e aos muitos brindes solenemente ofertados em nome

de sabe-se lá o quê. Em meio às saideiras intermináveis e daquela derradeira para agradar o freguês. Desculpas vãs, pois, para se beber mais, para saciar a sede que insistia em não ser saciada, para virar copos de cerveja gelada que convidativamente nos faziam imaginar capazes de mudar o mundo com um copo na mão.

Boteco bom, afinal, não era nunca chamado de boteco, mas de bar mesmo. Ou "bá", sem erre, mas com acento. Simples assim. Sem falso desbunde de quem adota pretenso estilo popular para se dizer descolado.

Por sinal, desconfie-se dos lugares que se autodenominam boteco. Em regra são fraudes, tentando passar por aquilo que nunca serão.

Porque boteco é título dado só e somente só pelo boêmio, pelo bebedor, pelo bêbado, que como um trovador declama aos quatro cantos a condição de boteco de um espaço mágico e de memórias afetivas. E é assim que bar vira boteco, pelas vozes e pelas histórias mágicas de seus frequentadores inveterados.

Não foram poucos os botecos por onde andei em minha João Pessoa.

Piso de barro, cimento batido, banheiro sujo, debates intensos e democráticos. Diurno ou noturno. Bêbados até o adeus do sol; ou até os primeiros raios do amanhecer, quando os notívagos se recolhiam felizes pela sua condição de boêmio e andarilho.

Já percorri os sambas do Pau Mole com a vista das águas revoltas do píer de Tambaú. Já

amanheci na velha Macaxeira, perto dali, naquele mesmo bairro, quando a cerveja custava um real e nos acomodávamos por detrás do prédio redondo do antigo mercado de artesanato. Já tirei a paciência de Lipa, lá na Torre, batendo na garrafa com um garfo para pedir uma gelada mais. Já vi pelada de futebol, já sonhei com o céu azul de minha cidade, na Fava do Jardim Luna, bem na beira do abismo que fazia o imponderável se tornar próximo.

Já vi a cultura pulsar no Kibe do Paulista, na Lagoa marginal de antigamente, talvez mais precária, certamente mais alegre, mais rica e musical.

Já vi livros brotarem no Bar do Baiano. Boteco transformado em sebo, em púlpito de escritores, tribuna de poetas, cronistas e sonhadores. Como já vi cerveja brotar lá nas Tabajaras. Sebo transformado em boteco. Leitores que se transmutam em conversadores incontinentes e em compositores desafinados.

Já perdi o prumo nas vielas do Centro Histórico. Achando-me apenas ao seguir o chorinho que toca - e sofre - nos ritmos de sábado à tarde.

Já chorei. Sofri. Dancei. Bêbado. Nos mercados públicos da cidade. Nas andanças lentas pelos bairros. Nas favas. Nos caldinhos. Nas feijoadas. Nas cervejas. Geladas. Nas cachaças de pé de calçada. Nas rodas de amigos e de desconhecidos. Que ofereciam uma cadeira, um copo e um papo para embalar.

Não precisava de mais nada para ser feliz.



PM usa inteligência artificial e 'Internet das Coisas' na PB

Projeto com base tecnológica testado no São João de CG evolui para combate ao furto de celulares na Paraíba



O economista Jorge Gomes se dirigiu à catraca, passou pela revista por detectores de metais e entrou no Parque do Povo, em Campina Grande, para prestigiar o "maior São João do mundo". Ele não percebeu que cada movimento seu era gravado por 265 câmeras de segurança, distribuídas em locais estratégicos. A ação de reconhecimento facial de imagens dessas câmeras, empregada pela Polícia Militar, culminou na prisão de 11 foragidos durante o período da festa. A novidade é que no próximo ano, Jorge Gomes poderá curtir o São João com mais tranquilidade, sem medo de ter seu celular furtado; a tecnologia permitirá descobrir onde irão parar os celulares furtados (isso, se algum ladrão se atrever!).

Esse projeto digital para a segurança pública nasceu a partir de uma pesquisa de mestrado na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A reportagem entrevistou Jimmy Felipe, Policial Militar e autor da dissertação pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, que integra o Centro Multiusuário de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança.

Os resultados das ações de segurança pública durante o São João de Campina Grande apresentam números impressionantes. "Na verdade, foram feitas 12 apreensões, ou com quebra do regime (não deviam estar frequentando locais públicos) ou com o mandado de prisão em aberto", revela Jimmy. "Mas um desses casos é inédito na literatura criminal no Brasil. A leitura facial identificou o irmão gêmeo do acusado. A polícia ainda trabalha nesse caso. Entre os onze presos, havia uma mulher, extremamente maquiada. Mesmo assim, o sistema a reconheceu. Outro tentou um disfarce usando um chapéu grande com óculos, sem sucesso. Acabou na cadeia."

O São João de Campina é, realmente, grande. Jorge Gomes foi um dos cerca de um milhão e 600 mil visitantes que passaram pelas catracas do Parque do Povo do dia 7 de junho à madrugada do dia 8 de julho. É a maior festa contínua no Brasil, numa área extensa (2 hectares). A inteligência artificial, base do sistema de biometria facial, também foi usada na contagem do público, feita através de câmeras posicionadas nas entradas, onde estavam as catracas. Cada pessoa que entrava, contava-se um, e cada pessoa que saía, subtraía-se um do total. Esse procedimento forneceu com precisão o número de participantes a cada dia da festa.

Mesmo diante desse espectro, a redução dos incidentes registrados pela PM, na área do evento, foi de 85%, comparado a 2018. E a população aprovou a operação: o Instituto de Pesquisa Datavox revelou que o monitoramento por câmeras recebeu a aprovação de 95,7% dos entres-



Foto: Divulgação

Ideia adotada pela equipe de Segurança nasceu a partir de uma pesquisa de mestrado desenvolvida na UEPB

tados. O evento foi seguro para 60,7% e extremamente seguro para 23,9%.

Jimmy Felipe conta que iniciou o projeto de biometria facial em 2017 e apresentou-o na terceira edição da Expotec - Feira e Congresso de Tecnologia, realizada em João Pessoa. Dando seguimento, a apresentação foi feita aos superiores da Polícia Militar, que desenvolveram uma operação piloto para o São João de 2018. Com o sucesso obtido, os procedimentos foram totalmente implementados no Parque do Povo e arredores, em 2019.

"A dissertação trabalha com a integração de redes e sensores para a segurança pública. Num primeiro momento, as informações estão isoladas. Tenho os dados da polícia de um lado, os dados das centrais de inteligência, de outro; e, durante a festa, estou gerando novas informações, organizadas em outro banco de dados. A integração desses dados é o que resultará nas informações que precisamos para partir pro trabalho de campo, que é perseguir o acusado e prendê-lo. E avaliação dessas informações é o trará melhorias para a segurança pública", explica Jimmy Felipe.

O policial, formado em Direito, continua dizendo que "o rigor da vida acadêmica foi o que permitiu fazer essa proposição para a vida profissional. Essas informações têm uma perspectiva prática e também uma perspectiva acadêmica para o desenvolvimento de melhorias e novas aplicações".



Foto: Divulgação

Jimmy Felipe conta que iniciou o projeto de biometria facial em 2017



Dispositivos com sensores de localização

Cada pessoa que entrava no Parque do Povo teve a biometria facial realizada na sua face. As imagens foram direcionadas a um servidor; o servidor fazia o recorte da cabeça, e enviava para outro servidor usando algoritmos de inteligência artificial que, supervisionado por pessoas, fazia o comparativo com a base de dados formada com documentos da Polícia Militar da Paraíba e de outros estados, e dos serviços de inteligência. Assim que ocorria uma identificação, a informação era passada para as equipes de policiais militares e do Corpo de Bombeiros, pelo rádio-comunicador.

Jimmy Felipe foi o coordenador da central de monitoramento, construída exclusivamente para o momento da festa e depois, desmontada. Diariamente, 10 policiais da Polícia Militar e sete dos Bombeiros se revezavam no acompanhamento das câmeras.

"A novidade é que nesse ano,

testamos uma avaliação com sensores para combater o furto de celulares. A área do Parque do Povo possui uma rede de Internet. O visitante podia escolher se queria se conectar à rede, ou não. A partir do momento em que ele se conectava à rede, o endereço utilizado por aquele celular passava a ser monitorado. Caso o celular fosse furtado, tínhamos condições de acompanhar o local onde estivesse", revela Jimmy Felipe. O experimento foi executado em torno de 10 mil celulares, um número modesto, para o tamanho do público, mas para teste de tecnologia, foi o suficiente.

A evolução nessa integração ocorre fazendo com que o celular seja um sensor integrado à rede do Parque à qual, por sua vez, é integrada à da polícia. A integração dá condições de trabalhar na perspectiva da segurança pública: mesmo que todos os dados do celular sejam deletados pelos la-

drões, formatando os softwares do aparelho, a polícia tem condições de localizá-lo. "Isso é fantástico", comenta o economista Jorge Gomes. "E o mais legal é que esse mesmo sistema poderia ser usado em outros lugares da cidade, no Centro, em praças, não é?"

Essa é a perspectiva do policial Jimmy Felipe: "Não ouvimos tanto falar em Internet das Coisas? Essa é uma de suas aplicações". Essas experiências podem ser transformadas em política pública para outros eventos e para outras áreas de convivência das cidades.

O monitoramento da segurança por vídeo será implementado pelo Governo do Estado em João Pessoa, Campina Grande, Patos e em pontos nas divisas de estados. De acordo com o governador João Azevêdo, o projeto prevê a instalação de 1300 câmeras que estarão dispondo de informações desde a identificação de placas de veículos, até reconhecimento facial.

/// A dissertação trabalha com a integração de redes e sensores para a segurança pública. Num primeiro momento, as informações estão isoladas ///

Ciência e gestão como aliadas

Num momento em que o debate em torno da Segurança Pública está nos noticiários da Paraíba, fomentado pelo 13º Fórum Brasileiro de Segurança Pública, realizado na semana passada, no Centro de Convenções, em João Pessoa, a aplicação da biometria facial em ações de segurança na Paraíba demonstram o quanto a tecnologia é, cada vez mais, uma aliada.

Não só na segurança, mas no processo de convívio social como um todo. "Esses desenvolvimentos em tecnologia estão mais próximos do que imaginamos. O importante é identificar que problema público pode se beneficiar com essa integração?", questiona o professor Cláudio Lucena, vinculado ao Centro Multiusuário de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança da UEPB, em Campina Grande - uma iniciativa da Secretaria Estadual de Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT).

Entre os propósitos do Centro, Lucena avalia que "nosso objetivo número 1 é instrumentalizar o Executivo e o Legislativo da Paraíba para a

construção de políticas públicas. De que forma: levantando dados. Isso evita as impressões subjetivas, que podem estar equivocadas. Estamos trabalhando em dados para indicar aos gestores públicos um quadro mais completo das necessidades do Estado. Essa é a 'gestão pública baseada em evidência'; um procedimento que dá trabalho aos órgãos do Estado e do Legislativo, porque esse é um trabalho de pesquisa, e a universidade tem essa força de pesquisa".

Outra vertente do centro é o que entende-se como governança com relação aos novos fatores advindos do avanço da tecnologia. "Como iremos regular atividades que as pessoas não exerciam? O carro autônomo: é uma realidade. Quais serão as normas para esse tipo de mobilidade? E o uso de drones?", aponta Cláudio Lucena. Ainda não há regulamentação específica para o uso de biometria facial. O Centro está executando um estudo em cima desse e de outros problemas. "Estamos fazendo um mapa visual de áreas regulatórias voltadas à tecnologia", explica o professor.



Foto: Alice Venturi/Divulgação

Fotos: Divulgação



Trabalho inédito identificou a atuação de brincantes de bábau na capital do Estado, João Pessoa, e nas cidades de Bayeux, Guarabira, Bananeiras, Lagoa de Dentro, Pedras de Fogo, Mogeiro, Cruz do Espírito Santo, Sapé, Mari e Sobral

Mapeamento identifica grupos de brincantes de bábau na PB

Cia Boca de Cena lançará até o final deste ano catálogo inédito em e-book com resultado da pesquisa no Estado

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Na Paraíba existem pelo menos 15 brincantes de bábau vivos e atuantes. São indivíduos na faixa dos 30 aos 65 anos de idade e a maioria reside nas regiões do Litoral ao Brejo. Esses são dados que foram coletados pelo mapeamento - inédito, em âmbito estadual - realizado a partir de 2014 pela Cia Boca de Cena, que existe há mais de duas décadas e cuja sede se localiza na cidade de João Pessoa. No momento, dois integrantes do grupo - a diretora, coordenadora pedagógica e de pesquisa, Amanda Viana, e Anderson Santana, responsável pelo design gráfico e revisão - trabalham na finalização do material, que será lançado em formato de e-book até o final deste ano, que - a princípio - vai estar disponibilizado para consulta no site da própria Companhia. E, posteriormente, havendo condições financeiras, será publicado como um catálogo impresso.

"O objetivo do mapeamento é registrar onde vivem, se são ativos ou inativos os brincantes de bábau na Paraíba. Esse resultado é provisório, porque iremos fazer atualizações desse trabalho a cada dois anos e publicá-los. O lançamento no formato impresso dependerá se conseguirmos apoio financeiro para esse projeto. Acho que esse trabalho é de extrema importância porque é uma atividade que passa por dificuldades, das quais uma é a transmissão do saber. Há brincantes de bábau idosos e um deles faleceu neste ano e outros dois no ano passado. Por isso, nosso objetivo também é o de que esse mapeamento venha a ser utilizado como conteúdo pelos professores nas escolas, para que o saber seja repassado e possa até despertar os jovens para essa atividade, numa forma de educação patrimonial", disse Amanda Viana durante entrevista para o Jornal A União.

Na verdade, Amanda Viana lembrou que a pesquisa a respeito dos brincantes de bábau - que é o teatro de bonecos popular - começou em 2009, mas o trabalho de campo foi iniciado em 2014. Ela comentou que a ideia surgiu quando a Cia



Popularmente conhecido como teatro de bonecos, atividade passa por dificuldades, das quais uma é a transmissão do saber entre as gerações

Boca de Cena - que completará 23 anos de existência no próximo mês de outubro - despertou para a execução de um trabalho de registro dos brincantes de bábau nas ocasiões em que visitavam cidades da Paraíba para apresentar seus espetáculos em projetos - com o apoio de algumas instituições - e, também, realizar ações de educação patrimonial.

O mapeamento apontou a existência e atuação de brincantes de bábau na capital do Estado, João Pessoa, e nas cidades de Bayeux, Guarabira, Bananeiras, Lagoa de Dentro, Pedras de Fogo, Mogeiro, Cruz do Espírito Santo, Sapé, Mari e Sobral. A maior concentração foi detectada nas regiões do Litoral ao Brejo. Já no Serão e no Cariri não houve registro de brincantes. Na opinião de Amanda Viana, há uma explicação para esse dado demográfico. "Nos anos 1940, muitos dos brincantes - a maior parte oriunda de Pernambuco e Rio Grande do Norte - vinham trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar e se estabeleciam naquelas regiões da Paraíba", justificou ela, acrescentando que o e-book ainda conterá biografias e fotos dos brincantes registrados pela pesquisa desenvolvida pela Cia. Boca de Cena.

Sobre a Companhia

Entidade de cunho cultural e de direito privado, a Cia Boca de Cena foi criada com o intuito de pesquisar, documentar e difundir a arte bonequeira no Estado da Paraíba pela atuação junto aos mais variados setores da sociedade. O objetivo é apresentar ao público a diversidade cultural do teatro de animação, mas também investigar, produzir e fomentar conhecimentos específicos sobre esta linguagem artística em âmbito nacional. Nesse sentido, são algumas das metas a realização de pesquisas que atinjam a essência da popularidade nordestina, aliada à poesia e as novas tecnologias, bem como a elaboração de projetos em benefício da salvaguarda do teatro de bonecos popular do Nordeste, a manutenção e a visibilidade da linguagem para as futuras gerações.

Artigo

Intervozes
Carta Capital

MPF vai à Justiça contra fusão da TV Brasil com canal do Executivo

O futuro da única empresa pública de caráter nacional do país é incerto desde a campanha presidencial. Enquanto candidato e depois como presidente, Bolsonaro já deu inúmeras declarações contraditórias sobre o que pretende fazer com a Empresa Brasil de Comunicação, a EBC. Primeiro, defendia sua extinção; depois, sua privatização. Por fim, resolveu se apropriar de seu potencial de difusão informativa em todo o país para transformar os canais geridos pela EBC em verdadeiras máquinas de propaganda do governo. Um dos mais afetados foi a TV Brasil que, em abril deste ano, foi alvo de uma portaria determinando a fusão de sua programação com a da NBr, o canal de TV estatal do Poder Executivo.

A ilegalidade e inconstitucionalidade é tamanha que levou o Ministério Público Federal (MPF) a entrar com uma Ação Civil Pública pedindo a anulação da portaria e exigindo que a EBC e a União, de maneira permanente, não mais insiram conteúdos estatais na TV Brasil.

Desde a publicação da portaria, a emissora, que nasceu em 2007 como um dos principais mecanismos de efetivação do princípio constitucional da complementaridade entre os sistemas público, estatal e privado de comunicação, passou a abrigar em sua programação diária horas e horas de conteúdo governamental, produzidos por servidores ligados à NBr. Nos programas de entrevistas veiculados pela TV Brasil, só convidados ligados ao Executivo ou à base de apoio do governo. No principal telejornal do canal, exibido à noite, cerca de 40% do conteúdo veiculado vem diretamente da comunicação do Planalto.

Na prática, enquanto o debate público sobre a empresa de comunicação é mantido longe da sociedade em geral, o governo Bolsonaro dá cada vez mais sinais de que já entendeu muito bem o tamanho de sua importância e alcance e, exatamente por isso, tem aumentado o nível de controle e censura, atropelando a diferença fundamental entre os veículos de caráter público e os estatais.

Além da Constituição, os procuradores regionais dos Direitos do Cidadão no Rio de Janeiro, Sergio Gardenghi Suaiama e Renato Machado, basearam a Ação Civil Pública na Lei Federal 11.652/08, que criou a EBC, e que determina, em seu Art. 2º, a "autonomia em relação ao Governo Federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdo no sistema público de radiodifusão".

Já o Art. 3º diz que, entre os objetivos dos serviços de radiodifusão pública, está o de "oferecer mecanismos para debate público acerca de temas de relevância nacional e internacional", claramente prejudicado num contexto em que o governo federal define o que vai ao ar ou não no canal público de televisão e que devia, por-

tanto, estar a serviço de informações de relevância para a sociedade em geral, garantindo espaço para pontos de vista que representem sua composição e diversidade, cumprindo papel essencial na construção da democracia no país.

Para Suaiama e Machado, além da inclusão indevida de programações tipicamente estatais e de interesse dos atuais ocupantes do Poder Executivo no canal público federal, o caso se agrava porque o telespectador da TV Brasil não tem qualquer possibilidade de "distinguir com clareza quais programas ou emissões tratam da divulgação, pelo Executivo, de atos de governo ou emulações de seus feitos, e quais cuidam, de forma imparcial e independente, da cobertura jornalística dos fatos nacionais e internacionais".

O jornal estatal "Brasil em Dia", por exemplo, veiculado de manhã em substituição ao telejornal público "Repórter Brasil" não possui nenhum logotipo ou marca que indique ao telespectador que as matérias são de conteúdo governamental. Apenas as inserções com duração de até 3 minutos, que antes eram de caráter público ("Notícia Agora"), agora possuem clara referência a conteúdo estatal, passando a se chamar "Governo Agora", sendo mais um espaço de propaganda do governo no canal.

Na avaliação dos procuradores, a pretexto de reduzir despesas, a nova direção da empresa literalmente invadiu o canal público com conteúdos de nítido interesse do Poder Executivo, inclusive interrompendo a programação normal da TV Brasil para a transmissão de solenidades no Palácio do Planalto – algo que, antes da fusão, cabia à NBr.

Para o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal, que foi acionado pelo MPF para a obtenção de informações sobre as mudanças na empresa pública, a unificação das TVs também se deve ao fato de a NBr não possuir audiência relevante, enquanto a TV Brasil tem hoje, segundo o IBOPE, a sétima maior audiência do país nas TVs aberta e por assinatura. De acordo com o Sindicato – que em gestões anteriores do Planalto também denunciou ingerências governamentais no canal público –, o quadro atual extrapola todas as situações registradas anteriormente, com a perda total do caráter público da empresa.

A EBC, por exemplo, nunca havia destinado tamanho espaço para programas que divulgam as ações das Forças Armadas – setor que está à frente da Secretaria de Governo, responsável pelo gerenciamento da empresa pública. A nova grade da TV Brasil exibirá ao menos quatro programas para as Forças Armadas: dois para a Marinha, um para o Exército e outro sobre a "Missão Antártica", que envolve a participação da Força Aérea Brasileira.

José

Mário da Silva

APL – ALCG

Waly Salomão e a interminável aventura da linguagem

Para o confrade
José Octávio de Arruda Mello

Terceira margem do rio da interminável aventura da linguagem. Signo complexo, uno, multi-fragmentado e aberto a todas as direções do universo: seu texto, intertexto e macrotexto. Poeta em tempo integral, desfronzeirizado, sumamente louco e densamente lúcido. Hibridismo do hibridismo, dança alucinatória de todas as linguagens. Coreografia infinita de todos os contrários. Impossível síntese de todas as contradições. Mosaico de citações.

Inimigo de todos os maniqueísmos. Inenquadrável. Abalo sísmico dos gêneros. Performático e (des) encenável. Ruptura das rupturas. O triunfo do artifício. A conversão da vida em arte. A perda das identidades. A mistura dessacralizadora dos gêneros. A blague e a seriedade de mãos dadas. A morte das classificações. A derrocada das meta-narrativas. O acinzentamento das epistemologias. A ressurreição dos (des) conceitos. O hermetismo elétrico das clarezas insondáveis. A assumida obscuridade dos signos desautomatizados.

A literariedade em estado (im) puro. O lirismo cósmico e caótico. A érica imemorial de todas as origens. O inarredável apego telúrico. O cosmopolitismo triunfante. A suspensão do tempo. A liberdade mais indomável. A errância ontológica. A negação do ser e do não ser. A solaridade cegante. A lunaridade que ilumina. O altar sem deuses. O verso polimétrico e fugidio. A sombra e a luz. Os abismos do entretexto. O mergulho no oceano da língua. O voo fatal nos indesejáveis horizontes da linguagem.

A comédia e a tragédia enamoradas no fluir irreprimível de todos os cotidianos. A rima (im) perfeita. O metro irregular. O poema total. O gênese e o apocalipse. A poesia (ir) real. A fotografia e o delírio. A mimese e a desrazão. A cidade e o deserto. A beleza e as ruínas. A ânsia de eternidade e a sede de infinito. Todos os intertextos do mundo. A solidão acompanhada de todas as horas. A casa e o campo. A insuportável dor do viver. A face e a máscara na dialética dos anômicos jogos sociais. O desejo da ordem e a ordem do desejo.

A Bahia, sem tantos santos assim. A brisa e a neblina. O ninho de cobras. A bossa e todos os seus balanços. Os trópicos e a tropicália. O marginal à margem de todas as margens. O sempre presente. O invisível e o ilocalizável. A fonte insecável de todas as inspirações. As pessoas do Pessoa, heteronimicamente. O tudo-nada no inapagável lusco-fusco da linguagem. O silêncio e o grito. A vândala prosa, cronoematicamente arredia a todos os sistemas.

O guerreiro na paz aventureira das suas guerras sem fim. O discurso concreto revelando o avesso do avesso de todas as esquinas. A poesia total. A poesia fatal. A poesia no fundo do poço de todos os seus (des) limites. A interminável aventura da linguagem. O louco hemisfério. Aquele que, pessoalmente, quis sentir tudo de todas as maneiras. Waly Salomão, Waly Salomão, Waly Salomão.

O (des) programático. O (anti) sistêmico. O caldeirão fervente das linguagens. O cinema. A publicidade. O design gráfico. O jornalismo. Todas as tecnologias. A idade da pedra. O culto do sonho e o cultivo da ação. O sonambulismo e a claridade cegante dos olhos indormidos. Waly Salomão, Waly Salomão, Waly Salomão.

A irreverência consagrada. O lirismo dos bêbedos, dos loucos e dos clowns de Shakespeare, bandeirantemente. O borbulhar do gênio. A casa e a rua. As praças e os templos. O vento, a ventania, o vendaval. O cataclismo, o sertão, o oceano, a contribuição milionária de todos os erros. Urro na estrada. O silêncio na alcova. A melancolia infinita. A (in) certeza de que a alegria jamais deixará de ser a prova dos nove.

O saber e o sabor. O ritual de todas as paixões. Waly Salomão, Waly Salomão, Waly Salomão. O (sem) fim de todas as vanguardas. A vocação das origens. Transnacionalidade cosmopolita. O vulcão, o vulcão, o vulcão. As Veredas do Grande Sertão. Diadorim e suas neblinas. Nonada. Não nada, o nada-tudo de todos os mitos. O poeta e seus ilimitados cumes. O poeta, o profeta, o esteta. Waly Salomão, Waly Salomão, Salomão. Os duplos do duplo. A errática travessia. O escorregadio itinerário. O eterno labirinto. As galáxias e as estrelas. O poema e a poesia. Waly Salomão, Waly Salomão, Waly Salomão. O resto é silêncio.

Crônica

Kubitschek Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

A última gargalhada, 1924

Sem saber se a vida que me leva deixou de ser real ou virou uma falsa euforia, vou correr para desafiar as leis da necessidade; as leis dos homens e das mulheres. Na verdade, eu queria ser A Rosa Púrpura do Cairo e sair da tela pela cidade que faz aniversário amanhã. Mas hoje é domingo e estou revendo "Festim Diabólico", de Hitchcock.

Movido por uma necessidade chamada tesão, eu vou além dos laços. Depende. Miro o fingimento dos poderosos e aperto a mão da moça que vende rosas às 22h no sinal fechado, em Tambaú. Ela piscou o olho e eu quase me agarro no pescoco da sua chandon. "É meu ganha pão, amor", disse suspirando. Não sei pó que essa história de todo mundo chamar mundo de amor.

Num digo nada.... (parênteses). Vamos na porrada acabar com o feminicídio? Esse é o mês do aniversário de Dona Maria da Penha.

Já paguei as contas e entre guerras de mudos, mulas e mundos de diversões e invasões de Marte, decidi que gosto de Juazeiro e adoro João Pessoa. Isso sem falar das operações Xequê Mate, Calvário etc. Um passo a frente, um passo atrás.

Um sonho e uma ilusão. Eu conhecia a vida já antes de me conhecer. Todo dia me olho no espelho, porque Narciso acha feio o que é espelho. Assim é cidade que faz aniversário nesta segunda-feira.

O Centrão está abandonado. Cenários em ruínas. De noite lembra um filme de terror. O jornalista Petrônio Souto disse que quando a praia explodir (e já explodiu), as pessoas vão voltar a morar no centro da cidade. Não acredito. Eu me libertei das crenças, credos, cruces, bodas e baladas.



Apesar de passar mais tempo na cidade, eu não consigo ver João Pessoa como era em 1975, quando aqui cheguei. Eu era um garoto com o martelo de Xangô na mão, sem querer ouvir os Beatles. Esquece. Os rapazes de Liverpool merecem aplausos. Let it Be.

Em momentos de graça e desgraça, nem Tambaú que era kitch, nem Miramar que era clássico, escaparam do progresso que nunca apelou para o bom senso. Só falta voltar a matança das baleias. Aí eu saio à francesa para chorar lágrimas de chuva no Corcovado.

Se tem uma coisa que eu gosto, é gargalhar. O clã dos paletós encardidos, das maravilhas e horrores precisam conhecer o filme "Soldado de Laranja". Mas o caminho certo é "A última gargalhada, 1924", de F.W.Murnau.

Eu passei muitos dias pensando nesse filme, que a conta a história de um idoso porteiro do Atlantis, um luxuoso hotel de Berlim, que sente orgulho do seu trabalho e se comporta como um imortal em seu brilhante uniforme, sendo tratado com respeito pelos seus amigos e vizinhos.

Um dia o novo gerente do hotel se mostra insensível quando o velho

porteiro para um pouco para se recompor, após carregar uma pesada bagagem, e assim o gerente decide que ele é muito velho para o cargo e o rebaixa para criado (foto do banheiro masculino. Isto provocou um efeito desastroso na vida do homem e na sua autoestima. Mas isso acontece todos os dias.

O que o cinema tem a ver com o aniversário da cidade? Nada. Se a morena pede que eu tire a bermuda porque ela quer me ver sério, eu fico nu e em Pacaembu. E tu? Queria detonar quem massacra os operários, copeiros, contínuos e criados. Os estúpidos no trânsito da cidade, dos que passam na frente dos outros, que esbanjam luxo, além das figurinhas que ficam dizendo que as coisas dos outros são suas. Deixa de onda, meu!

Sem saber se essa vida deixou de real ou online, eu só lamento não ter conhecido a "Churrascaria Bambu" com suas noites de brisa e trágicas, onde foi morto um pobre diabo.

Extra! Extra! Li que Tarantino vem a João Pessoa filmar essa história da Bambu. Ai sim, o sangue vai dar na canela. Parabéns, cidade!

Kapetadas

1 - Ontem comi pipoca de microondas e parecia que eu estava mastigando um pedaço do inferno

2 - uma dica super bacana pra quem tá achando muito doido lidar com as notícias de Brasília: se apaixonar. Ao invés de ficar sofrendo pelo país você vai passar o dia suspirando por alguém que não te quer.

3 - O Governador do Rio de Janeiro vai conseguir fazer com que fumar maconha volte a ser um ato de rebeldia.

4 - Som na caixa: "Feliz aniversário, envelheço na cidade", do Ira.

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

O encontro de Otto com o documentário "Parahyba"

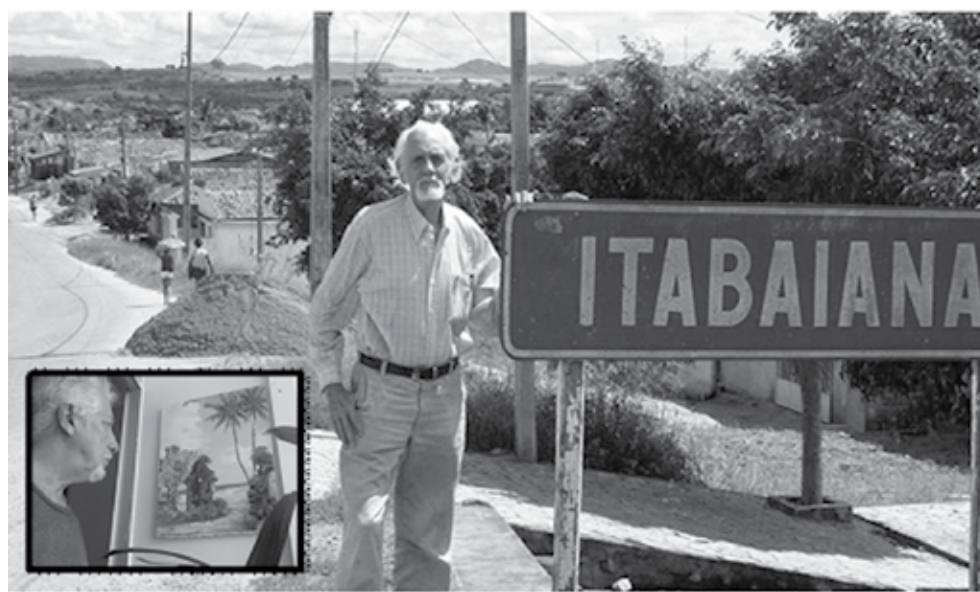
Foto: Divulgação

Levando em conta a importância da cidade de Itabaiana para as artes, não seria exagero algum se comparar a alegórica sonoridade de Sivuca, em música e fama, com a notoriedade do também muito artista Otto Cavalcanti, nas artes plásticas. Afirmo isso, em razão do legado que eles deixaram. Fenômenos que ambos só conseguiram após atravessarem as fronteiras paraibanas. O maestro Sivuca, foi-se de sanfona e mochila do Rio de Janeiro para o mundo; Otto, ainda na aurora do que mais tarde lhe somaria em "combinismo de formas visuais", igualmente migrou de sua Itabaiana para Barcelona, na Espanha, só retornando ao Brasil em 1984.

Pois bem, foi nesse seu retorno catalão que o conheci em Fortaleza, Ceará, em 85, durante a realização do festival de cinema. Ele tinha acabado de chegar de Barcelona, onde residia desde os anos 70, decidindo então ficar no Brasil até 1996, quando retornaria em definitivo à capital espanhola.

Nosso encontro foi meramente casual, durante uma exposição de arte, e se deu no âmbito da Casa Amarela, local deveras frequentado por pesquisadores, artistas, professores e alunos da Universidade Federal do Ceará, por ocasião de minha ida à Fortaleza, representando a produção de "Parahyba", documentário dirigido por Machado Bitencourt. O filme participou do Festival Cearense de Cinema Brasileiro, sendo laureado duas vezes naquele ano, inclusive com uma estatueta Iracema de Melhor Roteiro, premiação que me coube de fato, além de certa quantia em dinheiro.

Interessado pelo "Parahyba", que trazia a história de sua terra natal, Otto Cavalcanti me procurou e, ali mesmo na expô, tivemos



um extenso bate-papo sobre o Quarto Centenário da Paraíba. Evento que motivara o documentário e que tivera início em agosto daquele ano, em João Pessoa, e continuava sendo realizado em várias regiões do estado com a exibição do filme e lançamento de publicações, com palestras minhas e do nosso coordenador geral e historiador José Octávio de Arruda Mello.

Foi quando Otto me convidou para que conhecesse o seu ateliê. Gostei de ver aquele ambiente digno de criação. Ao nos despedirmos, ele disse: "Alex, esta é uma simples lembrancinha para você". E entregou-me uma tela pintada à óleo, retratando as ruínas de uma capela da época da colonização da Paraíba, que me induziu a crer ainda existir

nas cercanias de Cabedelo, e que exponho até hoje no meu apartamento. Fiquei agradecido e encantado com sua generosidade!

Tanto que, numa quinta-feira não muito recente, me fiz presente à Galeria de Arte Archidy Picado, por ocasião da abertura de uma exposição, na Funes, de algumas das muitas obras de Otto Cavalcanti, para homenagear a cidade de Itabaiana, nos seus 125 anos. Urbe que o viu nascer e crescer, mas que hoje, acredito, deve lamentar o seu recente falecimento em Barcelona, aos seus quase 90 anos de idade. Itabaiana que se privou de sua presença física e da fase mais criativa e importante de sua obra. - Mais "coisas de cinema", acesse o blog: www.alexantost.com.br.



"Eles não usam black-tie" no Cineclube-FCJA

O Cineclube da Fundação Casa de José Américo exibe na próxima quarta-feira (07), às 19h30, o drama nacional "Eles não usam black-tie", de Leon Hiszpan, baseado na peça homônima de Gianfrancesco Guarnieri, também protagonista do filme. O comentário é do professor Fernando Trevas. A película foi premiada em festivais internacionais, com destaque para o Festival de Veneza, onde recebeu o Leão de Ouro.

O filme foi selecionado pelo Conselho do cineclube da FCJA, que vem sendo ordenado por Rejane Mayer Ventura, e é formado na sua maioria por integrantes da Academia Paraibana de Cinema, que escolhe no final de cada ano os 12 filmes que são exibidos sempre nas primeiras semanas de cada mês do ano seguinte.

Em cartaz

VELOZES & FURIOSOS: HOBBS & SHAW (EUA) Desde que o policial Hobbs (Johnson), um agente confiável do Serviço Diplomático de Segurança Americano, e Shaw (Statham), ex-agente da elite militar britânica, se enfrentaram pela primeira vez em 2015 em *Velozes 7*, a dupla trocou chutes e pontapés enquanto tentavam se derrotar. Mas quando o anarquista Brixton (Idris Elba), geneticamente aprimorado, toma o controle de uma arma biológica perigosa que pode alterar a humanidade para sempre - e para isso vence um brilhante e destemida agente do MI6 (Vanessa Kirby de *The Crown*), que por acaso é a irmã de Shaw - esses dois inimigos jurados terão que se unir para derrubar o único cara que pode ser mais malvado do que eles. Cinépolis Manairá Shopping, Cinépolis Mangabeira Shopping, Centerplex e Tambiá Shopping.

O REI LEÃO (EUA, ação, aventura e fantasia) O Rei Leão, da Disney, dirigido por Jon Favreau, retrata uma jornada pela savana africana, onde nasce o futuro rei da Pedra do Reino, Simba. O pequeno leão que idolatra seu pai, o rei Mufasa, é fiel ao seu destino de assumir o reinado. Mas nem todos no reino pensam da mesma maneira. Scar, irmão de Mufasa e ex-herdeiro do trono, tem seus próprios planos. A batalha pela Pedra do Reino é repleta de traição, eventos trágicos e drama, o que acaba resultando no exílio de Simba. Com a ajuda de dois novos e inusitados amigos, Simba terá que crescer e voltar para recuperar o que é seu por direito. Cinépolis Manairá Shopping, Cinépolis Mangabeira Shopping, Centerplex e Tambiá Shopping.

HOMEM-ARANHA: LONGE DE CASA (EUA, ação, aventura e fantasia). Peter Parker está em viagem de duas semanas pela Europa, ao lado de seus amigos de colégio, quando é surpreendido pela visita de Nick Fury. Convocado para mais uma missão heroica, ele precisa enfrentar vários vilões que surgem em cidades-símbolo do continente, a exemplo de Londres Paris e Veneza, e

inclusive a aparição do enigmático Mysterio. Cinépolis Manairá Shopping, Cinépolis Mangabeira Shopping, Centerplex e Tambiá Shopping.

TURMA DA MÔNICA - LAÇOS (BRA): Floquinho, o cachorro do Cebolinha, desapareceu. Ele desenvolve um plano infalível para resgatar o cãozinho, mas para isso vai precisar da ajuda de seus fieis amigos: Mônica, Magali e Cascão. Juntos, eles irão enfrentar desafios e viver grandes aventuras para levar Floquinho de volta para casa. Cinépolis Manairá Shopping, Cinépolis Mangabeira Shopping, Centerplex e Tambiá Shopping.

TOY STORY 4 (EUA): Agora morando na casa da pequena Bonnie, Woody apresenta aos amigos o novo brinquedo construído por ela: Forky, baseado em um garfo de verdade. O novo posto de brinquedo não o agrada nem um pouco, o que faz com que Forky fuja de casa. Decidido a trazer de volta o atual brinquedo favorito de Bonnie, Woody parte em seu encaixe e, no caminho, reencontra Bo Peep, que agora vive em um parque de diversões. Cinépolis Manairá Shopping, Cinépolis Mangabeira Shopping, Centerplex e Tambiá Shopping.

PETS - A VIDA SECRETA DOS BICHOS 2 (EUA): A animação continuará o sucesso de 2016 sobre as vidas que nossos animais de estimação levam quando saímos para o trabalho ou para a escola todos os dias. Cinépolis Manairá Shopping.

AMOR À SEGUNDA VISTA (FRA) - Da noite para o dia, Raphaël se vê mergulhado num mundo no qual nunca encontrou sua esposa Olivia. Como ele vai fazer para reconquistar a mulher da sua vida, que se tornou uma perfeita desconhecida? Cinépolis Manairá Shopping.

TED BUNDY - A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL

(EUA) Ted Bundy foi um dos serial killers mais perigosos dos anos 1970, e, além de ser um assassino, era sequestrador, esturpador, ladrão e necrófilo. Sua namorada, Elizabeth Kloepfer, tornou-se uma de suas defensoras mais leais, recusando-se a acreditar na verdade sobre Ted. A história de seus numerosos e terríveis crimes é contada pelos olhos de Elizabeth. Cinépolis Manairá Shopping.

AS RAINHAS DA TORCIDA (EUA) Há menos de uma hora de Phoenix está localizada uma comunidade de aposentados. Um lugar onde palmeiras cercam as ruas, o céu está sempre limpo e o táxi, que é uma ambulância, passa duas ou três vezes por dia para levar algum idoso embora para sempre. É lá que a primeira equipe de líderes de torcida de mulheres com mais de 60 anos surge. Cinépolis Manairá Shopping.

NO CORAÇÃO DO MUNDO (BRA) Na periferia de Contagem, Marcos busca uma saída para sua rotina de bicos e pequenos delitos. Surge uma oportunidade para isso, ele precisa convencer sua namorada, Ana, a se juntarem a Selma e executarem o plano que pode mudar suas vidas para sempre. Cine Bangüê, 18h.

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR (BRA) A cidade de Toritama é um microcosmo do capitalismo implacável: a cada ano, mais de 20 milhões de jeans são produzidos em fábricas de fundo de quintal. Os moradores trabalham sem parar, orgulhosos de serem os donos do seu próprio tempo. Durante o Carnaval - o único momento de lazer do ano -, eles transgridem a lógica da acumulação de bens, vendem seus pertences sem arrependimentos e fogem para as praias em busca de uma felicidade efêmera. Quando chega a Quarta-feira de Cinzas, um novo ciclo de trabalho começa. Cine Bangüê, 20h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

O fim é triste!

O fim é triste, costuma me dizer meu primo Saulo César. Sim: aquele mesmo Saulo César que me inspirou um doloroso poema, inserido no livro "Do vento e suas vértebras aladas", e que assim se inicia: "Pus a minha vida/num deserto", para acabar neste dístico fatal: "Como um Deus estéril/nada gerei".

Não sei se a frase é dele. Tudo que se diz por esse mundo de meu Deus, parece, já foi dito, em outros tempos e em outros contextos, e a linguagem é onívora como uma divindade secreta e invisível.

Talvez tenha ouvido de um dos nossos velhos tios. Nossa família, como tantas outras, é cheia de tias e de tios velhos. Uns, muito bobos; outros, até sábios, a admitirmos que a sabedoria também se abeira nas costelas da vida, carregada pela perícia das experiências feitas e repetidas.

É verdade, querido primo: o fim é triste!

O fim do jogo, o fim do inverno, o fim da colheita, o fim do amor, o fim da saúde, o fim da paz, o fim do romance, o fim da vida. Triste, porque revelador. E revela a dor qual uma tecelã da inutilidade de tudo. Principalmente da vaidade besta que a muitos acomete.

Olhe o fim do dia, leitor, e capture, por exemplo, a tristeza se esgueirando pelas brechas dos vitrais crepusculares, já quando a noite começa a chegar, com seus fantasmas escusos e misteriosos. E se houver uma estrela perdida, uma lua se desenhando, um badalar de sino cortando o vazio da alma e repicando a saudade das coisas que passaram?

Triste é o fim dos caminhos que inventamos, dos sonhos que sonhamos, dos filhos que não tivemos, das coisas que possuímos, das criaturas que abandonamos.

Imaginemos, no entanto, os corredores da vida sem o fim. O fim, como o começo, é categoria essencial, portanto, indispensável à lógica narrativa das vivências e dos acontecimentos. O fim é uma das siglas do tempo e integra a gramática do ser, quer na ordem multifária da condição humana, quer nos recintos abertos da palavra.

Se o fim é triste, é talvez porque incorporamos, ao nosso espírito, os suspiros incompreendidos de uma eternidade inalcançável. Uma eternidade que se registra num calendário metamórfico que nunca se esgota, pois é recriado a cada dia no descompasso das horas.

Triste ainda mais o fim de certas criaturas!

Quem perdeu pai, mãe, filho, irmão, amigo... sabe bem do dissabor e da tristeza destes episódios incontornáveis. O fim de certas criaturas já é o fim de nós mesmos. Quando elas se acabam, partem, se encantam, desaparecem, não importa o verbo NEM a tessitura, somos nós que estamos também se acabando e desaparecendo.

Verdade, Saulo César: o fim é triste!

★ Destaque

Durval & Saulo fazem show em João Pessoa

Toda a energia e positividade do axé music vai estar em João Pessoa em um super carnaval fora de época. Saulo e Durval desembarcam na capital paraibana, no dia 7 de setembro, em uma megaestrutura para o Pranchão, um projeto exclusivo que acontece no estacionamento do Hiper Bompreço, na BR 320. Além de todo conforto e segurança, os músicos dividirão palco e a "prancha", resgatando os grandes sucessos que marcaram suas carreiras, em um evento nunca visto na cidade. O show de abertura será com o paraibano Ramon Schnayder. Os abadá já estão a venda na App Shopp do Manairá Shopping, Mag Shopping e Mangabeira Shopping.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manairá (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Einaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Antonio Zambujo exalta a lusofonia em seu novo disco

Oitavo álbum do cantor lusitano traz um diálogo musical intenso com artistas consagrados no Brasil

Kubitschek Pinheiro
Especial para A União

A voz do cantor lusitano Antonio Zambujo já se espalhou pelo Brasil. Na verdade, ele já conquistou seu público, a amizade com muitos artistas brasileiros e cresce mundialmente. Os bons compositores brasileiros, aparecem novamente no seu oitavo álbum de estúdio "Do Avesso" São eles Rodrigo Maranhão (que assina a canção que dá título ao disco) "Até o Fim", do baiano Cezar Mendes e tem música de Arnaldo Antunes; e "Fruta Boa", de Milton Nascimento e Fernando Brant. O disco tem o selo da (MP,B Discos/Som Livre).

O disco foi produzido por Filipe Melo, Nuno Rafael e João Moreira. O single de apresentação "Sem Palavras", de João Monge e Mário Laginha, deu a largada nas plataformas. Claro, é muito forte a ligação do artista com o Brasil. Esse trabalho sucede "Até Pensei Que Fosse Minha" (de 2016), um tributo a Chico Buarque.

Mas Zambujo vai além mar: "Na verdade, não penso em promover encontros com compositores brasileiros como uma estratégia para conquistar o público em Portugal ou no Brasil.

Eu faço isso porque são pessoas que escrevem bem na língua que eu gosto de cantar. Gosto de me mover no universo da lusofonia, não importa que seja português, brasileiro, cabo-verdiano ou angolano, o que importa é que eu escreva em português... e eu gosto", explica.

De praxe, Antonio Zambujo começou seu percurso musical pelo fado, o caminho lusitano, mas essa ideia de experimentar outros sons numa forma de crescimento diante da música do mundo é notório e isso ele faz muito bem. "A música que eu faço hoje, eu não diria que seja 'do mundo', mas do meu mundo, porque a música que eu faço é o reflexo das influências que eu tenho, das músicas que eu escuto, dos artistas que eu admiro, e tudo isto é que vai moldando a minha música, tornando-a diferente daquilo que era na sua origem".

A primeira faixa "Do avesso", de Luiz Maranhão, é uma bela canção fruto de uma amizade longa entre ele e o autor. Ele conta: "Eu já sou amigo do Rodrigo Maranhão há muito tempo, fizemos vários concertos juntos, admiro muito a forma como ele compõe, e esta música foi mais uma de muitas que já gravei dele, de mui-



"A música que eu faço hoje, eu não diria que seja 'do mundo', mas do meu mundo", declara artista português

tas que já cantei. Gosto muito dela e faz sentido com toda a contextualidade do disco, sua sonoridade, a experiência que nós fizemos com o piano e tudo isso, e como uma introdução ao disco", disse.

A música "Se já não queeres", a segunda faixa é de Luísa Sobral, irmã do cantor Salvador Sobral, e autora da música que Salvador levou à Eurovisão. "É um pedido que eu fiz à Luísa para cantar no gênero feminino. Como eu vinha do disco do

um misto de experiências acumuladas em todos esses anos de estrada.

"Fruta Boa" a décima segunda faixa, Zambujo interpreta bem e foi buscar na voz de Nana Caymmi que gravou originalmente com o pianista César Camargo Mariano no disco «Voz e Suor» de 1983. "Sim, eu conheci com a Nana Caymmi, no disco que ela gravou com o Cesar Camargo Mariano, é um disco que guardo com carinho. Nana e Milton são grandes inspirações para mim. O amor que eu tenho pela música brasileira começou com João Gilberto, foi a partir dele que fui querer conhecer mais artistas, inclusive os mais novos, que também são fonte de inspiração".

É bela a interpretação de Amapola, a nova faixa desse clássico de Luiz Roldan. A orquestra Sinfonietta de Lisboa dá um tom de cinema na introdução, nesse clássico da canção hispânica, que Roberto Carlos também gravou, em 1964), "Acho bonito e sagaz essa canção Amapola, junto, na ordem do repertório, de Madera de Deriva, de Jorge Drexler".

O artista Jorge Drexler, cantor e compositor uruguaio, que se tornou mais conhecido pela sua canção "Al otro lado del

río", a primeira canção em espanhol a vencer o Oscar de melhor canção original, aparece destacado nesse trabalho de Zambujo "Jorge Drexler está, sem dúvida, na minha lista de compositores favoritos. É um músico que admiro muito e com quem tenho estado muito nos últimos tempos e a quem quero cantar muito mais, quero fazer muitas parcerias com ele", avisa.

Quando Antônio Zambujo virá ao Brasil para mostrar esse novo trabalho nos palcos? Eu espero ir ao Brasil ao final deste ano ou início do próximo para apresentar o novo disco. Nestas alturas estamos a fazer a turnê na Europa e a agenda está bastante preenchida, fica complicado marcar alguma coisa aí, mas no final do ano certamente irei!".

Como todo bom artista, o português tem suas preferências literárias, que somam ao trabalho musical. "Eu gosto de ler vários livros ao mesmo tempo. Sugiro Walter Hugo Mãe. Gonçalo M. Tavares, Jacinto Lucas Pires, Pedro Tavares, Pedro Paixão, que eu adoro. De Angola temos José Eduardo Agualusa, Mia Couto, a poeta Maria do Rosário Pereira. Sou apaixonado por Eugênio de Andrade e Fernando Pessoa".

Tabajara 7 FM 105.5 AM 1.110

FUTEBOL É AQUI!

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE C

BOTAFOGO PARAIBA

CONFIANÇA SERGIPE

DOMINGO 04 DE AGOSTO 18H

Narração: LIMA SOUTO
Comentários: EUDES TOSCANO
Reportagem: GLÁUCIO LIMA E SOUSA JÚNIOR

ESTÁDIO ALMEIDÃO João Pessoa - Paraíba

MINISTÉRIO DA CIDADANIA e SARAU apresentam

+ DE 25 PRÊMIOS

APCA CESGRANRIO SHELL APTR

A MESMA CIA DO PREMIADO MUSICAL GONZAGÃO - A LINDA

Barca dos Corações Partidos no musical

SUASSUNA O AUTO DO REINO DO SOL

uma encenação de LUIZ CARLOS VASCONCELOS

texto de BRÁULIO TAVARES
música de CHICO CESAR, BETO LEMOS e ALFREDO DEL PENHO
direção de produção ANDRÉA ALVES

TEATRO PEDRA DO REINO

17 DE AGOSTO SÁBADO ÀS 21H

ÚNICA APRESENTAÇÃO



Milícias no Brasil atuam como "braço" do Estado, diz Freixo

Parlamentar esteve em João Pessoa para participar do 13º Encontro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

"Milícia não é um estado paralelo. É um estado leiloado". A frase é do deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ), uma das principais vozes dos Direitos Humanos e que presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das milícias, enquanto deputado estadual no Rio de Janeiro. Freixo esteve em João Pessoa para participar do 13º Encontro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que aconteceu dos dias 31 de julho a 2 de agosto. O parlamentar conversou com a reportagem do Jornal **A União** e falou sobre sua atuação neste quesito e os desafios para a crise de segurança que assola o Brasil.

Para Freixo, não há uma negligência do Estado junto às milícias, já que ele as considera como braço do Estado em determinados aspectos, inclusive com representantes nos parlamentos.

Estrutura de poder

"São agentes da segurança pública, muitas vezes da ativa, isto eu estou falando do Rio de Janeiro, mas sei que já existem em outros lugares, que dominam territórios, que os transformam em domínio eleitoral. Então é máfia porque tem estruturas de poder", disse, e em seguida completou.

"São violentos, dominam atividades econômicas, isto é uma ameaça para democracia. É uma ameaça para a vida das pessoas dos territórios onde eles atuam. Mas é uma ameaça para democracia porque eles interferem no poder representativo e eles criam um outro modelo de estado dentro do Estado. Eles elegem senadores, prefeitos, deputados. É o crime como projeto de poder", completou.

Ações no Rio de Janeiro

Freixo ainda lembrou do quanto as milícias podem ser violentas. Ele lembrou de dois homicídios que, de acordo com as operações policiais, foram praticados por membros de milícias no Rio de Janeiro, o da juíza Patrícia Acioli, em 2011, e o da vereadora Mariele Franco (PSOL), em 2018.

"Eles mataram uma vereadora e uma juíza no Rio de Janeiro. Se alguém tem dúvida do quanto é arriscado a convivência com a milícia, eu acho que o Rio de Janeiro é um exemplo do que a gente não deve seguir neste ponto", pontuou.

É uma ameaça para a vida das pessoas dos territórios onde eles atuam. Mas é uma ameaça para democracia



Fotos: Ortílio Antônio



O deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) foi uma das muitas autoridades e especialistas na área que participaram em João Pessoa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que serviu para discutir os rumos do tema no país.

“ É uma ameaça para democracia porque eles interferem no poder representativo e eles criam um outro modelo de estado dentro do Estado. Eles elegem senadores, prefeitos, deputados. É o crime como projeto de poder ”

SERVIÇO

■ Evento: Histórico das milícias

Em entrevista à Agência Pública, o sociólogo José Cláudio Souza Alves, que estuda milícia há 26 anos e é autor do livro *Dos Barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*, afirma que a milícia é o Estado. "São formadas pelos próprios agentes do Estado. É um matador, é um miliciano que é deputado, que é vereador. É um miliciano que é secretário de Meio Ambiente. Sem essa conexão direta com a estrutura do Estado não haveria milícia na atuação que ela tem hoje", aponta.

Segundo ele, as milícias aparecem a partir do surgimento dos esquadrões da morte, na década de 1960, durante o período da ditadura militar. Segundo ele, os grupos eram formados por policiais militares e outros agentes de segurança.

"Esses esquadrões da morte vão estar funcionando a pleno vapor nos anos 1970. Depois começa a surgir a atuação de civis como lideranças de grupos de extermínio, mas sempre em uma relação com os agentes do Estado. De 1995 até 2000, você tem o protótipo do que seriam as milícias na Baixada, Zona Oeste e no Rio de Janeiro. Elas estão associadas a ocupações urbanas de terras. São lideranças que estão emergindo dessas ocupações e estão ligadas diretamente à questão das terras na Baixada Fluminense", disse e completou.

"A partir dos anos 2000, esses milicianos já estão se constituindo como são hoje. São policiais militares, policiais civis, bombeiros, agentes de segurança, e atuam em áreas onde antes tinha a presença do tráfico, em uma relação de confronto com o tráfico. Mas ao mesmo tempo estabelecem uma estrutura de poder calcado na cobrança de taxas, na venda de serviços e bens urbanos como água, aterro, terrenos", explica. Freixo aponta as milícias como um "capítulo importante da crise da segurança pública brasileira". Apesar de ter surgido no Rio de Janeiro, já há registro de atuações de milicianos em outros estados, a exemplo do Pará.

O mapa da violência

"A gente vive uma crise de segurança muito profunda. O mapa da violência indica 62 mil homicídios, ausências de políticas públicas, o crescimento letal das forças policiais em números cada vez maior, o poder das facções crescendo dentro de um cenário cada vez mais caótico... Na verdade, a ausência de políticas públicas eficazes faz com que, sem dúvida alguma, o problema venha cada vez mais se agravando. Até porque a gente tem um governo federal que tem muito pouca capacidade de produção de políticas públicas e, lamentavelmente, isto tem uma consequência direta na vida das pessoas", disse.

Como combater

Devido ao nível de ligação milícia x estado e o grau de violência com que eles atuam, é

quase impossível para o cidadão comum combater este tipo de prática. Para Freixo é importante que o Poder Público atue junto à população para que se tenha algum resultado.

"O Poder Público não pode esperar que a sociedade sozinha reaja, porque muitas vezes ela não tem como ter instrumento. A sociedade civil muitas vezes não tem como reagir a isto, por isto tem que ter política pública eficaz de combate a este crime, de enfrentamento. E tem que agir com inteligência, tem que investir mais nos setores de inteligência para diagnosticar onde você tem problema dentro das forças policiais", disse.

Participação no Encontro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Freixo participou de duas mesas durante a programação. Na quinta-feira (1º), ele debateu sobre as "Milícias e as dinâmicas territoriais de sua atuação". Já na sexta-feira (2º), ele esteve presente na mesa "Mobilização Nacional em Defesa da Vida". No primeiro encontro, Freixo debateu Alba Zaluar (UERJ), Claudio Ferraz (PC - RJ) e Aiala Couto (UEPA). Na ocasião, eles apresentaram panoramas sobre a situação e foram interpellados pela plateia. Freixo comentou sobre a importância do evento.

"O fórum é o 13º. É da maior importância, reúne os maiores especialistas, pesquisadores e experiências. Acho que daqui saem sínteses importantes que podem e devem ser colocadas na prática em cada Estado", finalizou.

Documentos negam fala de Bolsonaro sobre a ditadura

Negação da realidade pelo presidente reforça autoritarismo e dificulta consolidação da democracia, diz especialista

João Fellet e
Camilla Veras Mota
BBC News Brasil

A ditadura militar produziu uma grande quantidade de documentos - antes sigilosos e hoje públicos - que confirmam as torturas e assassinatos cometidos pelo próprio Estado no Brasil entre 1964 e 1985.

“E eu não estou nem falando da Comissão da Verdade”, diz o historiador Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em referência à fala do presidente Jair Bolsonaro que questionou o trabalho do colegiado que entre 2012 e 2014 ouviu testemunhas, vítimas e agentes da repressão e analisou documentos com o intuito de investigar as violações aos direitos humanos cometidas durante o regime.

Na terça-feira (30), Bolsonaro foi questionado sobre a conclusão da comissão a respeito da morte do pai de Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que apontou que ele foi executado pelo regime ditatorial em 1974.

Antes disso, o presidente havia afirmado que Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira, então militante do grupo Ação Popular, fora morto pelos próprios correligionários.

Questionado então sobre as evidências que contrariam



Foto: Marcelo Camargo/ABr

Bolsonaro questionou o trabalho da Comissão da Verdade e sugeriu que o militante Fernando Santa Cruz foi morto por correligionários e não pelo Regime, como atestam documentos

matar até o último comunista, enquanto os brasileiros tentavam negar a repressão e usavam a censura para isso.”

Para ele, essa característica também ajuda a explicar porque as declarações do presidente - que chegou a afirmar, em entrevista ao programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes, que o regime militar não foi ditadura e que a censura buscava evitar transmissão de ordens para crimes por grupos de esquerda - não geram uma comoção social e repúdio mais amplos entre os brasileiros.

A “negação da realidade” pelo presidente, diz o especialista, reforça o autoritarismo que ainda marca as relações sociais no Brasil e dificulta a consolidação da democracia no país, especialmente porque vem acompanhada de uma apologia à violência - como no caso da defesa ao coronel Alberto Brilhante Ustra, ex-comandante do DOI-CODI de São Paulo, elogiado por Bolsonaro.

sua versão - para a qual não apresentou provas -, Bolsonaro respondeu: “Você acredita em Comissão da Verdade?”.

Fico pontua que o presidente não é o primeiro a relativizar os abusos cometidos pela ditadura. A propaganda política e a censura durante o regime, ele ressalta, tinham entre os ob-

jetivos justamente esconder a violência cometida pelo Estado.

O material da época, que o historiador avaliou em sua pesquisa, mostra que 80% do conteúdo vetado pelos militares dizia respeito à repressão.

Ao lado da propaganda política do regime, que “vendia a imagem de um país próspero,

do boom econômico”, a censura teve influência direta na constituição da memória brasileira sobre a ditadura e explica, para o historiador, porque a lembrança do período não é tão traumática quanto é para os argentinos, por exemplo.

“Na Argentina, os militares falavam nos jornais que iam

Vladimir Herzog, morto nas instalações do DOI-CODI. Bolsonaro afirmou em 2018 que não há provas de que o jornalista tenha sido assassinado



Quatro afirmações do presidente refutadas por fatos históricos:

Morte de Vladimir Herzog

Em 2018, Bolsonaro disse em entrevista à RedeTV que não há provas de que o jornalista Vladimir Herzog tenha sido assassinado.

Herzog morreu nas instalações do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Cen-

tro de Operações de Defesa Internado) do Exército, em São Paulo, em outubro de 1975. Ele havia comparecido voluntariamente ao órgão para prestar esclarecimentos sobre seu vínculo com o PCB (Partido Comunista Brasileiro).

O Exército afirmou à época que Herzog se suicidou em sua cela e divulgou uma foto na qual o jornalista aparecia pendurado por uma corda.

Mas peritos a serviço da Comissão Nacional da Verdade

examinaram os laudos da morte do jornalista. Eles analisaram a “existência de dois sulcos, ambos com reações vitais, no pescoço” de Herzog. Os peritos concluíram que Herzog foi inicialmente estrangulado e, em seguida, fixado em uma

força para simular um suicídio.

Membros da Congregação Israelita Paulista, responsáveis pelo funeral de Herzog, também foram ouvidos pela CNV e “atestaram evidências concretas da existência de torturas no corpo de Vladimir”.

Desaparecimento de Fernando Santa Cruz

Na segunda-feira (30/7), Bolsonaro disse que o então estudante Fernando Santa Cruz, pai do atual presidente da OAB, foi morto por militantes do grupo esquerdista Ação Popular.

O presidente da República afirmou que membros da Ação Popular do Rio de Janeiro desconfiaram da decisão de Fernando de sair do Recife para se encontrar com a cúpula do grupo, já que ele era um afiliado

menor, e, por isso, resolveram matar o jovem.

Mas um documento de 1978, originário do Ministério da Aeronáutica, reconhece que Santa Cruz foi preso no dia 22 de fevereiro de 1974, no Rio

de Janeiro. Ele havia sido visto pela última vez por sua família ao deixar a casa do irmão, o advogado Marcelo de Santa Cruz Oliveira, durante o carnaval de 1974.

Uma das hipóteses da co-

missão para o sumiço do corpo é que ele tenha sido incinerado em uma usina de açúcar em Campos dos Goytacazes (RJ) - versão endossada por um depoimento de Claudio Guerra, ex-delegado do DOPS-ES.

Desaparecimento de Rubens Paiva

Em 2012, quando era deputado federal, Bolsonaro disse no plenário da Câmara dos Deputados que o engenheiro e político Rubens Paiva foi morto por membros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), grupo guerrilheiro que tinha entre seus

comandantes o militar desertor Carlos Lamarca (1937-71).

Segundo Bolsonaro, os guerrilheiros suspeitaram que Rubens Paiva houvesse os denunciado ao ser preso pelo Exército. Quando ele foi solto, “foi capturado e justificado (morto) pelo bando do La-

marca”, disse Bolsonaro.

Porém, segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), Rubens Paiva foi “executado em janeiro de 1971 por agentes de repressão do Estado”.

Ele foi capturado em sua casa por seis militares armados com

metralhadoras e levado para o Quartel da 3ª Zona Aérea, no Rio de Janeiro - um documento do DOI do 1º Exército confirma a passagem do engenheiro pelo local.

Cinco ex-militares (José Antonio Nogueira Belham, Rubens Paim Sampaio, Jurandyr Ochsen-

dorf e Souza, Jacy Ochsendorf e Souza e Raymundo Ronaldo Campos) que atuaram na ocultação do cadáver de Rubens Paiva estão respondendo pelo crime, mas o processo foi suspenso por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

Tortura sofrida por Miriam Leitão

Em 19 de julho, Bolsonaro comentou a prisão da jornalista Miriam Leitão durante a ditadura militar.

“Ela (Leitão) estava indo para a guerrilha do Araguaia

quando foi presa em Vitória. E depois conta um drama todo, mentiroso, que teria sido torturada, sofreu abuso etc. Mentira, mentira”, afirmou o presidente.

A Comissão da Verdade,

no entanto, diz que Leitão foi vítima de tortura com animais, “incluindo a utilização de uma jiboia pela equipe de interrogatório do DOI-CODI do 1º Exército, comandada pelo co-

ronel Paulo Malhães”.

Quando foi presa, Leitão era estudante universitária e militante do PCdoB. Ela diz que nunca integrou e nem considerou integrar a guerrilha do Ara-

guaia, limitando-se a participar de reuniões, distribuir panfletos e pichar muros com mensagens contra a ditadura militar.

Leitão estava grávida quando sofreu as torturas.

Síria: o massacre de crianças e civis ignorado pelo mundo

Ataques que mataram mais de cem pessoas foram recebidos com “aparente indiferença internacional”, afirma a ONU

Mais de cem pessoas, incluindo 26 crianças, morreram em ataques aéreos feitos em hospitais, escolas, mercados e em uma padaria no nordeste da Síria nos últimos dias, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas).

A chefe de Direitos Humanos da ONU, Michelle Bachelet, diz que os ataques fo-

ram feitos pelo governo sírio e seus aliados nas áreas controladas pela oposição.

Mas os ataques foram recebidos com “aparente indiferença internacional”, disse ela. Bachelet criticou a “falha de liderança nas nações mais poderosas do mundo”.

A Síria e a Rússia, que é sua aliada, negaram ter mi-

rado em civis durante os ataques aéreos na região de Idlib.

O número de mortos crescente em Idlib tem sido recebido com um “dar de ombros coletivos” e o conflito ficou fora do radar internacional, disse ela, enquanto o Conselho de Segurança da ONU está paralisado.

Ela afirma que é muito

improvável que os ataques a civis tenham sido acidentais e disse que os países que os fizeram podem ser julgados por crimes de guerra.

“Ataques intencionais a civis são crimes de guerra, e aqueles que os ordenaram ou os executaram são criminalmente responsáveis por seus atos”, disse Bachelet.

Pe. Ernando
Luiz Teixeira de Carvalho

Sócio efetivo do IHGP

Padre Ibiapina, inspirei-nos!

Dia cinco de agosto de 1585 marca o dia das pazes entre colonizadores e nativos em nossa terra. No calendário católico é o dia da dedicação da Basílica de Nossa Senhora das Neves, Santa Maria Maior, em Roma. O dia ficou registrado para nossa história e celebrado entre nós, religiosamente, durante os séculos. Já são 434 anos!

Mas também no dia cinco de agosto celebramos o nascimento do Padre José Antonio de Maria Ibiapina. O grande missionário veio ao mundo no município de Sobral-CE, em 1806, e neste ano de 2019 comemoramos seu 213º aniversário. Formando-se em Direito, em 1832, atuou como professor, juiz, chefe de polícia, deputado e advogado, sempre se destacando como defensor de pobres e oprimidos. Mas, como escreveu seu primeiro biógrafo, o Dr. Ibiapina não estava satisfeito e observava: “Desde o Chefe da Nação até o último dos magistrados não vejo senão fingimentos, mentiras e trações... Todas as paixões se tinham feito aceitáveis em política, o vício era igual à virtude, o patriotismo ao egoísmo, a probidade à hipocrisia; e só se distinguem os indivíduos pela força de suas bajulações e maior servilismo”. Para quem lê agora, até parece que essas reflexões são sobre o Brasil atual!

E, nas voltas que o mundo dá, um dia ele se rendeu totalmente à graça de Deus e se deixou elevar às alturas do Cristo pela ordenação sacerdotal. Daí, à semelhança do próprio Jesus, foi direto ao encontro dos empobrecidos, empesteados, coléricos, famintos, órfãs, doentes, sobreviventes das secas, infelizes e desvalidos de toda sorte. Ibiapina procurou associar suas pregações às necessidades materiais e sociais do povo mais sofrido, conseguindo transformações radicais em todo o Nordeste.

Vale ressaltar o que escreveu um Irmão da Caridade que sempre o acompanhava nas missões: “Quem poderá descrever todas as particularidades dos dons do coração do nosso Santo Apóstolo Ibiapina? Um coração angélico, puro, simples, casto, humilde, desinteressado, benfazejo e tão dedicado ao amor de Deus e do próximo, que era abrigo seguro da orfandade, remediador dos infelizes, consolador dos aflitos, enternecido das misérias humanas...”

Especialmente em Sobral, onde nasceu, e em Santa Fé, município de Solânea, onde morreu e foi sepultado, fervorosa é a devoção dos romeiros neste dia cinco de agosto. Os devotos chegam de muitos lugares para celebrar com amor e alegria, o feliz aniversário daquele que além de Padre-Mestre, é também chamado de Pai dos Pobres, Missionário da Caridade, Apóstolo do Nordeste.

Em processo de canonização, já reconhecido como Servo de Deus, aguardamos com fé que os milagres apareçam para que seja, oficialmente, reconhecido pela Igreja como santo: será, então, São José Ibiapina! Que Nossa Senhora das Neves interceda por ele, seu grande devoto, e por todos os que procuram seguir o Caminho que é Jesus.



Foto: Pixabay

Ataques a civis na cidade de Idlib, na Síria, mataram mais de cem pessoas, sendo 26 crianças. Escolas, hospitais e até uma padaria foram os alvos

+ Área deveria ser protegida por acordo de trégua

A província de Idlib, junto com as províncias de Hama e Aleppo, é uma das últimas áreas controladas pela oposição na Síria depois de oito anos de guerra civil.

A área em tese está protegida por uma trégua negociada em setembro entre a Rússia, aliada do governo sírio, e a Turquia, que apoia a oposição. A trégua deveria proteger os mais de 2,7 milhões de civis que vivem na região de uma grande ofensiva das forças do governo.

Na semana passada, a ONU disse que mais de 350 civis foram mortos e 330 mil foram forçados a deixar suas casas desde que o conflito se acirrou em 29 de abril.

Mas o número agora foi revisado, com o acréscimo de 103 mortes somente nos últimos dias. O número de refugiados subiu para 400 mil.

O governo – com apoio da força aérea russa – disse que o aumento nos ataques se deve a repetidas violações da trégua por jihadistas ligados à al-Qaeda que estariam na área dominada pela oposição.

No entanto, as Forças Democráticas Sírias (FDS), que são apoiadas pelos Estados Unidos, disseram em março ter derrotado os jihadistas e dado fim ao grupo extremista autoproclamado Estado Islâmico (EI).

No início desta semana, a Rússia negou que tenha feito ataques aéreos em mercados e áreas residenciais que deixaram pelo menos 31 civis mortos.

Como a guerra começou?

Antes do conflito começar, muitos sírios estavam insatisfeitos com os altos índices de desemprego, a corrupção e a falta de liberdade política sob o presidente Bashar al-Assad.

Em março de 2011, protestos pró-democracia começaram ao sul da cidade de Deraa, inspirados por revoltas populares pró-democracia em países vizinhos – o que ficou conhecido como “Primavera Árabe”.

Os primeiros protestos na Síria foram inspirados pelo que ficou conhecido como a “Primavera Árabe”



A corrupção e a falta de liberdade sob o governo de Assad revoltaram os sírios

Quando as forças de segurança sírias abriram fogo contra os ativistas – matando vários deles –, as tensões se elevaram e mais gente saiu às ruas. Protestos pedindo a renúncia do presidente começaram no país todo.

A revolta se intensificou, assim como a resposta do governo. Apoiadores da oposição se armaram – primeiro para se defender, depois para expulsar as forças de segurança das áreas onde viviam. Assad então disse que iria acabar com o que chamou de “terrorismo apoiado por estrangeiros”.

A violência aumentou rapidamente, dando início a uma guerra civil.

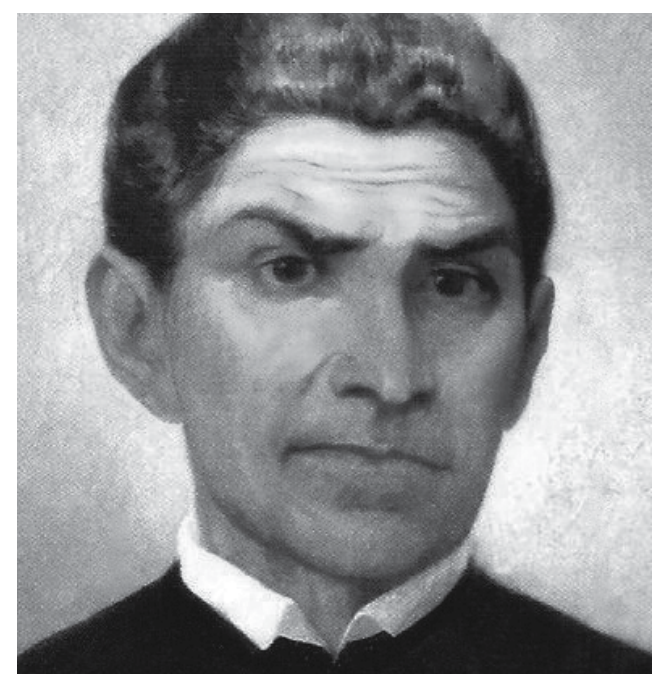
Grupos rebeldes se reuniram em centenas de brigadas para combater as forças oficiais e retomar o controle das cidades e vilarejos.

Em 2012, os enfrentamentos chegaram à capital, Damasco, e à segunda cidade do país, Aleppo.

O conflito já havia, então, se transformado em mais que uma batalha entre aqueles que apoiavam Assad e os que se opunham a ele – adquiriu contornos de guerra sectária entre a maioria sunita do país e xiitas alaúitas, o braço do Islamismo a que pertence o presidente.

Isso arrastou as potências regionais e internacionais para o conflito, conferindo-lhe outra dimensão.

Continua na Página 16



Radicais e jihadistas promovem uma "guerra dentro da guerra"

Grupos como Estado Islâmico e Al-Qaeda transformaram a revolta síria num sangrento conflito político-religioso

A rebelião armada na Síria evoluiu significativamente desde suas origens, em 2011, inspirada pelas revoltas em países vizinhos - a chamada "Primavera Árabe".

Há membros da oposição moderada secular lutando contra as forças de Assad. O Exército curdo, um dos grupos que os Estados Unidos estão apoiando no norte da Síria, faz parte da oposição.

Mas há também uma grande quantidade de radicais e jihadistas - partidários da "guerra santa" islâmica. Entre eles estão o autointitulado Estado Islâmico (EI) e a Frente Nusra, afiliada à al-Qaeda. Os combatentes do EI - cujas táticas brutais chocaram o mundo - criaram uma "guerra dentro da guerra", enfrentando tanto os rebeldes da oposição moderada síria quanto os jihadistas da Frente Nusra.

Os rebeldes moderados têm requisitado armas anti-aéreas ao Ocidente para

responder ao poderio do governo sírio. Mas Washington e seus aliados têm procurado controlar o fluxo de armas por medo de que acabem indo parar nas mãos de grupos jihadistas.

Em março, as Forças Democráticas Sírias (FDS), que são apoiadas pelos Estados Unidos, disseram ter derrotado o EI.

"As Forças Democráticas Sírias declaram a total eliminação do chamado califado e a total derrota territorial do EI", disse Mustafa Bali, porta-voz da FDS, pelo Twitter. "Neste dia único, celebramos os milhares de mártires que tornaram essa vitória possível."

Em seu auge, o EI controlou uma área de 88 mil km² no norte da Síria e do Iraque, governou quase 8 milhões de pessoas, ganhou bilhões de dólares com a exploração de petróleo, extorsões, roubos e sequestros, e usou seu território como base para ataques em outros países.

A aliança de forças re-



Foto: Pixabay

Quase seis milhões de sírios buscaram abrigo em outros países numa das maiores ondas de refugiados do mundo

presentada pela FDS, liderada pelos curdos, começou sua ofensiva final contra o EI no início de março, contra militantes que estavam encurralados no vilarejo de Baghuz, no leste sírio.

O impacto da guerra

Além de causar centenas de milhares de mortes, a guerra incapacitou 1,5 milhões de pessoas, entre ela 86 mil que perderam membros do corpo. Ao menos 6,1 milhões de

sírios tiveram de deixar suas casas para buscar abrigo em alguma outra parte do país, enquanto outros 5,6 milhões se refugiaram no exterior.

Líbano, Jordânia e Turquia, onde 92% desses sírios

refugiados vivem hoje, têm enfrentado dificuldades para lidar com um dos maiores êxodos da história recente.

A ONU estima que 13,1 milhões de pessoas necessitaram de algum tipo de ajuda humanitária na Síria em 2018.

Muito tempo de guerra

Um fator chave é a intervenção de potências regionais e internacionais.

Seu apoio militar, financeiro e político tanto para o governo quanto para a oposição tem contribuído diretamente para a continuidade e intensificação dos enfrentamentos, e transformado a Síria em campo para uma guerra indireta.

A intervenção externa também é responsabilizada por fomentar o sectarismo no que costumava ser um Estado até então secular (imparcial em relação às questões religiosas). As divisões entre a maioria sunita e a minoria alauita no poder alimentaram atrocidades de ambas as partes.

Quanto maior a satisfação dos nossos clientes, maior o nosso orgulho.

LINHA JOÃO PESSOA - PATOS

MOTORISTAS

Métrica	Nota	Objetivo
Condução do veículo	81,18%	80%
Satisfação geral	62,35%	60%

VEÍCULOS

Métrica	Nota	Objetivo
Conservação do veículo	71,74%	70%
Conforto a bordo	70,99%	70%
Utilizaria os serviços da Guanabara novamente?	81,38%	80%
Satisfação com o local de compra da passagem	75,21%	75%

LINHA JOÃO PESSOA - CAJAZEIRAS

MOTORISTAS

Métrica	Nota	Objetivo
Condução do veículo	85,82%	80%
Satisfação geral	78,34%	75%

VEÍCULOS

Métrica	Nota	Objetivo
Conservação do veículo	87,22%	80%
Conforto a bordo	80,00%	80%
Utilizaria os serviços da Guanabara novamente?	85,11%	80%
Satisfação com o local de compra da passagem	79,09%	75%

Média de satisfação: 95,27%

GUANABARA
SATISFAÇÃO EM TODOS OS SENTIDOS
SAC 0800 728.1992



Projeto da UFPB aproveita a polpa de coco em alimentos

Pesquisa sobre o fruto também combate aglomeração de resíduos nas ruas da capital e estimula geração de renda

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

Do coco podemos aproveitar tudo e muito mais. Essa é a ideia dos estudos que estão sendo desenvolvidos por professores e pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sobre o fruto. Três patentes já estão em processo de reconhecimento, todas elas referentes à polpa. Essas análises e descobertas partiram da necessidade de retirar o excesso de resíduos largados nas ruas da capital, evitando a proliferação de roedores. Elas também têm o objetivo de propiciar a geração de renda de moradores de comunidades carentes, por meio da capacitação. A iniciativa já recebeu prêmio do Ministério do Meio Ambiente, em 2018.

O projeto intitulado "O aproveitamento do coco verde na vertente da segurança alimentar e nutricional como estratégia de geração de renda e combate à fome" é coordenado pela professora Ingrid Dantas, do Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional, ligado ao Departamento de Gastronomia da UFPB. Ela começou a pesquisa há três anos, com seus alunos da graduação ainda durante um curso de extensão. Mais de 100 moradores das comunidades Taipa, Timbó, Bela Vista, Novais e Gervásio Maia já foram capacitados.

Segundo a professora, para viabilizar a pesquisa, foi realizada uma parceria com o Poder Público municipal, por meio da Diretoria de Segurança Nutricional, responsável pelo Projeto Fome Zero na capital.

O projeto surgiu depois que os professores começaram a se incomodar com a quantidade de resíduos de



Sobremesas, moquecas e até bebidas fermentadas por probióticos são fabricadas a partir da polpa do coco

coco verde descartados nas ruas de João Pessoa. A nova modalidade de venda da água desse produto passou a ser em garrafas de polietileno (pet) e não mais no próprio fruto por meio de canudo. Como um único fruto não é suficiente para encher o recipiente, há uma maior aglomeração dos resíduos descartados nas ruas.

"A gente começou a ver que, a partir da quinta-feira a domingo, a cidade mudava de cenário", afirmou Ingrid. "Porque ficam pilhas e pilhas de lixo

de coco a partir da quinta-feira, quando enchem as garrafas, até a segunda-feira, quando é o dia de limpeza. Percebo que as pilhas são grandiosas também na (avenida) Beira Rio, mas não há tantas na orla porque lá existem os containers. Só que esse lixo é pesado e quebra os containers. João Pessoa teve até, recentemente, uma proliferação descontrolada de ratos ali na orla justamente por causa do lixo gerado", observou.

A pesquisadora explicou que o acúmulo de resíduos

onera os custos para o Poder Público. Isso ocorre porque há gastos voltados à saúde da população e também ligados ao transporte desse tipo de lixo que é caro. Ao mesmo tempo, um dos principais potenciais econômicos do fruto, que é a polpa, termina sendo descartada, pois o produto é só para a comercialização da água. Essa percepção mostrou a necessidade de ações sustentáveis dentro da cadeia produtiva do coco verde. Ou seja, algo que conseguisse reaproveitar o que

seria descartado e gerar com isso segurança alimentar e renda para o cidadão.

Os pesquisadores interferem nessa cadeia produtiva bem antes da polpa ser descartada. Para isso, o material é recolhido no momento em que a água de coco está sendo coletada em garrafas pet pelos vendedores. Isso é feito nas quintas-feiras e sextas-feiras, que são os dias de maiores movimentos do segmento. "Colocamos a polpa em saco estéril e acondicionamos em um isopor. Temos

o cuidado também de não tirar aquela parte amarga do fruto, que é marrom", explicou Ingrid.

Em três anos de projeto, a professora e seus alunos já conseguiram extrair seis receitas de baixo custo. "Nessa primeira etapa, a gente já fez dindim, alguns tipos de drinques, moqueca de coco verde, que pode ser com peixe, camarão, maxixe ou só no coco que é uma opção vegana", disse. "O interessante é que a polpa absorve o tempero e fica realmente com um sabor de carne e peixe, com o frescor", garantiu.

Os moradores beneficiados com a capacitação são selecionados pelo Poder Público municipal. Enquanto isso, a universidade fica responsável pelo transporte e aquisição de insumos que não são ofertados pela Prefeitura.

"No final do ano passado, entramos em uma chamada pública que buscava por práticas no país de combate ao desperdício de alimentos. Então, nós ganhamos o selo do Ministério do Meio Ambiente, que foi o Selo de Combate ao Desperdício de Alimentos", afirmou Ingrid. "A partir daí, o projeto passou a ser acompanhado pelo ministério", acrescentou.

A iniciativa foi premiada na categoria "processamento" por contribuir com três dos 17 objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), que são o "Fome Zero", "Consumo responsável" e "Produção responsável".

No mesmo ano, a pesquisa ganhou o prêmio Elo Cidadão, oferecido pela Pró-Reitoria da UFPB, pelo impacto social do projeto.

Continua na página 18

Qualificação de pessoal das comunidades

O próximo passo dos pesquisadores será qualificar o pessoal já treinado das comunidades, realizando oficinas, para colocar o produto no mercado. Para isso, será promovida uma ponte entre essas pessoas e o setor turístico, como restaurantes e hotéis, em sistema de cooperativismo. "Vamos passar orientações sobre rotulagem, validade dos produtos, armazenamento e liberação correta. A ideia é que hotéis e restaurantes de João Pessoa comprem essa produção como

produto social, para que o turista consuma sabendo que está contribuindo tanto socialmente como com a questão da sustentabilidade. Isso ainda está em fase de negociação, com apoio de uma frente parlamentar", informou Ingrid Dantas.

A importância de pesquisas que gerem renda e ao mesmo tempo evite o acúmulo de resíduos na cidade provenientes da comercialização do coco também é uma ideia bem vinda por alguns produtores e negociantes. Quem

comunga desse pensamento, por exemplo, é o agricultor Manoel Leite de Araújo, 41, que tem uma pequena propriedade e negocia sua produção em um ponto de venda instalado em Mangabeira. "Eu trago de minha propriedade, que tem aproximadamente 800 pés de coco, uma média de 2 mil unidades para vender durante quatro dias. Uma pesquisa dessa da universidade é importante e pode ajudar a gerar mais renda", ressaltou.

Essas coisas

Carlos Aranha
carlosaranha2005@yahoo.com.br

Saudade: tanto plural como singular

Começo pedindo desculpas por ter escrito, há cerca de nove meses, que a palavra "saudade" não existe em nenhuma língua do mundo além do Português. Na "Folha de S. Paulo", o articulista Hélio Schwartzman escreveu que existe, sim, em várias línguas. Talvez todas, afirmo. A seguir, faço a transcrição dos dois parágrafos em que Schwartzman aborda o assunto.

"Outra inverdade de inspiração levemente nacionalista muito repetida por nossas bandas é a história de que a palavra 'saudade' não encontra tradução em nenhuma língua do mundo. É claro que isso é rematada bobagem. Seguem alguns equivalentes: os russos têm 'toska'; alemães, 'Sehnsucht'; árabes, 'shauk' e também 'hanim'; armênios, 'garod'; sérvios e croatas, 'jal'; letões, 'ilgas'; japoneses, 'natsukashi'; macedônios, 'nedôstatok'; húngaros, 'sôvârgás'. Os amantes de línguas clássicas podem acrescentar a esta lista o 'desiderium' latino e o 'póthos' dos antigos gregos.

"Ora, se até os cães parecem sentir saudades de seus donos quando deles ficam separados, seria de um etnocentrismo despropositado acreditar que esse sentimento



é próprio apenas aos que falam português. Para sustentar a tese da exclusividade é necessário recorrer a uma realidade alternativa e não a meros fatos".

Acrescento à lista de Schwartzman: em francês, "vague"; em inglês, "longing"; em espanhol, "nostalgia". Esclarecimento: em francês, "vague" também é onda. Por isso, a mudança no cinema de lá, nos anos 59/60, foi batizada como "nouvelle vague" (nova onda).

A palavra saudade veio do latim "solitas", "solitatis", por meio das formas arcaicas "soedade", "soidade" e "suidade", sob a influência de saúde e saudar.

"Solitas", em latim, significa "solidão", "desamparo", "abandono", "deixação", do

que resultam alguns dos significados que tem saudade: "desejo de um bem do qual se está privado"; "lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las".

Por que saudade seria exclusividade do português? Isso não se pode afirmar, pois outras línguas podem expressar a mesma ideia de "saudade", embora com mais de uma palavra. Sabe-se que as línguas descrevem de forma diferente a realidade e os sentimentos, que também podem não ser os mesmos nos diversos povos. Cada povo vê os fenômenos do mundo da mesma forma que os outros, mas "interpreta" tudo isso de forma diferente, conforme as estruturas de sua cultura. A concepção das coisas do mundo por um povo tem relação com a sua cultura e língua e é, de certa forma, refletida nesta, tanto no aspecto semântico quanto no gramatical.

No que toca ao uso de saudade, essa palavra pode aparecer tanto no singular quanto no plural, conservando o mesmo sentido, o que ocorre também com parabéns, pêsames, felicitação, felicidade e outras palavras, que pouco a pouco passaram a ser usadas no plural, muito embora o singular, com o mesmo sentido, também seja correto.

Geléia geral



■■■ A CMI Brasil fez uma lista com os grandes inventores brasileiros. Leia atentamente o que a CMI destacou em Reginaldo Marinho: "O inventor paraibano Reginaldo Marinho (foto), premiado com medalhas de ouro em Genebra e Londres, com uma tecnologia que rompe um paradigma da engenharia mundial ao incluir uma nova modalidade estrutural, de resinas plásticas às três conhecidas: de madeira, de concreto e de metal, usada na construção de silos e armazéns, escolas, espaços culturais, casas populares, ginásios esportivos,

abrigos emergenciais e tantas outras aplicações de interesse nacional". ■■■ **Atenção para o recado do jornalista/escritor Fernando Moura: "Vou facilitar (ou complicar) a vida de quem planeja me apresentar: visis de música paraibana. Pelo prazer da audição e compromisso histórico. Qualquer estilo, qualquer época, qualquer estado de conservação. Será apreciado e guardado como joia rara".** ■■■ Não mandem emails para a conta que tenho no provedor Terra. Eles devem ser enviados para c.aranha@yahoo.com

Três patentes no Instituto de Propriedade Industrial

Processos sobre o aproveitamento do coco foram encaminhados pela UFPB ao Inpi para análise e registro

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

As pesquisas sobre o aproveitamento do coco verde na vertente da segurança alimentar e nutricional também já resultaram na solicitação de três patentes, que estão em fase de análise e registro. Os processos foram encaminhados pela UFPB ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi).

Uma dessas patentes prevê um investimento na ordem de R\$ 40 mil para a viabilização de uma agroindústria, voltada à fabricação de bebida fermentada, feita a partir do leite da polpa do coco. Isso inclui o tacho, a estufa de incubação e o processo de pasteurização.

“Esse investimento, para uma agroindústria, é considerado baixo”, observou Ingrid Dantas.

Uma preocupação para possibilitar o registro dessas patentes é diagnosticar quais seriam os potenciais consumidores dos três produtos. Afinal, não adianta patentear se não tem como vender a ideia da viabilidade. “Eu digo sempre que, com relação aos produtos do coco, não vai ser vendida só a ideia de uma empresa. É preciso vender a ideia por trás da receita, ou seja, a sustentabilidade. É o que a gente vai tentar fazer junto aos hotéis e esses por sua vez com os turistas. O produto será vendido como um produto de João Pessoa, que foi criado aqui”, explicou.

O outro produto que tem um bom potencial de patente, segundo a UFPB, é uma bebida fermentada só por probióticos, que não tem adição de leite. Ela é destinada à população vegana, que não consome nada de origem animal, e para pessoas alérgicas. O terceiro processo encaminhado ao Inpi é de um gelado comestível, que é um sorbet, ou seja, não leva gordura.

Uma dessas patentes prevê um investimento na ordem de R\$ 40 mil



Foto: Divulgação/UFPB

Produtos feitos de coco verde garantem geração de renda para as comunidades



Alunos ressaltam importância do tripé “pesquisa, ensino e extensão”

O projeto coordenado pela professora Ingrid Dantas começou como extensão, envolvendo os alunos dos primeiros períodos do curso de Gastronomia. Mas, devido à importância social, econômica e acadêmica que alcançou em seu desenvolvimento, ele se transformou em uma pesquisa maior. Cerca de 30 alunos já participaram da pesquisa. Esses estudantes envolvidos relatam sua mudança de visão e uma lapidação do senso crítico, focando em aspectos como os da sustentabilidade econômica e da responsabilidade social, que vão agregar à sua formação profissional.

Carlos Antônio Henrique Sobrinho, 20, de Picuí, faz o terceiro período de Gastronomia na UFPB. Ele é um dos membros

do projeto de extensão, que trabalha com o reaproveitamento sustentável do coco. Para ele, a empreitada acadêmica do pesquisador mostrou o papel social do curso e da instituição superior de ensino.

“As atividades da extensão são uma forma de você estender o seu conhecimento para outras pessoas e acho que isso para mim é o melhor do projeto. É uma das melhores coisas em se ter conhecimento e poder passá-lo à frente e ver as pessoas aprendendo”, afirmou. “Fora isso, ativei mais o meu lado comunitário, porque você percebe outras realidades e vê que tem pessoas que precisam de conhecimentos em várias áreas para passarem para um patamar de vida melhor”, completou.

Pesquisar alimentos e compostos em laboratórios, dentro do curso de Gastronomia, e aliar isso às demandas sociais da comunidade, faz parte do tripé pesquisa, ensino e extensão, que é a principal bandeira das universidades federais no país. Essa característica é reforçada pela Lei 9.394, de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. O artigo 43 do documento define que a educação superior deve “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.

Dayse Chrispim, 43, já no segundo período de Gastronomia, também

está entendendo na prática a dimensão da extensão como uma das diretrizes da educação. “Esse projeto está sendo um grande marco de possibilidades para uma nova visão. Vimos aqueles cocos descartados e espalhados pela cidade. Na extensão vemos quantas possibilidades são jogadas fora todo dia, que poderiam se transformar até em um meio de vida, mas ninguém aproveita”, observou. “E tudo isso abriu os olhos da gente, que é estudante. Porque do coco nada se joga fora se souber aproveitar”, afirmou a aluna, se referindo também a pesquisas da UFPB realizadas em outras áreas, que utilizam as demais partes do fruto.

Elejé

Dalmo Oliveira

Entre o Pajeú e o Cariri

Germinou a semente do cultivo de algodão orgânico no Semiárido nordestino. Mais de mil famílias, em sete territórios da região, estão nesse momento terminando a colheita de milhares de toneladas de pluma de variedades herbáceas brancas sugeridas aos pequenos agricultores pela Embrapa. A estatal do Ministério da Agricultura e Pecuária não está sozinha nesta empreitada. Ela participa de uma rede, coordenada pela ONG Diaconia, com várias instituições não-governamentais.

O projeto, chamado de “Algodão em Consórcios Agroalimentares”, alcançou na semana passada o sexto módulo. Com capacitações, treinamentos e diversas reuniões em cada um dos territórios aonde está sendo implantado. Alto Sertão das Alagoas e Sergipe. Cariri paraibano. Território da Serra da Capivara, no Piauí. Pajeú e Araripe pernambucanos. E também no território potiguar do Apodi. O Nordeste brasileiro não tem pareia.

Semana passada eu fui bater em Ouricuri. Passei por Sertânia, Salgueiro e Serra Talhada. Nos territórios as visitas foram marcadas pelo final da colheita, com o algodão já em condições de armazenamento. No Sítio Angiquinho, Seu Bida e a família coletaram os capuchos e armazenaram dentro de casa sobre um berço do caçula, que não usa mais.

No assentamento Zé Marcolino (Prata/PB), na propriedade do Seu Anselmo e da jovem Amanda, com quase 3 hectares, foram demonstrados também resultados da cultura alimentar. Batata, feijão caupi, mi-

lho, hortaliças, gergelim e melancia, além do sisal. Eles participam da Rede Borborema de Agroecologia. A caprinovincultura é também historicamente forte na região. A certificação orgânica está a cargo da ONG CEPAC.

Maria Amália, consultora do projeto, baseada em Sumé, diz que na região participam do projeto agricultores de Livramento, Prata, Amparo, São João do Tigre e Monteiro. Na Vila Produtiva Rural Lafayette (Monteiro/PB) os assentados são famílias oriundas de áreas atingidas pela Transposição do Rio São Francisco na região. Ali acontece também o cultivo da palma forrageira.

Em Sertânia (PE) nós visitamos o assentamento Jacu, aonde fomos recebidos pelo Seu Bartolomeu e dona Cicera. Na varanda da casa, depois do almoço sabroso feito por ela, o casal de agricultores exibe com orgulho os fardos do algodão colhido em seus roçados. No dia seguinte, já em Ouricuri (PE), fizemos uma visita ao assentamento da antiga Fazenda Dourado. Agora o lugar é conhecido como Comunidade Né Laranjeira. Dona Socorro e Seu Chico montaram uma roça bonita e organizada onde, além do algodão, cultivam hortas e criam abelha.

É impressionante ver a garra daquela mulher e como ela rapidamente assimila as novidades trazidas pelo pessoal da Embrapa e das ONGs que cooperam nesse projeto. Como um Terço pendurado no pescoço, Socorro é a típica agricultora dessa região do Semiárido

do Nordeste que carrega em sua história as características mais marcantes daqueles que lutam na terra por sustento e dignidade.

Alguns quilômetros à frente, voltamos ao Sítio Lajinha, para ver como estão Seu Chicão e sua família. Ele acaba de se tornar avô e é só felicidade dividindo a atenção entre os afazeres agrícolas cotidianos e o gurizinho, primeiro filho de Maria, sua primogênita. A reunião do dia ocorre no terreiro da casa deles, com chão bem varrido por vassouras feitas por Dona Célia com ramos de um mato nativo.

Na região de Ouricuri já são mais de 400 famílias envolvidas no projeto do algodão orgânico. Agora eles começam a planejar o próximo plantio, evitando os erros que ocorreram na primeira fase da experiência. Há uma expectativa de que haja um acréscimo de 20% no número de agricultores e agricultoras para o período vindouro.

O projeto começou a despertar também o interesse da juventude rural, que tem assumido papéis estratégicos nas experiências com a Unidades de Aprendizagem de Pesquisa Participativa (UAP's). O empoderamento feminino é outro componente bacana, discutindo igualdade de gêneros e o papel das mulheres no fazer da agricultura.

Eu fiz um registro fotográfico dessa nova viagem de trabalho com cerca de 225 fotos: . Com o cinegrafista Flávio Torres, iniciamos a edição de videorreportagens e um <https://flic.kr/s/aHsmFCKC41>documentário deverá ficar pronto até o fim desse se-

gundo semestre. É a maneira que teremos de mostrar que é possível alterar realidades, devolver a autoestima dos trabalhadores rurais, apostando em sustentabilidade e respeito ao ambiente. Vamos em frente!

Ori ooi!

A cabeça é o locus do nosso corpo aonde o sagrado se instala e se manifesta. É uma central de comandos. A gente vem para Ayê inicialmente com a cabeça, literalmente, principalmente aqueles que têm o privilégio de nascer de um parto natural. A cabeça sente o mundo primeiro. E quando ela aparece os orixás a amparam, a recebem em suas mãos. Conduzem-na para fora da placenta.

Na religião dos Orixás, alimentar a cabeça (Ori) é um ritual importante e indispensável. É uma comunhão entre o homem e os deuses que nos regem desde sempre. Fortalecer Ori é energizar essa comunhão. E dar condições para que a cabeça conduza bem o restante do corpo. Não é uma ação solitária ou individual. É uma oferenda coletiva e solidária. Um momento em que a comunidade do sagrado emana energias de paz, amor, saúde e prosperidade. Eu não teria experimentado algo tão intenso e belo se os Orixás não permitissem! Asê ooi!!

////////////////////

Dedicamos a coluna dessa semana à atriz Ruth de Souza.

Idoso: pouca massa muscular pode indicar risco de morte

Condição eleva chance de óbito entre mulheres em quase 63 vezes e entre homens, em 11,4 vezes, segundo estudo da USP

Karina Toledo
Agência Fapesp

Avaliar a composição corporal de pessoas com mais de 65 anos – particularmente a massa muscular localizada nos braços e nas pernas (apendicular) – pode ser uma estratégia eficaz para estimar a longevidade, mostrou um estudo feito na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP).

Depois de acompanhar um grupo de 839 idosos ao longo de aproximadamente quatro anos, os pesquisadores observaram que o risco de mortalidade geral durante o período foi quase 63 vezes maior entre as mulheres com pouca massa muscular apendicular. Entre os homens que já na primeira avaliação apresentavam baixa porcentagem de músculos nos membros, a chance de morrer foi 11,4 vezes maior.

Resultados da pesquisa, apoiada pela Fapesp, foram divulgados no *Journal of Bone and Mineral Research*.

“Avaliamos a composição corporal da nossa população, com ênfase na massa muscular apendicular, gordura subcutânea e gordura visceral. Em seguida, buscamos identificar quais desses fatores poderiam prever a mortalidade nos anos seguintes. A quantidade de massa magra nos membros superiores e inferiores foi o que mais se destacou na análise”, disse Rosa Maria Rodrigues Pereira professora da Disciplina de Reumatologia da FM-USP e coordenadora da pesquisa, à Agência Fapesp.

Os voluntários foram examinados por uma técnica conhecida como densitometria por emissão de raios X de dupla energia (DXA, na sigla em inglês). O equipamento foi adquirido com auxílio da Fapesp durante um projeto anterior coordenado por Pereira, cujo



Os voluntários foram examinados por uma técnica conhecida como densitometria por emissão de raios X de dupla energia

Foto: Rosa Maria Rodrigues Pereira

objetivo era avaliar a prevalência de osteoporose e de fraturas em idosos residentes no bairro do Butantã, Zona Oeste da capital paulista. Em ambos os projetos foi estudada a mesma população acima de 65 anos.

“Selecionamos os voluntários com base nos dados do censo do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Trata-se de uma amostra representativa da população de idosos do Brasil”, disse Pereira.

Na análise final foram incluídos 323 (39%) homens e 516 mulheres (61%). A frequência de baixa massa muscular nessa amostra foi em torno de 80 anos.

Mal silencioso

A perda generalizada e progressiva de massa muscular associada ao envelhecimento é conhecida como sarcopenia. Dados da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia indicam que a condição chega a afetar 46% dos indivíduos acima de 80 anos.

Principalmente quando combinada à osteoporose, a sarcopenia pode aumentar a

vulnerabilidade dos idosos, tornando-os mais propensos a quedas, fraturas e outros traumas físicos. A relação entre baixa densidade mineral óssea no fêmur e mortalidade foi também demonstrada em estudos feitos com essa comunidade, publicados em 2016.

O grupo coordenado por Pereira desenvolveu uma equação para determinar, com base nas características da população estudada, quais indivíduos poderiam ser considerados sarcopênicos.

“Pelos critérios mais usados [ajuste da massa muscular apendicular pela altura ao quadrado], a maioria dos indivíduos identificados como sarcopênicos é magra. Como a população que estudamos apresentava, em média, um IMC [índice de massa corporal] mais elevado, ajustamos o cálculo da massa muscular de acordo com a gordura corporal dos voluntários. Aqueles que apresentavam um índice de massa muscular 20% abaixo da média foram classificados como sarcopênicos”, explicou Pereira.

O tema foi abordado pelos pesquisadores da Disciplina de Reumatologia da FM-USP em artigos publicados na revista *Osteoporosis International* em 2013 e 2014.

Além do exame de densitometria, também foram realizadas análises de sangue e aplicados questionários para avaliação da dieta, grau de atividade física, consumo de tabaco e álcool e presença de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e dislipidemia.

Após quatro anos de seguimento, 15,8% (132) dos voluntários haviam morrido. Desses, 43,2% por problemas cardiovasculares. O índice de óbito entre os homens foi de 20%, enquanto entre as mulheres foi de 13%.

“Fizemos então uma série de análises estatísticas para entender em que os voluntários que morreram se diferenciavam dos que permaneceram vivos. A pergunta do trabalho era: com base na composição corporal medida pela densitometria é possível prever se a pessoa vai morrer?”, disse Pereira.

Fator da composição corporal

De modo geral, os indivíduos que morreram eram mais velhos, faziam menos atividade física, sofriam mais de diabetes e de problemas cardiovasculares. Além disso, no caso das mulheres, apresentavam um IMC mais baixo. No caso dos homens, apresentavam maior chance de sofrer quedas. Todas essas variáveis foram acrescentadas no modelo estatístico e ajustadas para o resultado final, que indicaria qual fator da composição corporal estaria associado com o risco de morte.

No caso das mulheres, consideradas as variáveis de ajuste, apenas o índice de massa muscular baixo se mostrou significativo. Já entre os homens, a gordura visceral também foi um fator relevante. A chance de morrer tornava-se duas vezes maior a cada aumento de seis centímetros quadrados na adiposidade abdominal. Curiosamente, um índice mais alto de gordura subcutânea teve efeito protetor para os homens estudados.

“Observamos que nos ho-

mens outros parâmetros também influenciaram negativamente a mortalidade, diminuindo do ponto de vista estatístico o peso da massa muscular apendicular. Nas mulheres, por outro lado, a massa muscular se destacou de forma isolada e, por esse motivo, teve maior influência”, disse Pereira.

Segundo a pesquisadora, as mudanças hormonais relacionadas à menopausa também ajudam a explicar a diferença entre os sexos. “Talvez a transição rápida e significativa de um ambiente estrogênico protetor para um ambiente hipostrogênico deletério – principalmente no que se refere ao sistema cardiovascular – faça com que o papel metabólico protetor da musculatura esquelética, que inclui a produção de citocinas anti-inflamatórias, ganhe importância na pós-menopausa. Essa alteração hormonal é muito menos abrupta nos homens”, disse.

A perda de massa muscular, que naturalmente ocorre após os 40 anos, pode passar despercebida pelo ganho de

peso, também comum após essa idade. Estima-se que, após os 50 anos, entre 1% e 2% da massa muscular seja perdida anualmente. Entre os fatores que podem acelerar o fenômeno estão sedentarismo, dieta pobre em proteínas, doenças crônicas e hospitalização.

Além da importância evidente para a postura, o equilíbrio e o movimento, a musculatura tem outras funções essenciais ao organismo. Ajuda a regular os níveis de glicose no sangue (consome energia durante a contração), a temperatura corporal (o corpo treme quando sentimos frio) e produz mensageiros hormonais, como a mioquinase, que promovem a comunicação com diferentes órgãos e influenciam respostas inflamatórias.

A boa notícia é que a sarcopenia é um problema que pode ser evitado e até mesmo revertido com a prática de exercícios físicos, principalmente musculação. Cuidados com a ingestão de proteínas também são recomendados.

Lúri
Moreira

iurimoreira.imprensa@gmail.com

Vem aí o SAP NOW

O SAP Forum mudou e agora chama-se SAP NOW. A mudança do nome do evento anual reflete o novo momento da companhia mundialmente, que vem transformando seus negócios na oferta de softwares e soluções em nuvem, além de ter um foco cada vez mais amplo na experiência. Nos dias 11 e 12 de setembro, o evento vai reunir no Transamérica Expo Center, em São Paulo, importantes nomes do mercado nacional e internacional para debater tendências e inovações em diversos painéis e palestras, além de receber aproximadamente 10 mil visitantes no congresso e área de exposição.

Fernando Migrone, vice-presidente de Marketing da SAP Brasil, reforça que além dos conteúdos, o evento estará ainda mais dinâmico, com apresentação de showcases interativos, demonstrações virtuais, cases da indústria e demonstrações de soluções da própria SAP e de parceiros de negócios. Outro destaque será a apresentação para o mercado brasileiro dos detalhes da integração da SAP com a Qualtrics e que integram X-data diretamente em aplicações de negócios, como os sistemas CRM, ERP ou HCM (gestão de capital humano), para realizar melhorias e ações contínuas. Este sistema define um novo padrão para o software empresarial.

“O SAP NOW estará focado na estratégia global da empresa em ajudar os clientes a evoluir para a economia da experiência, quando os dados operacionais (O-data) são associados com dados de experiência (X-data) para medir e aprimorar as experiências de clientes, funcionários, produtos e marcas. Desta forma, as empresas podem diminuir o gap entre o que os clientes esperam e o que efetivamente as companhias podem entregar para eles”, explica Migrone. “Também vamos trazer cases da indústria com resultados alcançados por quem já está na liderança na jornada da empresa inteligente”, completa.

Carros autônomos

A Ford anunciou a aquisição da Quantum Signal, empresa especializada em robótica, sensores, simulação em tempo real e desenvolvimento de algoritmos para acelerar o seu plano de entrada no negócio de veículos autônomos. Embora seja pouco conhecida do público, a pequena empresa fundada em 1999 na cidade de Saline, Michigan, EUA, atua na vanguarda da robótica móvel para diversos clientes, incluindo o Exército dos Estados Unidos.

Geração 10

A Intel lançou nesta semana 11 novos processadores da 10ª geração Intel Core, desenvolvidos para computadores 2 em 1 e laptops ultrafinos. Os processadores contam com inteligência artificial (IA) de alto desempenho para PCs em larga escala, novos gráficos Intel Iris Plus para entretenimento, além de possibilitarem melhor conectividade com Intel Wi-Fi 6 (Gig+) e Thunderbolt 3. Os novos sistemas devem chegar ao consumidor no final de 2019.

Xiaomi

Após inaugurar sua primeira loja física no Brasil, localizada no Shopping Ibirapuera, em São Paulo, a Xiaomi anunciou a chegada de mais um smartphone ao mercado nacional, o modelo MI 9 SE. O aparelho complementa a linha Mi 9, sucesso de vendas em todo o mundo. A novidade se destaca pela facilidade no manuseio, presença de câmera tripla, processador avançado e visual sofisticado, chamando a atenção pela fina espessura, com apenas 7.5 mm. Está disponível nas cores Carbon Black (preto) e Glacier Blue (azul).

Overwatch

A equipe que disputará a edição 2019 da Copa do Mundo de Overwatch já está definida. O selecionado que disputará o torneio será composto por André “Troxin” Saidel (Tanque); Maurício “honorato” Honorato (Tanque); Renan “alemao” Moretto (Suporte); Pedro “ole” Orlandini (Suporte); Felipe “liko” Lebrao (DPS); Murillo “murizzzz” Tuchtenhagen (DPS) e Luiz “Ludwig” Motta (DPS). A equipe é formada por jogadores que atuam principalmente na Overwatch Contenders South America e contará com a experiência de alguns dos jogadores que estavam na seleção no ano passado. A equipe será comandada pelo técnico Yuri “Insanityz” Ribeiro.

Criptomoedas

A partir desta semana, as transações em criptomoedas que ultrapassem o valor de R\$30.000 deverão ser devidamente informadas para a Receita Federal. As regras para essa prestação de contas estão definidas na Instrução Normativa RFB 1.888/2019. A medida vale para empresas, investidores e exchanges que usam esse sistema de transações.

Ela nasceu na capital paraibana, mas antes de aqui fazer morada, morou também em Pernambuco, Bahia, Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Em outras palavras, Eunice vai para onde a arte lhe levar. E foi justamente a arte que a levou a fazer o bacharelado em filosofia na UFPB, no qual desenvolveu o trabalho de monografia "Poesia TransForme: O encontro das artes e a interdisciplinaridade dos saberes".

Como você se descobriu atriz?

Quando lembro do início da vida, lembro logo da arte... Tenho desenhos guardados desde os 6 anos, comecei a praticar música aos 9 e a minha primeira peça teatral aconteceu aos 11 anos. A vida flui. Em 2005 atuei e dirigi meu primeiro curta, em 2014 participei de uma exposição dentro do Centro Cultural São Paulo e desde 2016

Entrevista

Eunice Boreal
Cantora e atriz

Foto: Thercles Silva



Abertura do Show de Céu, em março deste ano

sou colaboradora da revista portuguesa InComunidade. Tudo o que sinto, penso ou faço, evidencia a importância da atividade criativa. É maravilhoso poder viver e perceber como a arte desperta saberes, auxilia vidas e desenvolve potencialidades. Por isso, realizo palestras, cursos e métodos de treinamentos.

Qual foi o seu trabalho mais marcante?

Como também sou filósofa, sinto a necessidade de refletir com a sua pergunta. Acredito que sejam 2 os fundamentos da existência: O amor e a sabedoria. O amor nos conecta à nossa divindade, à quem somos, ao nosso propósito e aos demais seres. A sabedoria nos possibilita reconhecer

e atribuir significados. Com ela, podemos discernir, perceber ciclos, lidar com os sentimentos (inclusive com o amor) e conquistar a vida que queremos no presente. Por isso, se eu for falar qual é o trabalho mais marcante, preciso dizer que é o que faço agora, pois é nesse instante que dedico toda a minha vida.

Quem te inspira?

Sim! Amo algumas pessoas, entre elas, cito Juliette Binoche, Pina Baush, St. Vincent, Leonardo Da Vinci, Gabrielle Chanel, Virginia Woolf, Rumi, Rodrigo Santoro, Hildegard von Bingen, Benedict Cumberbatch, Wislawa Szymborska, Nina Simone, Deepak Chopra, Jean Luc-Nancy, Peter Brook, Maria Zambrano, Jean Cocteau, Agnès Varda, Cate Blanchett...

Quais os planos para este segundo semestre?

Bem, 2019 tem sido um ano bem intenso... Mas escolho direcionar a minha atenção, pois enquanto houver arte e filosofia, há possibilidade de melhora humana. Afinal, o que seria da sociedade sem as artes e a filosofia, se até as ciências nascem e se inspiram nelas? Quebec, Yale, Oxford e demais universidades do mundo investem no diálogo entre os saberes, portanto, sabemos que ambientes inteligentes promovem a arte e os estudos. A prosperidade

está nisso. Hoje desenvolvo o Método de Treinamento Interdisciplinar por acreditar nesse caminho. Alia a minha experiência artística de mais de 20 anos às pesquisas filosóficas, a partir disso, ofereço técnicas e teorias para profissionais de diversas áreas. Atualmente sou parceira do Centro de Pesquisa Nikola Tesla e do Instituto Michelle Sales, onde ofereço os treinamentos e desenvolvo projetos. Estou bastante feliz, pois ambas as empresas estão sintonizadas com os avanços mundiais e atuam com uma perspectiva inovadora. Quem quiser conhecer mais sobre esse trabalho, pode acompanhar meu instagram e entrar em contato. Além disso, depois de abrir o show da cantora Céu dentro do Espaço Cultural, realizado mesas, palestras, lançado um conto na FLIP 2019, feito apresentações teatrais e escrito um roteiro, agora preparo um novo monólogo, as filmagens do novo filme e reviso um livro. A vida há de sempre nos possibilitar bons sonhos e sentidos.



Parabéns

Ana Beatriz Gomes, Clarissa Teixeira Valadares, Genilda Mesquita, Lara Santiago, Mariana Esteves, Noberto Lins de Vasconcelos, Regina Medeiros Amorim Simone Aranha Tavares Feitosa, Tereza Cavalcanti e Vera Lúcia Targino de Araújo Ferreira.

Coluna do meio

Foto: Felipe Gesteira



Por **Dandara Costa**
scosta.dandara@gmail.com

Retweet



Leticia Casado
@leticiadcasado

O desmatamento da Amazônia cresceu 39% em 2019, enquanto as multas aplicadas pelo Ibama caíram 20%. Essas tendências opostas assustam os especialistas; Bolsonaro fala em ampliar áreas para mineração. C/@londonoe

Foto: Reprodução/Facebook



Um feliz aniversário para Regina Medeiros Amorim

Foto: Divulgação



A autora Camilla Mozzini

CINEMA - Fernanda Montenegro atua no elenco de "Eles não usam black-tie", o próximo filme a ser exibido no Cineclube da Fundação Casa de José Américo. A sessão única começa às 19h30 da próxima quarta-feira (7). O comentarista da vez será o professor e pesquisador de cinema Fernando Trevas. A entrada para o filme de Leon Hirszman é gratuita. Também estão no elenco Gianfrancesco Guarnieri, Carlos Alberto Riccelli e Bete Mendes.

● **DIA DOS PAIS** - Com slogan "Tudo para o meu", a Lacoste da empresária Renata Gouvea está com coleção nova e com muitas opções de presentes para o Dia dos Pais. "Temos as polos que são tradicionais, calças e camisas de mangas longas, carteiras e sapatos", comentou Renatinha.

● **TAPIOCA** - Para aqueles que gostam de não se preocupar com o café da manhã nos finais de semana nossa dica é o restaurante Olho D'água, localizado na pérgula das piscinas do Tambaú Hotel. A partir das 6h até as 10h é possível aproveitar todo o buffet pela taxa única de R\$ 38.

Foto: Reprodução/Instagram

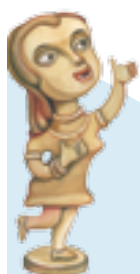


José Carlos Teixeira Filho ao lado do filho Kaká Teixeira no Gulliver Mar

★ **PROGRAMAÇÃO** - A banda paraibana Omnia Vincit Rock vai se apresentar neste domingo, no After Pub, às 21h. O show é comemorativo ao aniversário de João Pessoa. Com novo projeto realizando "Tributo à Legião Urbana", o grupo é formado por John Nery (vocal), Marcus Geriz (teclados e programações), Erick Xavier (guitarras e violões), Will Gomes (baixo elétrico e acústico) e Nielsen Silva (bateria e percussão).

★ **NOVE ANOS DE PESQUISA** - Após lançar em São Paulo e Porto Alegre, a pesquisadora Camilla Mozzini-Allister traz para João Pessoa seu novo livro "Impressões de um Corpo Conectado: como a publicidade está nos incitando à conexão digital", no qual ela investiga e analisa peças publicitárias para entender como as pessoas estão sendo incitadas a viver no ambiente digital. O coquetel de lançamento acontece próximo dia 8, na APL.

Ui!



// Para que serve o ouro? A terra não é de ninguém, o mar não é de ninguém [...]. As pessoas também não pertencem umas às outras //

ISABEL ALLENDE

// Quando socialmente você não percebe a violência é porque a exerce //

PAUL B. PRECIADO





Edival Marques ganhou a medalha de ouro na categoria até 68 Kg e a namorada, Talisca Reis, a prata, na categoria até 49 Kg. Ele nasceu em Porto Velho-RO e veio à capital paraibana comemorar o sucesso nos Jogos de Lima

Campeão faz pausa nos treinos e curte o ouro em João Pessoa

Edival Marques e a namorada, Talisca Reis, também medalhista, foram destaques no taekwondo no Pan de Lima

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Edival Marques, paraibano de apenas 21 anos e natural de João Pessoa, fez uma pausa nas competições e treinos para estar com sua família e amigos ao longo desse fim de semana e feriado de aniversário da capital paraibana. O jovem atleta da Seleção Brasileira de Taekwondo trouxe para casa, direto de Lima, no Peru, a medalha de ouro conquistada nos Jogos Pan-Americanos na categoria até 68 kg. Porém, não foi apenas ele que desembarcou com uma medalha, Talisca Reis, de 29 anos, trouxe uma prata conquistada também defendendo as cores da Paraíba no taekwondo já que é federada como atleta no Estado e ficou com o segundo lugar no Pan dentro da categoria até 49 kg.

Edival e Talisca treinam juntos na mesma equipe, competem pela Seleção Brasileira e

namoram a pouco mais de três anos e nesse período, Netinho - apelido de Edival, que faz questão de retornar para João Pessoa sempre que possível, apresentou a cidade e o taekwondo paraibano para a atleta que é natural de Porto Velho, capital de Rondônia. Foi nesse momento que a cidade - cujo aniversário de 434 anos se dará amanhã -, somou-se ao elo entre os dois e se depender de ambos, no futuro, ela passará a compor a rotina deles em definitivo.

"Para mim estar em João Pessoa, próximo aos meus familiares e amigos é sempre um momento onde consigo recuperar as energias, geralmente venho apenas no final do ano, após uma temporada inteira de treinos e competições chego aqui com a bateria vazia e saio com ela carregada, dessa vez está sendo ainda melhor, pois após o Pan pudemos vir juntos para casa e agora é nos energizar

para o resto do ano e próximas competições", comentou Edival.

Já Talisca fala que mesmo com pouco tempo de vivência na cidade, o planejamento é poder no futuro se estabelecer na Paraíba.

"Nós temos a ideia de retornar em definitivo e vir morar aqui na Paraíba e quem sabe aqui montar uma academia de taekwondo. Netinho é muito apegado à família e à cidade e isso ele passou para mim, um amor duplo que me fez vir para cá. Agora estamos juntos também nessa missão que é defender as cores do Estado", explicou Talisca

Carreiras no esporte

Edival começou a treinar aos sete anos na modalidade e foi formado na academia do Mestre Tomaz, atual presidente da Federação Paraibana de Taekwondo Olímpico (FPTO), responsável também pela vinda de Talisca para o Estado. Segundo ele, o esporte é parte integrante da sua vida e agora após

essa conquista ele passa a olhar e focar atenções em busca das Olimpíadas de Tóquio.

"Eu comecei muito cedo, minha vida toda foi no taekwondo, então nem sei dizer como seria sem o esporte. Essa conquista foi muito importante, pois vinha de algumas competições onde o resultado esperado acabou não vindo. Lembro que um pouco antes do Pan conversava com meu pai que essa poderia ser uma oportunidade para retomar as vitórias e felizmente deu tudo certo lá.

Talisca iniciou na modalidade através de seus irmãos - ambos, assim como ela, são faixa preta na modalidade - quando morava em Goiás, primeiro Estado que representou enquanto atleta, depois, ela passou pelo Paraná, e cerca de um ano e meio começou a competir pela Paraíba, trazida pelo Mestre Tomaz, responsável pelo começo da carreira de Edival.

"Sempre tive o taekwondo como uma paixão dentro de casa por conta dos meus irmãos

e sigo podendo contar com esse apoio até hoje, só que agora ampliado também pelo suporte aqui na Paraíba, que através do Mestre Tomaz e do Netinho, me fizeram o convite para representar o Estado nas competições nacionais e internacionais. Fico feliz em estar contribuindo com essa medalha do Pan-Americano e outras conquistas que temos obtido e que virão daqui em diante", comemorou a atleta.

Olimpíadas de Tóquio.

No próximo dia oito de agosto, eles encerram seu período de descanso em João Pessoa e retornarão para a rotina de treinos e competições, agora levando de vez consigo as energias da Paraíba que para Netinho já tem servido de auxílio na sua caminhada como atleta e agora também passaram a ajudar Talisca.

Agora, a jornada prioritária de ambos é em busca da vaga para os Jogos Olímpicos de Tóquio no ano que vem e para isso, eles precisam até dezembro subir no ranking mundial em suas

categorias para buscar uma classificação direta ou garantir uma vaga indicada pela Confederação Brasileira de Taekwondo. Hoje, no ranking mundial, Edival ocupa a 14ª posição e Talisca a 11ª.

"Esse resultado no Peru abre as portas para outras conquistas e agora é seguir firme para que a gente possa estar juntos lá nas Olimpíadas representando o Brasil e a Paraíba. Temos um calendário forte de competições e estaremos focados e reenergizados para conseguir grandes resultados até o final do ano", afirmou Edival.

Agora, após a medalha de prata no Pan-Americano que lhe colocou na décima primeira posição no ranking mundial, Talisca espera poder ir em busca também de sua vaga nos Jogos de Tóquio onde poderá repetir a dobradinha e dessa vez com o brilho olímpico.

"Agora nosso objetivo principal são os Jogos Olímpicos de Tóquio, o Pan me deixou mais perto de uma vaga, contudo o ideal é buscar uma classificação direta e para isso preciso ir bem nas próximas competições para ficar entre as 5 melhores da minha categoria", afirmou a atleta de Rondônia e da Paraíba.



Brasil volta a ter 4 clubes nas quartas de final da Libertadores

Confrontos mostram que um dos times brasileiros será finalista da competição no jogo que ocorrerá no Chile

Foto: Ricardo Duarte/Inter

Srgool

A Libertadores 2019 conhece, esta semana, todos os confrontos válidos pelas quartas de final. O Grêmio foi o responsável por pegar a última vaga ao despachar o Libertad. O time gaúcho, aliás, ajudou os brasileiros a igualarem o recorde verde e amarelo nesta fase ao longo do século XXI. Esta será a 4ª vez que o torneio mais importante da América do Sul terá quatro brasileiros nas quartas de final, de acordo com o levantamento do site estatístico srgool.

E serão dois confrontos brasucas nas quartas de final. O Grêmio, por exemplo, enfrentará o Palmeiras, enquanto o Flamengo pegará o Internacional. Ou seja, o Brasil já tem garantido um representante na final da Libertadores 2019 que será no Chile. A atual temporada repete as edições de 2009, 2010 e 2012 que também tiveram quatro brasucas antes das semifinais.

Detalhe: em 2010 e 2012, o campeão foi brasileiro. Há nove anos, o Internacional faturou o título pela segunda vez. Flamengo, Cruzeiro e São Paulo também estavam nas quartas de final naquela época. Em 2012, o Corinthians eliminou o Vasco nas quartas de final e, logo depois, foi campeão. Fluminense e Santos completaram a lista.

Apenas em 2009, o Brasil

não conseguiu fazer o campeão mesmo tendo quatro clubes nas quartas de final. O Cruzeiro teve que se contentar com o vice, enquanto Grêmio, Palmeiras e São Paulo ficaram pelo caminho. Dos clubes que seguem na briga pelo título na atual temporada, o Palmeiras está nas quartas de final pela quarta vez no século XXI. O rival Grêmio, enquanto isso, jogará pela 7ª vez. O Flamengo, por outro lado, atuará pela 2ª vez, ante a 4ª do Internacional.

A Argentina, com 25 títulos, lidera o ranking de conquistas da Libertadores. O Brasil está com 18, contra oito do Uruguai. Já Paraguai e Colômbia somam três casa. Equador e Chile têm um cada. Em relação aos clubes, a Libertadores tem como maior vencedor o Independiente-ARG - dono de sete títulos -, um a mais que o Boca Juniors-ARG.

Peñarol-URU, com cinco, e Estudiantes-ARG e River Plate-ARG, com quatro, estão a frente de Santos, São Paulo, Olímpia-PAR, Nacional-URU e Grêmio, todos com três. O Internacional tem dois títulos, assim como Cruzeiro e Atlético Nacional. Com uma conquista há San Lorenzo-ARG, Atlético Mineiro, Corinthians, LDU-EQU, Once Caldas-COL, Palmeiras, Vasco, Vélez Sarsfield-ARG, Colo Colo-CHI, Argentinos Juniors-ARG, Flamengo e Racing Club-ARG.

QUARTAS DE FINAL

- River Plate-ARG x Cerro Porteño-PAR
- LDU-EQU x Boca Juniors-ARG
- Palmeiras x Grêmio
- Flamengo x Internacional



O Internacional vai enfrentar o Flamengo nas quartas de final. O vencedor deste confronto vai pegar quem passar do embate entre Palmeiras e Grêmio

BRASILEIROS NAS QUARTAS DE FINAL DA LIBERTADORES NO SÉCULO XXI

- 2001 (Palmeiras, Cruzeiro e Vasco)
- 2002 (São Caetano e Grêmio)
- 2003 (Santos e Grêmio)
- 2004 (São Caetano, Santos e São Paulo)
- 2005 (Athletico Paranaense, Santos e São Paulo)
- 2006 (Internacional e São Paulo)
- 2007 (Santos e Grêmio)
- 2008 (São Paulo, Fluminense e Santos)
- 2009 (Grêmio, Palmeiras, Cruzeiro e São Paulo)
- 2010 (Flamengo, Cruzeiro, São Paulo e Internacional)
- 2011 (Santos)
- 2012 (Fluminense, Vasco, Corinthians e Santos)
- 2013 (Atlético Mineiro e Fluminense)
- 2014 (Cruzeiro)
- 2015 (Cruzeiro e Internacional)
- 2016 (São Paulo e Atlético Mineiro)
- 2017 (Santos, Botafogo e Grêmio)
- 2018 (Cruzeiro, Palmeiras e Grêmio)
- 2019 (Palmeiras, Flamengo, Internacional e Grêmio)



Foto: CSF



O Corinthians segue vivo e vai enfrentar o Fluminense

Três brasileiros em fase decisiva da Sul-Americana

Srgool

A Sul-Americana contará com três clubes brasileiros entre os oito classificados às quartas de final. O Corinthians se juntou a Atlético Mineiro e Fluminense. O clube carioca, aliás, será adversário do Timão na próxima fase. Esta será a terceira vez seguida que o Brasil colocará três representantes nas quartas de final.

Se paulistas e cariocas ficarão frente a frente, o Galo medirá forças ante o La Equidad. Atlético e Flu decidirão em casa. O Tricolor das Laranjeiras, por sinal, esteve presentes nas quartas de final nas últimas três temporadas. Apenas no ano passado, o Fluminense conseguiu avan-

çar às semifinais, mas o título acabou com o Athletico Paranaense. O outro brasuca nas quartas foi o Bahia.

Em 2017, além do Flu, os brasileiros contavam com Sport e Flamengo. O Rubro-Negro foi o responsável por eliminar os tricouros nas quartas de final. Em 17 edições com a presença de brasileiros, a Sul-americana registrou seis edições com três ou mais brasileiros nas quartas de final (2005, 2008, 2010, 2017, 2018 e 2019). Há nove anos, o segundo torneio mais importante da América do Sul contabilizou quatro brasucas. O Goiás, que teve a companhia de Avaí, Atlético Mineiro e Palmeiras, foi vice-campeão ao perder o título para o Independiente.

A Conmebol Sul-Americana surgiu,

em 2002, em substituição a Copa Mercosul. Os brasileiros só entraram na disputa em 2003. Com dois títulos, Boca Juniors-ARG (2004 e 2005) e Independiente-ARG (2010 e 2017) são os maiores vencedores do torneio. San Lorenzo-ARG (2002), Cienciano-PER (2003), Pachuca-MEX (2006), Arsenal-ARG (2007), Internacional (2008), LDU-EQU (2009), Universidade de Chile-CHI (2011), São Paulo (2012), Lanús-ARG (2013), River Plate-ARG (2014), Santa Fe-COL (2015), Chapecoense (2016) e Athletico Paranaense (2018) têm uma conquista cada.

Em relação aos títulos por países, a vantagem é toda da Argentina com oito conquistas. O Brasil soma quatro títulos, contra um de Chile, Equador, México, Peru e Colômbia.

Bahia encara o Flamengo hoje na Arena Fonte Nova

Time baiano está em situação complicada no Brasileiro e precisa vencer para se distanciar da zona de rebaixamento

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Da Redação

Com expectativa de público superior a 30 mil torcedores, Bahia e Flamengo se enfrentam hoje, às 16 horas, na Arena Fonte Nova, em Salvador, pela 13ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A. As duas equipes vivem momentos distintos. O Flamengo ocupa a terceira posição, com 24 pontos e vem de uma vitória sobre o Botafogo por 3 a 2. Já o Bahia vem de um empate sem gols contra a Chapecoense, em Chapecó e ocupa a 12ª rodada com 16 pontos.

Tentando se aproximar do Santos na disputa pela liderança da competição, o Rubro-Negro vai à Arena Fonte Nova com o objetivo de conseguir mais uma vitória, mas como de costume nos últimos jogos, terá muitos desfalques importantes. Nesse jogo, uma das baixas será o atacante Gabriel Barbosa, que havia atuado em todos os duelos desde a chegada de Jorge Jesus.

O camisa 9, que é artífice do Brasileirão, não participa do jogo contra o Tricolor baiano porque, no último compromisso, ante o Botafogo, ele recebeu seu terceiro cartão amarelo. Sendo assim, tem de cumprir suspensão automática nesta rodada.

Desde que Jorge Jesus assumiu o Fla, sete partidas foram disputadas, sendo duas pela Libertadores, duas pela Copa do Brasil e três pelo Campeonato Brasileiro. Presente em todas, Gabigol não balançou as redes em apenas uma delas - contra o Emelec, em Guayaquil. Nas demais, o atleta conseguiu a impressionante marca de 8 gols.



Depois de uma classificação dramática na Taça Libertadores diante do Emelec, o Flamengo vai a Salvador neste domingo enfrentar o Bahia para buscar mais três pontos e se aproximar do líder

Sem Gabriel, a tendência seria que o treinador optasse por Lincoln ou Vitiinho. Contudo, ambos estão em processo de recuperação de lesão. O primeiro, que teve problema muscular na coxa, deve voltar já nas próximas semanas. O camisa 11, porém, teve que passar por artroscopia e o retorno deve acontecer apenas em dois ou três meses. Sendo assim, Jorge

Jesus tem um verdadeiro 'quebra-cabeça' para definir quem será o companheiro de ataque de Bruno Henrique.

No meio campo, De Arrascaeta ainda está se recuperando de uma contusão e deverá ficar no banco. Diego fraturou o tornozelo, e só volta a jogar no final do ano. E na defesa, Jorge Jesus também não poderá escalar Rodrigo Caio, que está

entregue ao departamento médico. Portanto, a escalação do Flamengo para hoje é uma incógnita e só momentos antes do jogo se saberá.

Há sete jogos sem vencer e quatro sem marcar gols, o Bahia enfrenta o Flamengo, em seu maior momento de instabilidade sob o comando do técnico Roger Machado. Em campo, o Bahia procura

retomar não só os bons resultados, como também as atuações vistas antes da Copa América. Para isso, a equipe volta a contar com o apoio em massa da sua torcida.

Desde que perdeu o volante Douglas Augusto, durante a Copa América, o clube não tem encontrado uma solução para a posição. Hoje, contra o campeão carioca, existe a possibili-

dade do lateral direito João Pedro, contratado recentemente, ser deslocado para a posição. Ele já jogou na lateral quando atuava pela Chapecoense. Diante da situação do Bahia no momento, o técnico Roger Machado faz mistérios em relação a escalação, e segundo ele, o objetivo é surpreender o Flamengo e conseguir uma grande vitória, dando a volta por cima.

+ Verdão lidera estatística no clássico

Da Redação

Neste domingo (4), o Corinthians entra em campo pela 13ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A de 2019. Na Arena Corinthians, o Timão enfrenta o Palmeiras a partir das 19h. Para esta partida, mais de 40 mil ingressos foram vendidos. o Timão ocupa a oitava posição com 19 pontos, mais tem um jogo a menos - contra o Goiás -, enquanto seu adversário está em segundo lugar, dois pontos atrás do Santos que tem 29 pontos e joga às 11 horas de hoje diante do Goiás, na Vila Belmiro.

Tradicional

O clássico é um dos mais tradicionais do futebol paulista e cercado de muita rivalidade. O Palmeiras entende que, para efeito de estatísticas, é necessário contabilizar todas as partidas em que os dois clubes se enfrentaram, sejam elas por jogos de 80 minutos (duas etapas de 40,

como acontecia nas décadas de 10 e de 20), sejam por jogos de 90 minutos (duas etapas de 45, como ocorre atualmente) ou até mesmo jogos com duração específica para determinada competição (como os casos do Torneio Início e do Troféu Henrique Mündel, com um total de 15 e 30 minutos, respectivamente, e como alguns jogos de Campeonato Paulista que contemplavam prorrogação, totalizando 120 minutos).

Confronto

Na contabilidade palmeirense, as duas equipes já se enfrentaram em 370 jogos com 131 vitórias do Alviverde e 129 derrotas com 110 empates. O Palmeiras fez 522 gols contra 483 do adversário. O jogo vale pela décima terceira rodada do Campeonato Brasileiro. Os outros jogos deste domingo são: Avaí x Botafogo e Bahia x Flamengo às 16h; Atlético-MG x Cruzeiro e Vasco x CSA, às 19h. Amanhã atuam às 20h, Grêmio x Chapecoense e Athletico-PR x São Paulo.

Foto: Cesar Greco/Ag Palmeiras/Divulgação



Jogadores do Palmeiras treinam para encarar o Corinthians neste domingo na Arena de Itaquera

Botafogo faz jogo de “vida ou morte” hoje contra o Confiança

Somente uma vitória no Almeidão manterá viva a chance do clube alcançar a classificação para buscar o acesso

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo joga todas as suas fichas hoje contra o Confiança de Sergipe, na tentativa de voltar à zona de classificação do Campeonato Brasileiro da Série C. Há 6 partidas sem vencer, o Belo precisa de uma vitória para manter vivo o sonho de voltar ao G4. A partida é válida pela 15ª rodada e será disputada às 18 horas, no estádio Almeidão. O trio de arbitragem é do Rio Grande do Sul e será comandado por Douglas Schwengler da Silva, auxiliado por Leirson Peng Martins e André da Silva Bitencourt.

Este será o décimo confronto entre as duas equipes pelo Campeonato Brasileiro da Série C. Os números mostram uma grande vantagem do time paraibano sobre o adversário. O Botafogo já venceu 5 partidas, enquanto o Confiança apenas 2 e houve 2 empates. Porém, no momento, a situação do Confiança é bem superior a do Belo, e no último jogo o time de Sergipe goleou por 3 a 0.

No Botafogo, o clima é de muita tensão, após 6 partidas sem vencer, e com apenas 18 pontos. A torcida vem cobrando muito do time nesta reta final da fase de classificação e a imprensa tem feito críticas severas sobre a atuação da equipe nos últimos jogos. O jogo de hoje é considerado uma decisão para o Belo, porque se voltar a perder, significa dar adeus as possibilidades de continuar na competição e chegar à Série B, grande sonho do clube, desde 2014.

Para esta partida, o técnico Evaristo Piza vai poder contar com os zagueiros Fred e Lula, que retornam de suspensão, e o meia Juninho,

que está recuperado de uma contusão. Por outro lado, o treinador não poderá contar com Enercino, cumprindo suspensão, e os laterais Itaquí e Neuton, ainda em fase de recuperação de contusões.

A equipe fez treinos secretos durante toda a semana, e Piza não divulgou a escalação da equipe. Mas, uma provável escalação do Botafogo para esta partida é Saulo, Neilson, Fred, Lula e Fábio Alves; Rogério, Marcos Vinícius e Marcos Aurélio; Clayton, Nando e Kelvin.

Pelo lado do Confiança, reina a tranquilidade. Apesar de ter perdido para o Náutico na última partida, o time vem muito bem na competição e é o terceiro colocado do grupo A, com 24 pontos, apenas 3 a menos do que o líder Sampaio Corrêa.

Mas, apesar do bom momento, o técnico Daniel Paulista espera um jogo duríssimo contra o Botafogo, que na opinião dele, tem um dos melhores elencos da competição, e não merecia estar na colocação em que está no momento. Ele tem apenas uma dúvida para escalar a equipe. O lateral Radar sofreu uma pancada forte no joelho nos treinos desta semana, e passou a ser dúvida para esta partida. Por outro lado, o volante Thallyson, que cumpriu suspensão, está de volta.

A provável escalação do Dragão é a seguinte: Genivaldo, Thiago Nunes, Vinícius Simon, Anderson e Altemar; Thallyson, Everton, Rafael Villa e Ítalo; Renan Gorne e Marcelinho.

Da mesma forma que o Botafogo, o Dragão está encarando este jogo como uma decisão, e pretende sair com pelo menos um pontinho do Almeidão, para se manter no G4, independentemente dos outros resultados.



Botafogo, que não ganha há seis partidas, vai precisar do apoio da torcida hoje no Almeidão para conquistar uma vitória diante do Confiança pela Série C

+ Treze tenta fugir do Z2 contra o Sampaio Corrêa

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a vitória sobre o Globo, o Treze tenta embalar uma sequência de vitórias, que possibilitem sair da zona de rebaixamento. Porém, hoje o desafio do Galo será contra o líder do grupo A, o Sampaio Corrêa, em partida programada para as 18 horas, no estádio Castelão, em São Luís no Maranhão. O jogo terá arbitragem de um trio do Distrito Federal, comandado por Christiano Gayo Nascimento,

auxiliado por José Reinaldo Nascimento Junior e Daniel Henrique da Silva Andrade.

Apesar da vitória sobre o Globo, o clima no Galo ainda é de muita pressão. Durante a semana, os jogadores fizeram um protesto por causa dos salários atrasados, mas depois de uma reunião com a diretoria, houve um acordo e aparentemente o problema está resolvido.

A grande novidade do Galo para esta partida é o atacante Dija Baiano, última contratação

do clube para esta temporada. O jogador deverá estreiar no comando de ataque do Galo. Edy e Anderson Penna já cumpriram suspensão e estão à disposição da equipe. Mas, Thiaguinho e Breno Calixto foram muito bem contra o Globo, e deverão ser mantidos na equipe titular.

Sendo assim, a possível escalação do Galo para enfrentar o Sampaio é Mauro Iguatu, Thiaguinho, Breno Calixto, Adriano Alves e Silva; Robson, Coppetti, Diego Silva e Junior Pacato, Adauto e Dija Baiano.

Na Boca do Gol

Eudes Toscano

toscanobr@yahoo.com.br

Edmundo, o goleador do meio do mundo

Uma das grandes, senão, a maior revelação do futebol itaporanguense foi o jovem Edmundo, que pouca gente o conhece por seu próprio nome. Nascido no ano em que o Rei Pelé disputou sua última Copa do Mundo, o jovem tentou seus primeiros passos no Cruzeiro e no Ita Futebol Clube, ambos de sua cidade, onde desapareceu o seu verdadeiro nome, surgindo o pseudônimo de Edmundo, que fez história no futebol paraibano, brasileiro e até, no exterior. Aos 19 anos de idade, ele deixou Itaporanga e foi se tornar profissional em futebol, assinando contrato com o Esporte Clube de Patos, para disputar o campeonato paraibano de futebol profissional de 1989. Por lá ficou até o ano de 1992, e em 1993 foi parar no Vila Nova de Nova Lima, em Minas Gerais, por indicação do ex-técnico Natal Boroni, do Nacional de Patos e do Botafogo F. C.

O atacante ganhou o título de campeão da Segunda Divisão Mineira de Profissionais, Além disso, sagrou-se artilheiro do certame com 16 gols consignados. O time era formado por: Mutolovick, Toninho, Geovane, Luizinho e Vitor - Toinho, Carlinhos Gualba e Arthurzinho. - Robson e Edmundo. O jogo final contra o Araxá, com vitória do Vila por 4 x 0, no dia 6 de março de 1995, foi a partida de despedida do futebol do jogador mineiro Luizinho, que esteve na seleção brasileira de 1982, na Copa da Espanha.

Antes do final do ano de 1995, Edmundo vestiu a camisa do Cruzeiro de Belô, por conta

das boas atuações que realizou no Vila Nova. Os gols marcados na competição serviram de trunfo para sua contratação por parte do clube estrelado. O ano de 1996 foi na verdade estrelado para Edmundo, com o jogador sagrando-se campeão da Copa do Brasil, daquele ano, derrotando na final ao Palmeiras de São Paulo por 2x1, no dia 19 de junho. O time cruzeirense treinado por Levir Culpi, formou com: Dida, Vitor, Gelson Baresi, Célio Lúcio e Nonato. - Fabinho, Ricardinho e Palhinha depois Edmundo e Roberto Gaúcho. - Marcelo Ramos e Cleison. Os gols foram marcados por Marcelo Ramos e Roberto Gaúcho para o Cruzeiro, enquanto que Luisão marcou para o Palmeiras. Em pouco mais de um mês - dia 21 de julho de 1996 - Edmundo e o Cruzeiro, já estavam novamente em campo conquistando o título de campeão de Minas Gerais, derrotando ao América por 1 x 0, no Mineirão, com gol do atacante Afilton.

Em 1997, o itaporanguense chegou a Salvador para defender o Esporte Clube Bahia e no ano seguinte se sagrou campeão estadual. A decisão aconteceu no dia 24 de maio de 1998, na Fonte Nova, com a vantagem do Esquadrão de Aço por 2 x 1 em cima do Vitória Esporte Clube. Ainda no ano de 1998, o jogador atuou pelo Paraná Clube de Curitiba-PR e em 1999, defendeu o Sampaio Correia de São Luís-MA e deu uma nova passada pelo Vila Nova de Minas Gerais. No ano de 2000, Edmundo vestiu as

camisas do Juventude de Caxias do Sul-RS e do Internacional de Limeira-SP. Em 2002 passou pelo América Mineiro e em 2003 defendeu o Ipatinga, também de Minas Gerais. Em 2004, chegou ao ABC de Natal-RN, não dando sorte, uma vez que o campeão do Rio Grande do Norte foi o Potiguar de Mossoró. Neste mesmo ano, o craque tentou uma aventura internacional indo jogar na Líbia, no Al Ahly Club.

De volta ao Brasil, o artilheiro ainda passou por Icasa de Juazeiro do Norte-CE, Democrata de Governador Valadares e Cruzeiro de Itaporanga. Em 2007, os dirigentes do Nacional de Patos armaram um grande time e acabaram como campeões da Paraíba, tendo Edmundo se sagrado o artilheiro maior da competição, anotando 18 gols. Em 2008, Edmundo foi vice-artilheiro do campeonato de Pernambuco com 12 gols, jogando pelo Ypiranga de Santa Cruz do Capibaribe, enquanto que o atacante Geraldo, do Náutico foi o líder da artilharia com 13 gols. Ainda em 2008, Edmundo defendeu o Paraíba de Cajazeiras na Segunda Divisão Paraibana e o Santa Cruz de Recife, na Série C do Brasileiro.

O presidente do Sousa Esporte Clube, Aldeone Abrantes, acreditou e investiu na contratação de Edmundo, para o campeonato paraibano de 2009. A coisa deu certo, e a decisão aconteceu no dia 3 de maio no estádio Amigão, que tinha a vantagem de jogar por um empate para ser o campeão. Mesmo o atacante Nonato abrindo o placar para o Treze, aos quatro minu-

tos do primeiro tempo, a estrela de Edmundo voltou a brilhar: O atacante marcou um gol aos 20 minutos do segundo tempo e outro aos 41. Estes gols deram o título de campeão Sousa e outra vez, o de artilheiro a Edmundo com 18 gols. Neste mesmo ano, ele defendeu o Campinense Clube no Brasileiro da Série C.

Faltava vestir a camisa do Botafogo Futebol Clube. Isto veio a acontecer em 2010, quando Edmundo deitou e rolou, marcando nada menos do que 24 gols no Paraibano, ainda que o seu clube tenha perdido para o Treze Futebol Clube o título de campeão. O jogador ficou no alvinegro da Maravilha do Contorno até 2011, quando uma contusão em um dos joelhos o obrigou a uma cirurgia. Numa quarta-feira, 9 de fevereiro de 2012, Edmundo, que em sua carreira assinalou mais de 500 gols, voltou a disputar o campeonato paraibano. Depois de vinte e três anos, vestiu novamente a camisa do Esporte Clube de Patos contra o Treze Futebol Clube. Nos últimos dias do mesmo ano, anunciou o final de sua carreira, bem assim, lançou sua candidatura a vereador em Itaporanga, ideia que não vingou. Edmundo, que veio ao mundo em 23 de janeiro de 1970, cujo verdadeiro nome é Raimundo Clementino da Silva, reside em Itaporanga, cidade onde nasceu e adora. O artilheiro do meio do mundo, é hoje um negociante, no ramo de vestimentas para adultos e crianças.



Agosto: desgostos de alguns e muitos sucessos para outros

Ídolos da música brasileira, como Raul Seixas, Gonzagão e Lupicínio Rodrigues, morreram justamente no mês mais temido do ano

Hilton Gouvea
hiltongouvea@bol.com.br

Agosto chegou e todos começam a cruzar os dedos, com medo da fama dos supostos maus augúrios deste mês. Será que ele é mesmo o bicho-papão? E por que é tratado assim, como mensageiro dos sinistros, pestes e tragédias? Gaio Otávio Augusto, o primeiro imperador romano, patrono do mês de agosto, trouxe paz, prosperidade e grandezas para Roma. Morreu de causas naturais. Seu tio avô e pai adotivo, o cônsul e general Júlio César, foi assassinado com 56 punhaladas, no mês de março. Quer dizer que agosto não é tão mau assim. Mas, deixemos a história de lado e vamos mostrar, no Brasil, os músicos e cantores famosos que morreram neste período do ano, que os supersticiosos chamam de "mês do gato preto", "das bruxas" e "dos demônios".

Será que agosto é mesmo o mês do desgosto? A família do cantor baiano Raul Seixas, nascido em 28 de junho de 1945, acha que sim. Seixas, cujas músicas eram uma mistura de metafísica, anarquia, fascinação por extraterrestres e o sobrenatural, gravou 17 álbuns de sucesso até ser exilado pelo governo militar, em 1964. Em 1978, o alcoolismo afetou um terço de seu pâncreas. Em 21 de agosto de 1989, morreu de pancreatite, aos 33 anos, sozinho, em decadência profissional e financeira. A letra de sua música "Cantiga para a minha morte", foi uma premonição da forma em que sua morte aconteceu.

Luiz Gonzaga, "o Rei do Baião", morreu aos 76 anos, em 2 de agosto de 1989. Ele sofreu súbita parada cardiorrespiratória, quando apresentava um show. "Asa Branca, a canção que o consagrou, ao relatar os efeitos negativos da seca no Nordeste, parece uma premonição de sofrimento e morte", diz o musicólogo, pesquisador e advogado José Alves Cardoso, o Dom Cardoso, que possui invejável acervo sobre as vidas dos cantores e compositores brasileiros.

O baiano Dorival Caymmi, que morreu a 16 de agosto de 2008 no Rio de Janeiro, perpetuou sua voz retratando a vida dos negros e pescadores, cantou sobre a Bahia e ajudou a criar a imagem do brasileiro. Compositor, pintor, músico e cantor, morreu de falência múltipla dos órgãos. Nasceu em Salvador, a 30 de abril de 1914. Uma de suas composições, "O que é que a baiana tem", levou Carmem Miranda ao estrelato.

Lupicínio Rodrigues, o compositor conhecido como "O rei da dor de coto-velo", entrou para a história com este



título. Sua fama se tornou nacional, ao ter suas músicas de desamor interpretadas por Elza Soares e Maria Betânia. O compositor do hino do Grêmio Futebol Portoaletense, tinha 14 anos quando criou sua primeira música. Morreu em 27 de agosto de 1974, com problemas cardíacos e circulatórios. Dom Cardoso acredita que o mês de agosto interferiu negativamente na vida de Lupicínio, que foi traído por várias mulheres.

Dick Farney, cujo nome de batismo (Farnésio Dutra e Silva) ele não gostava, morreu

em 4 de agosto de 1987, aos 66 anos. Gravou "Somos Dois" e diversos álbuns de jazz. O galã da Atlântida, que também era irmão do ator Cil Farny, foi acometido de parada respiratória, quando concedia autógrafos para as fãs. Morreu horas depois num hospital do Rio. Um de seus filmes, a comédia musical "Pintando o Sete", foi sucesso de bilheteria. Era chamado o "Frank Sinatra brasileiro".

Orlando Silva, o "Cantor das multidões," morreu em sete de agosto de 1978. Foi intérprete de um dos maiores sucessos da canção

brasileira, "A Onda que se Ergueu no Mar". O consumo de drogas - leia-se morfina - afetou seu sistema nervoso. O número de sorte desse astro é 4 e, segundo a ciência da numerologia, simboliza "Deus em diversas tradições". E diz que, quando o espírito entra na matéria, simboliza o trabalho e o sacrifício. Sua vida, antes da fama, foi sofrida. Ex-cobrador de ônibus, Silva teve que fazer uma cirurgia, que necessitou amputar parte do pé direito.

O pernambucano Orlando Dias, "o cantor apaixonado", assim chamado por gostar de chorar e acenar lenços na hora dos shows, na realidade se chamava José Adauto Michilis. "Ele cantava com a alma", explica D. Cardoso. Há uma coincidência enorme deste homem, no que se refere ao mês de agosto: ele nasceu e morreu neste mesmo mês, sendo que veio ao mundo no dia 11, do ano de 1923 e também morreu no dia 11 de 2001, em Recife, de ataque cardíaco.



A família do cantor baiano Raul Seixas, nascido em 28 de junho de 1945, acredita que sim, o mês de agosto é sinônimo de más notícias

+ Antônio Vicente Celestino

Seu nome de berço era Antonio Vicente Filipe Celestino. Tal qual sua vida - um drama - morreu assim, dramaticamente, de infarto no miocárdio, num dos quartos do Hotel Normandie (SP), na noite de 23 de agosto de 1968. Sua mulher, a atriz Gilda de Abreu, descreveu seus últimos momentos para a imprensa. "Ele havia acabado de jantar, subiu para o quarto onde eu o esperava e começou a se sentir sufocado. Abriu a janela e, depois, citou: "Gilda, estou morrendo". O mito da época de ouro da música brasileira estava com 74 anos. Havia filmado "O Ébrio", de relativo sucesso no Brasil, embora fosse discriminado por ser impedido de cantar no Theatro Municipal (RJ). Suas maiores músicas de sucesso foram "Porta Aberta", "O Ébrio" e "Mia Giaconda", que ele também cantava em italiano. Algumas músicas dele foram regravações por "Os Mutantes", Caetano e Marisa Monte.



Carmem, a "Pequena Notável"

Morreu em 5 de agosto de 1955. A portuguesa Maria do Carmo Miranda da Cunha, chamada a "Pequena Notável" e "Embaixatriz do Samba", nasceu em Marco de Canaveses (Portugal), em 9 de fevereiro de 1909. Radicou-se no Brasil (RJ), após os cinco anos e, depois, nos EUA, onde fez diversos sucessos artísticos. Um infarto fulminante levou-a deste mundo quando estava na

sua casa em Beverly Hill, Califórnia (EUA), trabalhando no rádio, cinema e televisão. Os chapéus que aprendeu a fazer numa boutique eram usados na sua indumentária artística. Foi a primeira artista a assinar um contrato formal com uma emissora brasileira. Aqui, participou de cinco filmes carnavalescos e apareceu caracterizada de baiana, pela primeira vez, em 1939. Neste ano, a crítica norte-americana a elegeu a terceira personalidade mais popular dos Estados Unidos.



Piadas

Amendoins

Uma velhinha sentada atrás do motorista do ônibus, oferece alguns amendoins para o moço, que aceita. Passado um tempo ela oferece mais alguns. O motorista come e pergunta para a velhinha:
 - Esses amendoins são muito bons, por que a senhora não come?
 - Porque não posso. Veja a minha boca, não tenho dentes!
 Responde a senhora. O motorista faz outra pergunta:
 - Então por que a senhora compra?
 E a velhinha responde:
 - Porque gosto do chocolate que vem em volta deles.

Jantar

Um homem e uma bonita mulher estavam jantando à luz de velas num restaurante de luxo. De repente o garçom notou que o homem escorregava lentamente para debaixo da mesa.
 A mulher parecia não reparar que o companheiro tinha desaparecido.
 - Perdão, senhora - disse o garçom, - mas eu acho que seu marido está debaixo da mesa.
 - Não está não - disse a mulher, olhando calmamente para o garçom. - Meu marido acabou de entrar no restaurante.

Soldado

O soldado bateu continência pro sargento, o sargento falou:
 - Vá pro fim da fila.
 O soldado foi e voltou.
 - Eu não mandei você ir para o fim da fila? - reclamou o sargento.
 O soldado respondeu:
 - Mandou, sargento, mas lá já tinha outro no meu lugar.

Mineiros

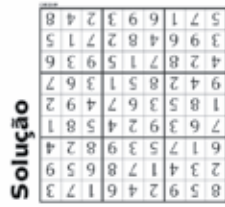
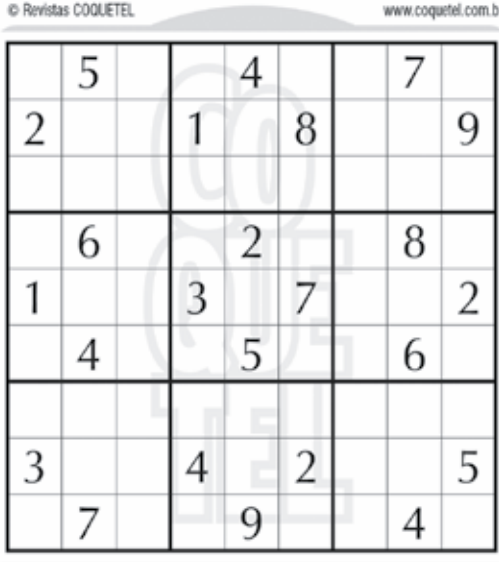
Dois mineiros jogando antônimos valendo uma pinga:
 - Gordo?
 - Magro!
 - Hômi?
 - Muié!
 - Verde!
 - Verde? Nada disso... verde é cor, não tem contrário não!
 - Craro que tem, sô!
 - E quar que é?
 - Maduro, uai!

Banco

Fui ao banco e disse:
 - Gostaria de abrir uma conta conjunta.
 Me perguntaram:
 - Com quem?
 Eu disse:
 - Com qualquer pessoa que tenha muito dinheiro.

Sudoku

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais, nem nos quadrados menores (3x3).



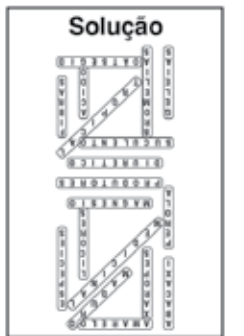
CAÇA-PALAVRA

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

Abacaxi



Originário da América do Sul, o abacaxi pode ser encontrado em vários países de clima TROPICAL. Seus maiores PRODUTORES são Estados Unidos, Brasil, Malásia, México, Formosa e Filipinas. Apesar de seu sabor ÁCIDO característico, quando MADURO é doce e SUCULENTO. A melhor época para consumi-lo são os meses de dezembro e janeiro. Pertence à família das BROMÉLIAS e possui diversas ESPÉCIES. No Brasil as mais apreciadas são o abacaxi AMARELO e o PÉROLA. Pode ser consumido ao natural, em sucos, GELEIAS, doces e LICORES. O uso MEDICINAL do ABACAXI é feito por meio de chás e XAROPES. É rico em vitaminas C, B1 e B6, MAGNÉSIO, ferro e FIBRAS. Seu suco é um excelente DIURÉTICO, ajuda a DIGESTÃO e abre o apetite.



Palavras Cruzadas

Boleto enviado por e-mail	Palmeiras e Coritiba (fut.)	Argila usada no preparo de Brados de insatisfação que marcam a maioria das passeatas	Oxigênio (símbolo)	A derrota mais impactante no boxe	Informação nutricional de rótulos de alimentos
→	↓		↓		↓
O ponto final no jogo de tênis			Patriarca criador da vinicultura (Bíblia)	→	
(?) o chapéu: reconhecer o mérito		Carteira da (?), documento de advogados		Prefixo de "copiloto" 2.001, em romanos	→
Quantidade de cordas do berimbau	(?) Franco, político falecido em 2011		Borda de chapéus Lama, em inglês	→	
→			Estudei Quarto com banheiro anexo	→	
Castelo, em inglês Salvador (?), pintor de "A Persistência da Memória"		Significado do "A", na sigla AVC		Registro escrito de reunião Portanto	→
Vanessa (?), atriz de "O Setimo Guardião"				Diz-se da criança travessa (bras.)	↓
→			Nelasto Roedora que vive em esgotos	→	
Instrumento usado por pedreiros (pl.)	Deutério (símbolo) Letra do infinitivo		Fazenda, em inglês Irmãs do pai	→	
→				Irmão do Tico, no desenho da Disney	↓
Fonte de poderes do Saci (Folc.)	Guarda especial nazista (sigla)		Adolescente, em inglês (red.)	→	
Lima Duarte, ator brasileiro					
Propriedade rural sulista (BR)					
Ajudantes; auxiliares (fem.)					

BANCO 3/mud. 4/farm — ocra — teen. 6/castle. 7/barrete. 10/match point. 69



Horóscopo

Áries

Período de mudanças imprevisíveis e intenso movimento ao seu coração. O período pode ser marcado pela possibilidade de um novo e inesperado romance, que trará as mudanças prometidas. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que pede cuidados com as palavras. O momento deve envolver discernimento e racionalidade.

Câncer

O momento pode estar relacionado com o rompimento de sua maneira de lidar com o dinheiro. Mercúrio retoma seu movimento direto em seu signo e, em tenso aspecto com Plutão, o que pede cuidados com as palavras, ditas e escritas. Você estará mais profundo, mais intenso, mas também mais agressivo e destrutivo.

Libra

Um romance pode começar e/ou um amigo se declarar. O período pede cuidados com assinatura de contratos. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete movimentar seus projetos profissionais e planos de carreira, que devem esperar alguns dias para serem colocados em prática.

Capricórnio

O período pode estar relacionado com um novo acordo ou negociação que trarão mudanças à sua vida material e financeira. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete movimentar com intensidade os relacionamentos, pessoais e profissionais. Um namoro pode começar.

Touro

Evite brigas e discussões, pois podem levar a rompimentos repentinos. Sua casa pode tornar-se um agradável local de boas conversas e encontros com familiares queridos. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que pede cuidados com a assinatura de contratos e concretização de projetos.

Leão

Um acontecimento inesperado, na vida pessoal ou profissional, pode trazer as mudanças prometidas. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que pede cuidados redobrados com a saúde, especialmente com o sistema respiratório.

Escorpião

Se estiver pensando em começar algo novo, este é o melhor momento. Uma notícia inesperada pode ser o carro-chefe das mudanças esperadas. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete aprofundar seus processos mentais. O momento é ótimo para dedicar-se aos estudos.

Aquário

Os relacionamentos, de amor e amizades, ganham força em energia e você estará mais voltado para eles. Uma sociedade comercial pode passar por reavaliações e mudanças. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete movimentar sua rotina, especialmente a de trabalho, que se torna mais intensa.

Gêmeos

O momento traz alegrias e libertação. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, promete movimentar sua vida financeira. O período pode estar relacionado com a concretização de um novo contrato, que trará mudanças importantes à sua vida.

Virgem

O período pode estar relacionado com uma intensa limpeza emocional, com a decisão de deixar definitivamente para trás, pessoas e situações aprisionantes. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, promete movimentar uma equipe de trabalho ou grupo a que pertence. Tome cuidado com o tipo de compromisso que assume.

Sagitário

O período pode estar relacionado com uma notícia inesperada que trará as mudanças esperadas. Os contatos com estrangeiros intensificam-se. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete movimentar acordos e negócios em parcerias que trarão mudanças à sua vida financeira.

Peixes

O dia a dia promete ser bem movimentado, com algumas situações inesperadas e imprevistos. Você precisa parar e respirar, para que sua saúde não seja atingida. Cuidado com os excessos, eles podem levá-lo ao estresse. Mercúrio retoma seu movimento direto em Câncer e, em tenso aspecto com Plutão, o que promete aprofundar e intensificar suas emoções. O momento pode envolver a reavaliação de um romance.

FIQUE POR DENTRO!

Centro de diagnóstico de câncer realiza 11 mil exames por mês

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

O Centro Especializado de Diagnóstico do Câncer (CEDC) é referência na Paraíba no diagnóstico para tratamento das lesões precursoras do câncer colo de útero e detecção precoce do câncer de mama. O Laboratório de Citopatologia realiza cerca de 11 mil exames por mês em todo o Estado, sendo os mais requisitados citopatológico, biópsia percutânea, coloscopia, mamografia e anátomo patológico.

Totalmente voltado para a saúde da mulher, os usuários do SUS são encaminhados pelas unidades do Programa de Saúde da Família para o CEDC, sendo autorizado pela regulação de João Pessoa. No Centro são ofereci-

das consultas médicas com o mastologista e ginecologista, além dos exames específicos.

“O diagnóstico é, predominantemente, clínico. A coleta periódica do exame citopatológico do colo do útero (ou exame de Papanicolaou) possibilita o diagnóstico precoce, tanto das formas pré-cancerosas, como do câncer propriamente dito. No exame ginecológico rotineiro, além da coleta do citopatológico, é realizado o Teste de Schiller (coloca-se no colo do útero uma solução iodada) para detectar áreas não coradas, suspeitas. A coloscopia (exame em que se visualiza o colo do útero com lente de aumento de 10 vezes ou mais) auxilia na avaliação de lesões suspeitas ao exame rotineiro, e permite a realização de biópsia dirigida (cole-

ta de pequena porção de colo do útero), fundamental para o diagnóstico de câncer.

Nas pacientes com diagnóstico confirmado de câncer de colo do útero, é necessária a realização de exames complementares que ajudam a avaliar se a doença está restrita ou não ao colo do útero: cistoscopia, retossigmoidoscopia, urografia excretora e, em alguns casos, ecografia transretal.”

O centro atende todos os municípios que são pactuados com João Pessoa, em média 88 municípios da Paraíba.

A diretora geral do CEDC, Roseane Machado ressalta a importância do diagnóstico precoce tanto no câncer de mama quanto o colo de útero para aumentar a chance de cura. “Quando a lesão é identificada na fase inicial. O car-

cinoma é retirado através da mastectomia (mama) e a mulher tem 100% de cura e, muitas vezes, nem precisa fazer quimioterapia e radioterapia. O maior papel do CEDC é possibilitar o acesso as mulheres ao diagnóstico precoce que por conta das dificuldades de marcação de exames na rede SUS”, enfatizou.

No exame ginecológico rotineiro, além da coleta do citopatológico, é realizado o Teste de Schiller para detectar áreas não coradas, suspeitas

Foto: Adesvivois.com



O ultrassom das mamas pode servir como complemento à mamografia, pois ajuda a diferenciar cistos de nódulos

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Suspeito ou criminoso? Quando o zelo da mídia irrita o leitor

No dicionário, a palavra “suspeito” é classificada como um adjetivo. De forma geral, define: 1. Que infunde suspeitas; 2. De cuja veracidade ou legitimidade não se tem certeza. Suspeito – 1. Palavrinha que pouco encontramos no jornalismo quando muito necessário (e vários veículos sensacionalistas/inescrupulosos estão aí para provar que a busca por audiência passa pela agressão aos princípios éticos e à dignidade humana); 2. Termo cada vez mais adotado por jornalistas por zelo, mas também medo de processos judiciais.

Há poucos dias, um amigo trouxe o tema em um grupo que não é de jornalistas, mas tem alguns “amantes da causa”: - Vocês não acham que exageraram no zelo nesse título? Ele falava da manchete de um portal local que informava algo mais ou menos assim: Suspeitos arrombam agência bancária em João Pessoa.

Meu amigo ficou indignado: - Nesse caso, não são suspeitos. São bandidos mesmo! Assim, a manchete deveria dizer “Bandidos (ou ladrões) arrombam agência bancária”. O tema rendeu uma boa discussão no grupo. Basicamente, chegou-se à conclusão de que o termo “suspeitos” deveria ser adotado no texto ao se referir aos praticantes do ato, mas não da forma como o título foi redigido.

Cada vez mais, o setor jurídico das empresas de comunicação orienta os jornalistas a evitar a palavra “acusado” - a não ser que a pessoa de fato já tenha sido, formalmente, acusada de algum crime. Caso contrário, o correto é usar a palavra “suspeito” mesmo. O uso adequado dos termos jurídicos preserva a presunção da inocência. Enquanto o cidadão, supostamente, envolvido em alguma irregularidade não for julgado e condenado, ele é suspeito.

Os leitores não gostam disso. Às vezes, não compreendem mesmo. Muitas vezes, afirmam: como é suspeito se todo mundo sabe que ele cometeu o crime? Por que tratam como suspeito se ele já confessou? O homem torturou, matou e esquartejou o corpo da mulher e vocês ainda dizem que ele é suspeito? Que droga de jornalistas vocês são!

Para o pesquisador Rodrigo Daniel dos Santos, que defende a busca de um meio-termo entre a liberdade de informação e a garantia dos direitos fundamentais, a primeira norma para se garantir uma informação sem ferir os direitos humanos é a abolição dos termos “policialescos. Desse modo, o bom começo é incentivar os jornalistas ao uso dos termos jurídicos adequados a cada situação: suspeito, investigado, indiciado e acusado (ou réu).

A omissão de nomes e a não publicação de fotos no noticiário também irritam o público. Já vi muito comentário indignado de internautas em matéria de portal. Para eles, é muito fácil escrever notícias sem informar nome e sobrenome do... suspeito! Realmente, o texto perde muito em informação e valor-notícia nesses casos. Já li matéria que anunciava pouco mais que isso: um homem esfaqueou uma mulher durante uma celebração na igreja. Sem detalhe algum. Sem nome de ninguém, seja vítima, seja suspeito. Se é para informar apenas isso, porque escreveram a matéria? - Quem é a favor desse estilo defende que, ao se veicular nome e fotos dos suspeitos, quebra-se o princípio da inocência. Uma pessoa acusada injustamente pode ter a vida marcada para sempre. E o Caso da Escola Base está aí há mais de 20 anos, feito fantasma a perseguir a consciência dos jornalistas.

Usuários do SUS são encaminhados pelas unidades do Programa de Saúde da Família

SERVIÇO

- Exames realizados
- Anátomo patológico em geral
- Consulta especializada em mastologia e ginecologia
- Mamografia e ultrassonografia mamária
- Coloscopia
- Biópsia percutânea guiada por ultrassonografia
- Biópsia de colo de útero/ vagina/ mama/ Tireóide
- Citopatologia de Mama e Colo de Útero
- Punção aspirativa por agulha fina (APAF)
- Cirurgia de alta frequência (CAF)

- Documentos necessários
- Identidade
 - CPF
 - Comprovante de residência
 - Cartão do SUS

Onde é?

Av. Duarte da Silveira, 590, Centro - João Pessoa/PB.
Horário: Segunda a sexta-feira. De 7h às 16h30.

Mamografia: exame imprescindível para o tratamento

“O diagnóstico de câncer de mama somente pode ser estabelecido mediante uma biópsia de área suspeita que seja analisada por um patologista e laudada como sendo um câncer.

A realização desta biópsia, no entanto, somente ocorre em face de alguma alteração suspeita, seja no exame físico, seja na mamografia.

Quando a paciente ou o médico encontram alterações no exame físico, são solicitados exames adicionais como mamografia, ou ultrassom das mamas.

Além disso, mulheres sem alterações ao exame clínico das mamas podem ter alterações detectadas na mamografia de rotina, que deve ser realizada em

todas as mulheres a partir dos 40 anos de idade.

O rastreamento assim como a investigação diagnóstica de um nódulo palpável é feita com base na mamografia. Não há idade limite para a realização de mamografia de rastreamento, sendo que o bom senso dita que quando uma mulher tiver uma expectativa de vida curta, não faz mais sentido rastrear o câncer de mama.

No entanto, para uma mulher na qual seja palpável um nódulo, não existe limite de idade para a mamografia de investigação.

O ultrassom das mamas pode servir como complemento à mamografia, pois ajuda a di-

ferenciar cistos de nódulos.

A ressonância magnética é recomendada para o rastreamento apenas em populações de alto risco, como pacientes com uma história familiar confirmada ou suspeita, pacientes sabidamente predispostos geneticamente ao câncer ou pacientes que já tiveram um primeiro câncer de mama.

Nas pacientes com alto risco definido com base em história familiar ou genética, a recomendação é iniciar o rastreamento aos 30 anos de idade.

Mamografia, ultrassom e ressonância magnética podem ser laudados com referência a uma classificação denominada Bi-RADS.

Cuscuz com legumes

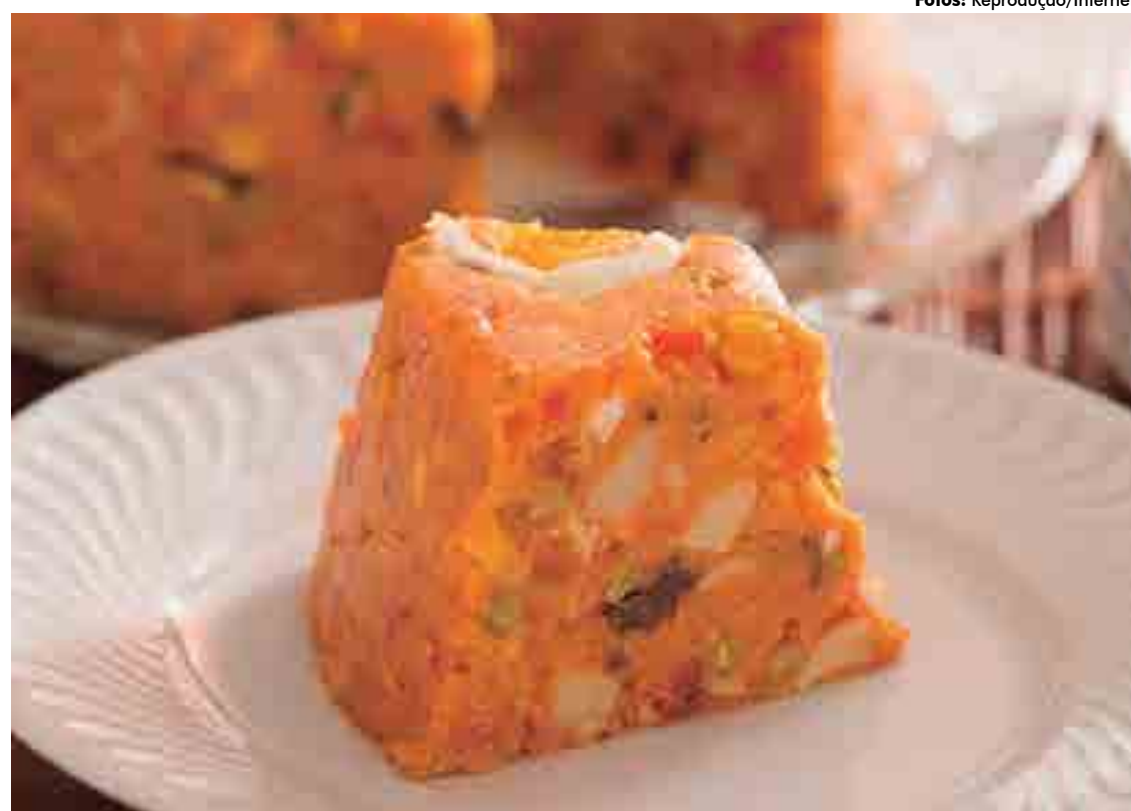
Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- 2 xícaras de vagem, cortada em rodela finas e cozidas em água e sal
- 2 xícaras de cenoura, cortada em cubos pequenos e cozidas em água e sal
- 4 tomates sem pele e sementes em pedaços
- 3 dentes de alho picados
- 2 cebolas picadas
- 1 pimentão vermelho picado
- 3 ovos cozidos e picados
- Cheiro verde picado a gosto
- 1 folha de louro
- 1/2 xícara de óleo
- 1/2 xícara de azeite
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 3 colheres de sopa de farinha de mandioca
- Farinha de milho amarela o suficiente

Modo de preparo

- 1 - Colocar o óleo e o azeite em uma panela.
- 2 - Fritar o alho, a cebola, o pimentão e a folha de louro até amolecer.
- 3 - Colocar o tomate e juntar os legumes cozidos.
- 4 - Verificar o sal e a pimenta.
- 5 - Refogar mais um pouco.
- 6 - Retirar o louro.
- 7 - Juntar o cheiro verde e os ovos picados.
- 8 - Polvilhar a farinha de mandioca.
- 9 - Mexer e abaixar o fogo.
- 10 - Acrescentar a farinha de milho até dar o ponto.
- 11 - Enformar, desenformar e enfeitar a gosto.



Fotos: Reprodução/Internet

Bolo de leite ninho

Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- Massa:
 - 5 gemas
 - 2 xícaras de açúcar
 - 2 xícaras de farinha
 - 1 xícara de leite fervendo
 - 1 colher de sopa de fermento
 - 5 claras em neve
- 8 colheres de leite ninho
- 2 latas de creme de leite sem soro bem gelado
- Para molhar a massa antes de rechear deixe ferver até ficar quase em ponto de fio:
 - 3 xícaras de água
 - 1 xícara de açúcar
- 2 colheres de chá de baunilha
- Decore o bolo com chocolate branco raspado e cerejas

Preparo

- Massa:**
- 1 - Bater até ficar as gemas e o açúcar creme.
 - 2 - Acrescentar aos poucos a farinha, o leite, o fermento e coloque as claras por último delicadamente.
 - 3 - Leve para assar até dourar.
- Recheio:**
- 1 - Bata na batedeira 200g de manteiga sem sal com 1 lata de leite condensado, até engrossar e coloque aos poucos, sem
 - 2 - Desligue a batedeira e coloque o creme de leite gelado, bem gelado.
 - 3 - Não bata novamente, misture com uma colher. antes de cobrir e rechear o bolo, deixe esse creme por uns 30 min na geladeira.
 - 4 - Recheie o bolo e cubra com o mesmo creme.
 - 5 - Se quiser a versão chocolate, acrescente uma xícara de chocolate em pó na massa e 1/2 no recheio.



Crepe de tapioca

Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- 1 ovo (é melhor tirar a pele da gema)
- 1 colher de polvilho doce (pode ser substituído por tapioca ou polvilho azedo)
- 1 colher de requeijão
- 1 colher de água
- 1 pitada sal

Modo de preparo

- 1 - Bata todos os ingredientes em um mixer até obter uma consistência cremosa.
- 2 - Despeje uma concha da massa numa frigideira levemente untada com margarina, tampe e deixe dourar. Recheie a gosto e dobre ao meio como um crepe.





Luta das mulheres por igualdade



Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Um movimento que tem cumprido o seu papel histórico de expandir as bandeiras feministas em todos os setores da sociedade e lutar pela ampliação dos direitos sociais que beneficiem e que garantam a equidade para as mulheres. É como Glória Rabay, feminista e professora universitária, avalia o feminismo.

Na avaliação de Glória Rabay, o feminismo é o movimento social que mais conquistas obteve no século 20 e que continua avançando, apesar das ameaças que estão chegando dos setores mais retrógrados da sociedade. "A partir de 1975, o feminismo volta-se para as questões específicas da mulher, como a questão da violência doméstica e a questão do controle do corpo, e essa

vai ser a essência do novo movimento que vai chegar até nós, porque desde então não houve mais interrupção no processo do movimento feminista", relata.

A socióloga Eleonora Menicucci, ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres e fundadora do grupo feminista Maria Mulher, considera o feminismo como um sujeito coletivo. "Foram as demandas e a pressão do movimento feminista e do movimento de mulheres que levou às políticas públicas voltadas para as mulheres, por exemplo, a Lei Maria da Penha, a Lei de Feminicídio, a PEC das domésticas e a própria Secretaria de Políticas para as Mulhe-

res com status de Ministério, durante os governos petistas de Lula e Dilma", enfatiza.

Eleonora Menicucci explica que o movimento feminista tem uma pauta libertária que é "o meu corpo me pertence", "o silêncio é cúmplice da violência", "quem ama não mata". A segunda pauta é a legalização da descriminalização do aborto, os direitos sexuais e reprodutivos, e a terceira pauta é "para trabalho e salário igual", acrescenta.

Para Valquíria Alencar, que fundou, com outras

mulheres, o Centro da Mulher 8 de Março, uma das entidades feministas pioneiras na Paraíba, o feminismo é uma teoria política de emancipação e empoderamento político das mulheres. Ela explica que o feminismo representa o ideário intelectual e político das mulheres e pode se apresentar em vertentes diversas e temáticas e há quem o identifique em "ondas", marcando épocas.

"Daí, que não existem feminismos, mas, sim, vertentes do feminismo, com pautas temáticas específicas. Ele está

presente na luta das mulheres trabalhadoras do campo e da cidade, no movimento popular, nas mulheres intelectuais; mais recentemente, surge o feminismo negro, liderado pela ativista política Angela Davis, a juventude feminista e tantos outros", informa.

Já para Ana Adelaide Peixoto Tavares, professora doutora (aposentada) do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPB, ser feminista é estar ao lado da liberdade e da justiça. Ela considera que o movimento

feminista conquistou tudo de mais importante para a mulher como, por exemplo, voto, trabalho, dignidade e direitos. Com as devidas faltas e limites. E paradoxos! E armadilhas!

"A revolução feminista do século XX trouxe para o mundo político a importância e discussão da intimidade e do mundo doméstico. O que as mulheres querem é realizar-se profissionalmente, encontrar o amor, ter ou não filhos, liberdade, respeito, e lançar-se no mundo do jeito que bem quiser", complementa.

Uma grande força do movimento feminista na atualidade é o movimento de mulheres negras, o movimento de mulheres lésbicas e de mulheres populares

Glória Rabay



Fotos: Arquivo pessoal

Primórdios do feminismo no Brasil

Ainda conforme relato de Valquíria Alencar, a precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher, nos primórdios do feminismo no Brasil, foi a nordestina Nízia Floresta, que nasceu em 1810, em Papari (RN), hoje, município de Nízia Floresta. Ao se mudar para Olinda (PE), se acostou às ideias liberais e ultrapassou as fronteiras brasileiras. Em 1832, foi revolucionária sua estreia na literatura, com a obra 'Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens'. Defendia o direito à educação para as mulheres (que só tiveram acesso à educação em 1871) e em 1838, fundou uma escola para meninas, no Rio de Janeiro.

As influências do feminismo no Brasil chegaram sob a influência de Bertha Lutz, bióloga e ativista feminista, ao lado de Maria Lacerda de Moura, professora. "Fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, que foi o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, se estendendo para todos os estados da Federação; a Paraíba fundou a Federação Paraibana pelo Progresso Feminino em

11 de março de 1933", destaca. Conforme esclarece a feminista, o foco central da luta era a igualdade entre mulheres e homens. E se expressou com mais força na luta pelo voto feminino, o direito de votar e ser votada, direito esse conquistado em fevereiro de 1932, sendo eleita a primeira deputada, em 1933, por São Paulo, a médica Carlota Queiroz. É importante não esquecer que o Rio Grande do Norte concedeu o direito ao voto às mulheres em 1927.

Sobre as transformações internas do movimento impostas pela dinâmica da história, Glória Rabay afirma que uma delas é o desaparecimento do movimento em 1937, dada as circunstâncias do Estado Novo. "O movimento feminista praticamente desaparece na sua primeira versão e só vai surgir um movimento de mulheres já quando o Brasil volta à normalidade democrática", observa.

O movimento feminista no Brasil só vai ressurgir em meados da década de 1970, precisamente em 1975, Ano Internacional da Mulher, decretado pela ONU e abraçado pelo governo militar. Ela revela que

esse evento promovido pelo próprio estado autoritário deu oportunidade para que mulheres feministas que estavam dispersas se encontrassem e, a partir desse local, começassem a criar grupo, se organizar, denunciar injustiças, denunciar violência contra a mulher, a discriminação no mercado de trabalho, além da exploração sexual.

"A partir de 1975, o Brasil vê surgir o que nós chamamos a segunda onda do feminismo, o qual está muito voltado para as questões específicas da mulher, como a questão da violência doméstica e a questão do controle do corpo, e essa vai ser a essência do novo movimento que vai chegar até nós, porque desde então não houve mais interrupção no processo do movimento feminista", afirma.

Entretanto, Glória pondera que se não houve interrupção, aconteceram muitas transformações e o movimento que se vê hoje não é mais o da década de 1970, até porque nas décadas de 1980 e 1990 e nos anos 2000, outras mulheres foram se incorporando ao movimento feminista.

Origem do movimento

A professora Glória Rabay comenta que as origens do feminismo são difíceis de precisar, porque o movimento era espontâneo e sem registro em cartório, mas se diz que as primeiras mulheres começam a atuar, de forma organizada, durante a Revolução Francesa. Ela acrescenta que desde a antiguidade, nas mais remotas épocas, algumas mulheres já se insurgiam contra a opressão masculina sobre suas vidas.

Segundo esclarece Glória Rabay, em seguida da Revolução Francesa, as mulheres no mundo ocidental, em particular onde existe os maiores registros, começam a se organizar para ainda no século 19 reivindicar acesso à educação formal, ao direito de ir à escola e também o direito de participar dos processos eleitorais. É a luta sufragista pelo direito ao voto. As mulheres se organizam e fundam pequenos jornais.

Valquíria Alencar revela alguns detalhes de como começou o feminismo. Ela relata que na Suécia, em 1734, o Código Civil garante direitos às mulheres, com destaque para a proibição de que os homens vendam as propriedades da esposa sem o consentimento delas, uma conquista das mulheres. Em 1750, na Grã-Bretanha, foi formado o Bluestockings Society, um grupo informal de dis-

cussão para intelectuais mulheres e homens, um dos primeiros indícios da discussão sobre igualdade entre homens e mulheres.

Valquíria informa que a obra considerada pioneira na defesa dos direitos da mulher é da britânica Mary Wollstonecraft, intitulada Reivindicações dos Direitos da Mulher, um marco nos textos feministas, que identifica a tirania doméstica e defende o direito das mulheres ao ensino, ao trabalho e à igualdade. E finalmente, na França, a dramaturga e ativista política Olympe de Gouges publica em 1791 a Declaração dos Direitos das Mulheres e da Cidadã (já a ideia de gênero), pós-Revolução Francesa, clamando por direitos legais para homens e mulheres. Novamente, a igualdade como centro.

"Não se pode esquecer as "bruxas", as mulheres queimadas nas fogueiras da Inquisição, movimento religioso católico, nos séculos XV e XVI. Eram parteiras, rezadeiras, curandeiras dos pobres, atendentes de velhos e crianças, preparadoras de casamentos e funerais. Geralmente, mulheres mais velhas, que dominavam o saber sobre as plantas e a cura de doenças. Estima-se que mais de 100 mil mulheres foram assassinadas nas fogueiras da Inquisição", ressalta.

Não existem feminismos, mas vertentes do feminismo, com pautas temáticas específicas (...) Presente na luta das mulheres trabalhadoras do campo e da cidade, no movimento popular, nas mulheres intelectuais; (...) Feminismo negro, a juventude feminista...

Valquíria Alencar



Movimento paraibano se mantém na vanguarda organizada do país

Na Paraíba, o primeiro grupo autointitulado feminista foi o Maria Mulher, que surgiu na década de 1970

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Um movimento que tem se mantido na vanguarda, em consonância com o que acontece no restante do país. A afirmação é da professora e feminista Glória Rabay, em relação ao movimento feminista na Paraíba. Ela informa que, na Paraíba, o primeiro grupo organizado e autointitulado feminista foi o Maria Mulher, que surgiu na década de 1970 e foi fundado pela então professora universitária Eleonora Menicucci.

Na avaliação da professora Valquíria Alencar, do Centro da Mulher 8 de Março, na Paraíba a luta pelos direitos das mulheres sempre esteve presente no cenário político e social. "A partir da luta do Movimento Feminino pela Anistia, criado em dezembro de 1975, para "conscientizar, persuadir e pressionar a sociedade e o governo, mostrando a necessi-

dade da Anistia", as mulheres tiveram papel importante na luta pela Democracia no nosso país. 1975 também foi denominado o Ano Internacional da Mulher, pela ONU", comenta.

Valquíria revela que a figura feminina de destaque na Paraíba, nos anos de 1930, foi Anayde Beiriz, intelectual, professora, poeta, que defendia os direitos das mulheres, inclusive do voto feminino. Teve uma história de vida trágica até sua morte, em 1930. "Grupos de mulheres foram criados na década de 1980, de tendências diversas; o movimento ressurgiu em 1990, através de duas organizações feministas, com temáticas diversas: o Centro da Mulher 8 de Março, que tem como pauta central a luta contra a violência à mulher; e a Cunchã-Coletivo Feminista, cuja pauta central era a saúde da mulher", prossegue.

Valquíria acrescenta que são muitas as mulheres fe-

ministas pioneiras nas mais diversas áreas de atuação na Paraíba, no campo e na cidade. "Podemos citar Elizabeth Teixeira, Eleonora Menicucci, Margarida Maria Alves, Penha Silva, Maria dos Anjos, Lourdes Bandeira, Joselita Rodrigues, Lúcia Rocha, Lourdes Meira, Valquíria Alencar, Cozete Barbosa, Mariana Moreira, Ednalva Bezerra, Irene Marinheiro, Glória Rabay, Socorro Pimentel, Socorro Borges, Gilberta Soares, Estela Bezerra, entre outras", destaca.

Com relação à situação atual do movimento no estado, Valquíria Alencar explica que existem vários grupos que atuam regularmente, em diversos municípios, principalmente nas comemorações do 'Dia Internacional da Mulher' e são diversas as pautas como mulher na política, violência contra a mulher, a temática da mulher negra, a reforma da Previdência, entre outras.

As mulheres mudaram e cresceram

As mulheres mudaram. Cresceram. São cientes do seu prazer, dos seus direitos e do seu lugar no mundo. É o que constata a professora Ana Adelaide Peixoto Tavares. Ela considera que sua experiência feminista começou quando nasceu numa casa de quatro meninas, sendo a mais velha. "Morando numa província como João Pessoa. E nascida em meados dos anos de 1950. Nunca fui uma militante aguerrida, de punho em riste. Mas nem por isso menos tocada pelas questões das mulheres. Participava como podia e sentia. Nas ruas, na família, em casa, com meu marido, dois filhos homens, irmãs; no trabalho, com colegas, alunos/as, e na escrita. A minha participação sempre se deu mais na academia, nas aulas, nos meus trabalhos escritos na graduação e pós, ou no dia a dia da vida. E nas crônicas que escrevo desde início dos de 1990", notifica.

E acrescenta: "Desde então estive sempre de olhos bem abertos para a opressão feminina. "Menina não pode. Fecha as pernas, Ana. Fale baixo. Cuidado, não seja fácil. Não se entregue".

Enfim... Estudei em colégio de freiras, mas a rua pipocava nos anos de 1960 e 1970, quando vivi minha vida de adolescente/jovem. E já fui de uma geração que não queimou sutiã. Já andava sem. E fui também da geração que tomou pílula e não casou virgem. Enfim, conquistas das que vieram antes", reconhece.

E nessa vida de jovem, inquieta, e de olhar aguçado para a liberdade, Ana Adelaide foi construindo sua vida, suas realizações, suas certezas e um monte de dúvidas. "Casei muito cedo, separei muito cedo também. Cair na gandaia e ultrapassar alguns limites do bom comportamento me deram rumo e compasso. Mas foram os livros, os filmes e a vida acadêmica que me deram sustentação e maior entendimento para as minhas ideias ainda tão desordenadas e mais intuitivas", analisa.

"Na vida fora da academia, duas pessoas me inspiraram e também tiveram seu papel na minha militância na

cidade. As professoras Eleonora Menicucci e Lourdes Bandeira. Com elas estudei, fiz parte de pesquisas (Violência Contra a Mulher), e participei da fundação do Coletivo Feminista Cunchã nos anos de 1990. Antes de tudo, nos anos de 1980, fui olheira do Grupo Maria Mulher. Digo olheira, pois na época estava vivendo um momento mais recluso da vida. Maternidade e filho pequeno. Mesmo assim, fui à rua!", enfatiza.

Nos estudos, fez mestrado sobre o silêncio feminino, e uma experiência de sanduiche na Inglaterra, justo no ano letivo de 1986/87, quando, segundo Ana, acontecia o boom da escrita e publicação femininas. "E em João Pessoa deixei um filho pequeno de pouco mais de dois anos para mergulhar nos estudos lá fora. Coisa impensável para uma mãe de família. E que me custou saúde, tristezas, e muito sofrimento, mas também uma experiência impensável de alegria de viver um sonho profissional", avalia.

E continua o relato: "A partir de 1993, comecei a escrever crônicas, e quando via, estava escrevendo sobre as mulheres. Incansavelmente sobre e com as mulheres. Temas como a invisibilidade feminina, a pobreza feminina, o trabalho doméstico, as conquistas, os desafios e entraves, as opressões, descompassos, loucura feminina, o corpo feminino, aborto, família, tripas jornadas, a moda, a escravidão, violência contra a mulher, os filhos, os amores, o casamento, a escrita em si, e claro, a subjetividade, foram me dando temas e rumos para muito do que já escrevi e publiquei em jornais".

Por ter nascido nos anos de 1950, Ana Adelaide teve a oportunidade de viver o que o século XX teve de muito importante. O homem na lua. Bebê de proveta. O rock. Os Beatles. Woodstock. Leila Diniz. Muitas das conquistas/direitos das mulheres. O divórcio. O Rio de Janeiro nos anos 80! E claro, a revolução feminista! A luta das mulheres. E tanta coisa triste e trágica também: os preconceitos. O machismo exacerbado. A morte das mulheres. Assassinatos. O desamor dos homens pelas mulheres. "Fui avó recentemente, de Luísa. Espero que minha neta encontre um mundo menos hostil às mulheres e que ela possa ser livre, com direitos e oportunidades iguais e que possa ser o que bem quiser, e da forma que quiser", conclui.

Uma experiência feminista

A socióloga Eleonora Menicucci, professora titular em saúde coletiva da Escola Paulista de Medicina e que já foi professora de 1979 até 1990 no Departamento de Ciências Sociais da UFPB, conta que chegou à Paraíba em 1978, vinda de Belo Horizonte, para trabalhar no Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Arquidiocese da Paraíba, com Vanderlei Caixe, Ayala e Dom José Maria Pires.

"O que me trouxe para a Paraíba foi a possibilidade de trabalhar com as mulheres rurais e eu trabalhei de Alagamar a Alagoa Grande e lá eu conheci Maria da Penha, Margarida Maria Alves e várias outras companheiras. Esse período foi muito importante para mim, porque eu pude colocar em prática toda a minha experiência em direitos humanos. Era um período em que a ditadura militar estava ainda muito forte e havia muita violação de direitos e sempre em época de violência, de ditadura, de regime totalitários, como agora, com o governo Bolsonaro (PSL), as mulheres são alvos preferenciais. Na época, eu estava recém-saída da prisão, já que fiquei três anos na cadeia da ditadura", relata.

Eleonora Menicucci ficou na Arquidiocese da Paraíba até 1980, período em que participou de todas as ocupações das trabalhadoras rurais na Praça João Pessoa, na capital. "E nesse caminho, eu entro como professora em 1980 para a UFPB. Dentro da universidade minha linha de pesquisa era no sentido de entender a questão da opressão, da exploração e da subordinação cada vez mais das mulheres. Ai, eu vou encontrando companheiras como Joselita Rodrigues e Maria dos Anjos, como outras que foram aderindo, como Sandra que era da Comunicação, Ednalva que morreu mais tarde, Lourdes Bandeira e Rosa Godoy. Nós criamos um grupo de discussão sobre como organizar um movimento feminista e assim nasce o Maria Mulher que é o primeiro grupo feminista de João Pessoa e esse grupo tem um destaque fundamental", reconhece. Ela lembra que fazia grandes

“Fomos protagonistas de todo esse processo de denúncia, de exigência de prisão, da não impunidade e foi fundamental a nossa participação”

Eleonora Menicucci



debates sobre o feminismo no grupo Maria Mulher e que os debates sempre contaram com um espaço importante de divulgação na imprensa paraibana, através do jornal A União. "A União deve ter várias matérias da época comigo", afirma.

Eleonora acrescenta que o movimento na Paraíba é nomeado como feminismo nessa época, embora ele já existisse como movimento de mulheres, como mulheres que estavam se libertando das amarras do patriarcado, do machismo. E, no assassinato da Violeta Formiga, isso toma uma dimensão muito grande com slogans como: "Quem ama não mata", "o silêncio é cúmplice da violência". "Fomos protagonistas de todo esse processo de denúncia, de exigência de prisão, da não impunidade e foi fundamental a nossa participação".

A ex-ministra explica que o feminismo na Paraíba brotou e deu outros grupos muito importantes, como por exemplo o Cunchã Coletivo Feminista, criado por Gilberta Soares, atual secretária de Estado da Mulher e da Diversidade Humana. "O Cunchã Coletivo Feminista foi um grupo oriundo do Maria Mulher. Gilberta Soares foi fundamental na reprodução dos grupos femininos, dos quais o Cunchã e o 8 de março são os mais fortes", reconhece.

que vieram antes", reconhece.

E nessa vida de jovem, inquieta, e de olhar aguçado para a liberdade, Ana Adelaide foi construindo sua vida, suas realizações, suas certezas e um monte de dúvidas. "Casei muito cedo, separei muito cedo também. Cair na gandaia e ultrapassar alguns limites do bom comportamento me deram rumo e compasso. Mas foram os livros, os filmes e a vida acadêmica que me deram sustentação e maior entendimento para as minhas ideias ainda tão desordenadas e mais intuitivas", analisa.

"Na vida fora da academia, duas pessoas me inspiraram e também tiveram seu papel na minha militância na

“Fui de uma geração que não queimou sutiã. Já andava sem. E fui também da geração que tomou pílula e não casou virgem. Enfim, conquistas das que vieram antes”

Ana Adelaide



Mulheres que morrem por serem mulheres



Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Quando o gênero é o motivo para um assassinato. São mulheres que morrem por serem mulheres. Suas casas, onde conviviam com seus filhos e maridos, se tornam o cenário mais comum desse tipo de crime. Seus maridos são seus principais agressores. Suas profissões, por mais simples que sejam, passam a ser uma exposição ao perigo. Sair sozinha na rua, pode até ser definido por “pedir” para ser assassinada.

A delegada do Estado do Piauí Eugênia Villa, pioneira quando o assunto é o combate ao feminicídio, explica que cada caso de feminicídio é único e deve ser tratado com sensibilidade. Uma simples definição não cabe na complexibilidade do que é uma mulher ser morta pelo simples fato de ser mulher. “A própria lei reduz a condição do sexo feminino. A lei é um vazio, ela não diz nada. O feminicídio é um significante vazio que precisa ser elaborado seu significado e, na dogmática jurídica, a gente ainda não conseguiu explicar o que é um feminicídio”, ressaltou.

O que faz uma mulher se deixar ser violentada achando que mereceu a agressão? A violência, muitas vezes, começa de forma psicológica e é necessário ler nas entrelinhas de cada olhar pedindo socorro. Eugênia enfatiza que a fala da mulher deve ser ouvida com sensibilidade. “Eu enquadrado e eu resolvo logo aquilo que eu acho que é o problema. Esse foi o primeiro ponto errado que eu vi, o confisco da fala da vítima. Eu confisco logo ali e decodifico para a linguagem que eu quero, enquadrado naquilo que eu quero. Ou seja, reduzo à linguagem da dogmática jurídica aquilo que não é redutível. E assim eu vi o silêncio do feminicídio”, comentou.

A delegada conta, através de suas experiências com o mestrado e, agora, doutorando no assunto, os erros já tão cometidos com as mulheres vítimas desse tipo de violência. “Ninguém investigava. Não existia feminicídio. Porque ninguém sabia o que era isso. As mulheres eram estupradas pelos seus maridos, nem as delegadas enxergavam e nem as próprias mulheres reconheciam que haviam sido estupradas pelos seus companheiros. Enxerguei substratos invisíveis. Reuni todas as delegadas de mulheres na época, e disse: ‘Vamos mudar essa linguagem, vamos colocar no inquérito as violências psicológicas’”.

“ Ninguém investigava. Não existia feminicídio. Porque ninguém sabia o que era isso. As mulheres eram estupradas pelos seus maridos, nem as delegadas enxergavam e nem as próprias mulheres reconheciam que haviam sido estupradas pelos seus companheiros”

“ A própria lei reduz a condição do sexo feminino. A lei é um vazio, ela não diz nada ”

Delegada Eugênia Villa



Em outros países

Eugênia Villa contou que esse é um fenômeno latino-americano. Ela explica que há machismo em todo o mundo, porém, em graus diferentes. “Eu fui recentemente em Londres, passamos dez dias em imersão. Eles não têm ratificação do feminicídio. Não têm metodologia investigatória específica. Isso não quer dizer que não tenha machismo, tem, mas é diferente. Há uma conscientização maior. Existe machismo, mas é atenuado. Não há essa preocupação como há aqui”.

+ Primeira delegacia de feminicídio

O Estado do Piauí passou a ser o primeiro a investigar crimes de feminicídio, através da criação da primeira delegacia de feminicídio do Brasil, feito da delegada Eugênia Villa. “Em 2015, eu assumi a titularidade da Secretaria da Segurança. O deputado que iria assumir não podia assumir. E eu assumi a pasta interinamente por três meses e foi o suficiente. Então, eu tinha agora, como militante, feminista, pesquisadora e delegada, o poder de decisão. Ou seja, eu tinha que deixar o meu legado. Não bastava eu ser tudo isso. Eu criei a primeira delegacia de feminicídio do Brasil”.

Os desafios foram muitos, principalmente pela dificuldade de fazer com que o feminicídio fosse configurado como um crime. Naquele mesmo ano, a então presidente da República, Dilma Rousseff (PT), sancionou a Lei 13.104, em 9 de março de 2015, que alterava o Código Penal incluindo o feminicídio como uma modalidade de homicídio qualificado. “Como foi que eu criei isso se não existia o feminicídio ainda? Foi no início de março. Eu fiz um ctrl-c-ctrl-v da minha dissertação de mestrado, expliquei o que era feminicídio e disse a quem atingia, que atingia inclusive transexuais e travestis”.

Eugênia define a questão de gênero como algo que ainda é muito confuso no Brasil: “As pessoas têm medo de falar de gênero”. Ela enfatiza alguns erros que observou na sua trajetória de tentar tornar o Estado do Piauí um lugar mais seguro para as mulheres. “A gente estudava cada caso e víamos os erros que eram cometidos nas investigações. A começar, por exemplo, na hora de fazer a quesitação de estupro. Perguntavam se a vítima é virgem. Então fizemos uma revolução da metodologia tradicional investigatória de homicídio, nós passamos a colocar a perspectiva de gênero em toda a linha investigatória de homicídio”.

Situação do país

Eugênia explica que a lei do feminicídio trouxe à tona a realidade de mulheres que morrem também fora de casa e que não necessariamente são agredidas por seus companheiros. “Elas

são assassinadas predominantemente dentro de casa, mas a lei mostrou que a violência está na rua também. E, quando nós, mulheres, rompemos a barreira doméstica, aí sim nós corremos riscos, como a Marielle Franco, por exemplo”.

A condenação por feminicídio ainda é difícil de ocorrer. A especialista ressaltou que muitos casos não chegam nem mesmo a serem indiciados como feminicídio. “Dificuldade começa mesmo como enxergar o feminicídio. Essa linguagem do feminicídio exige um olhar extremamente apurado. Tudo começa no local do crime, se a polícia não entrega para o Ministério Público um inquérito bem investigado, é difícil o promotor denunciar por feminicídio”.

A secretária da Mulher e da Diversidade Humana do Estado da Paraíba, Gilberta Soares, explicou que, através da lei do feminicídio, os crimes de morte contra a mulher passaram a ter um julgamento mais adequado. “A gente poder julgar os crimes, investigar, com essa mente de que existiu um dado a mais para aquela morte. Não é um homicídio comum. É qualificado pelo feminicídio”.

Na história do Brasil, os crimes contra a mulher já foram vistos de forma natural e até como uma questão de honra. Gilberta comparou o passado com o presente e ressaltou a importância de romper com a cultura que desqualifica a mulher e, muitas vezes, encobre o crime do agressor.

“A gente tem uma história no nosso país de que, quando o agressor tinha um vínculo com a mulher, ele era tratado como uma defesa de honra. Essa forma de ver o crime era uma forma de naturalizar o crime contra a mulher. O feminicídio vem justamente para mostrar que a mulher morre pelo fato dela ser mulher e que esse crime ele é na verdade a sequência de uma cadeia de outras denúncias do controle sobre a mulher e o sentimento de posse que aquele homem tem sobre ela. É mostrar que sim, ali houve uma intenção de matar, de maltratar. A lei dá um fortalecimento legal a algo que o movimento de mulheres já vinha tentando fazer, no sentido de mudar essa cultura de violência contra a mulher”.

“ A lei dá um fortalecimento legal a algo que o movimento de mulheres já vinha tentando fazer (...) de mudar essa cultura de violência contra a mulher ”

Secretária Gilberta Soares



Tirando o debate dos auditórios para os vários espaços da rua

Iniciativa do Poder Legislativo estadual é a de realizar plenárias nos bairros das cidades paraibanas

Ademilson José
ademilson51056@gmail.com

Além das dificuldades que elas ainda são obrigadas a enfrentar no mercado de trabalho e nos demais espaços da vida, somente no primeiro semestre deste ano na Paraíba, 32 mulheres foram vítimas de crimes letais intencionais, e, desse total, 17 são investigados como feminicídio. Isso representa 53% dos assassinatos de mulheres, percentual nove pontos maior do que os 44% registrados no mesmo período do ano passado.

Esses dados são da Secretaria de Segurança e Defesa Social (Seds) e é com base neles que os deputados Edmilson Soares (Podemos), presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias; Camila Toscano (PSDB), presidente da Comissão dos Direitos da Mulher; e Cida Ramos (PSB), presidente da CPI do Feminicídio, estão montando uma pauta conjunta para a intensificação dos trabalhos em defesa da mulher, isso não somente para a capital como também para municípios do interior do Estado.

Segundo o deputado Edmilson Soares, da parte da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, a principal tarefa já

Edmilson Soares (Podemos)
presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Assembleia Legislativa



está em andamento e se constitui na iniciativa de sair do espaço da Assembleia e demais instituições para levar o debate para os bairros e para as ruas.

Plenárias serão realizadas pelos bairros com a participação de várias instituições que já estão sendo convidadas e que, entre elas, se incluem a arquidiocese, o Tribunal de Justiça (TJPB), o Ministério Público (MPPB e MPF), as Secretarias Municipal e Estadual das Mulheres, além de universidades e entidades comunitárias.

E, além do debate e de

outras ações, o trabalho vai incluir também a elaboração e distribuição de uma cartilha mostrando em linguagem acessível o agravamento da violência contra a mulher, e, paralelamente, as formas mais práticas que a sociedade pode fazer para combater.

O trabalho, conforme Edmilson Soares, contará também com a participação e a experiência do Fórum de Combate à Violência Contra a Mulher e, através dele, o envolvimento de escolas (educadores e estudantes), entidades comunitárias e

a população em geral na forma mais ampla possível.

"O principal motivo dessa iniciativa", explica o parlamentar, é fazer frente ao aumento da violência contra a mulher, um aumento que tem se revelado de forma acentuada, apesar dos importantes mecanismos que chegaram a ser criados como é o caso da Lei Maria da Penha.

Mentalidade

"Precisamos mudar a mentalidade dessa nossa geração em relação às mulheres e também adotar medidas que possam combater e coibir atos de violência", afirma a deputada Camila Toscano, presidente da Comissão de Mulheres da Assembleia Legislativa. Para ela, faz-se necessário buscar formas concretas e urgentes de distanciamento e afastamento das mulheres dos seus agressores.

Entre essas formas de afastamento, ela sugere, por exemplo, o uso de tornozeleiras eletrônicas, o acesso menos complicado à Justiça, a implantação do "ônibus lilás"

e alternativas de emprego e renda que retirem a mulher de espaços vulneráveis. "Precisamos intensificar essas discussões nesse segundo semestre", alerta a deputada.

O "ônibus lilás" (já anunciado pelo Governo do Estado) e o uso de tornozeleiras eletrônicas por parte dos agressores de mulheres são duas formas que a parlamentar já chegou, inclusive, a sugerir ao governo e à Justiça do Estado. Essas ações, segundo ela, certamente contribuiriam muito para a re-

dução no índice de violência.

Ela se diz de acordo com Edmilson Soares e com Cida Ramos de que a maior parte dessas ações não se limita aos bairros da capital. "Precisamos garantir recursos dos governos estadual e federal para expandir essa luta também aos demais municípios. Precisamos, o quanto antes, fazer mesmo alguma coisa e o que pudermos para melhorar a segurança e a própria qualidade de vida das mulheres", completou a deputada.

Camila Toscano (PSDB)
presidente da Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa



Fotos: Arquivo pessoal

Luta em todos os ambientes da sociedade

A deputada Cida Ramos, que é presidente da CPI do Feminicídio e vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Assembleia Legislativa, está empenhada e envolvida com todas essas ações práticas em defesa da realidade das mulheres, mas, como professora e pesquisadora, também se ocupa em estudar e analisar a atual situação do feminismo hoje no Brasil e no mundo.

"Ao contrário de um movimento de grupos estratégicos, diz ela, hoje as mulheres estão lutando em todos os espaços da sociedade. São elas mesmas que, independente de grupos organizados, estão reagindo e buscando ampliar seus espaços. Até porque não basta mais apenas o espaço. É salário, por exemplo, as condições de vida mesmo. Apesar de ela ter chegado ao espaço, no geral, ainda não lhes são dadas as mesmas condições de salário, de respeito e de reconhecimento".

Para Cida Ramos, apesar de ser maioria e de ter avançado muito, à mulher ainda não é dado reconhecimento igualitário. "Em maior ou menor número, elas já estão em todos ou em quase todos os espaços, na política inclusive, mas sem condições de igualdade com os homens", diz ela.

Na política mesmo, por exemplo, adverte a deputada, mesmo sendo maioria no eleitorado, a mulher ainda tem uma participação muito aquém do que já deveria ter. "São as dificuldades impostas, o preconceito, o desrespeito. Sobretudo em países como o Brasil, os limites de discriminação impostos ainda são muito fortes. O Brasil, na verdade, ainda é muito atrasado nesse aspecto".

E ela adverte que o problema



Cida Ramos (PSB)
presidente da CPI do Feminicídio da Assembleia Legislativa

nem chega a ser somente as limitações de oportunidades materiais e de espaço. "A questão de gênero é permeada de outros problemas, assédio, falta de respeito, preconceito, muita coisa que a mulher muitas vezes está submetida a enfrentar somente por se envolver num espaço que, para muita gente, quem deve mandar ou predominar são os homens. Ainda há muita gente a achar que lugar da mulher é em casa".

"Não é fácil mudar isso", resume Cida Ramos, ao justificar que a mulher precisa mesmo é ir pra rua e é justamente nisso que está a importância de ações como essas que estão sendo programadas pela Comissão de Direitos Humanos e pela Comissão de Mulheres da Assembleia Legislativa do Estado. "Movimento feminista na atualidade é fazer isso mesmo. É tirar o debate e a discussão dos auditórios e, de certa forma, dos palanques, para leva-lo à comunidade, a todos os locais onde a mulher está", analisa.

Pelo direito à saúde e segurança

A trajetória de luta da deputada estadual Estela Bezerra (PSB) se confunde com a do movimento feminista na Paraíba. Na década de 90, dentro do Cunchã - Coletivo Feminista, ela contribuiu para pressionar os poderes a estruturarem políticas públicas de saúde e segurança para as mulheres.

"Em João Pessoa, o que se configurava [nos anos 90] eram alguns núcleos de estudo na universidade. Com a influência da professora Eleonora Menicucci, constituíram-se aqui dois grupos fortes: o Cunchã - Coletivo Feminista, com o qual eu vou me identificar e trabalhar mais fortemente no eixo saúde, sexualidade, direitos reprodutivos e sexuais, e o Centro da Mulher 8 de Março, que vai ter mais identidade com o tema da violência contra a mulher", explica.

Nesse cenário, ainda eram raros na Paraíba os serviços de atenção à saúde da mulher e as delegacias especializadas "Não existia uma voz, um sujeito político que apontasse e reivindicasse estruturação de políticas públicas. E essas organizações [Cunchã e 8 de Março] deram voz a toda essa demanda reprimida".

Tornou-se mais forte o debate sobre direito ao aborto, por exemplo. "Uma vitória importante do movimento feminista, capitaneado pelo Cunchã, foi a implantação do serviço de atenção às mulheres vítimas de violência sexual. O primeiro serviço foi implantado na Maternidade Frei Damião, após grande mobilização. A

Paraíba foi o segundo Estado do Nordeste e o sexto do Brasil a ofertar essa assistência às mulheres", relata Estela Bezerra.

Sobre a participação das mulheres na vida política, Estela Bezerra entende que ainda é necessário caminhar muito para que exista igualdade de representação. A regra que destina 30% do fundo partidário para candidaturas de mulheres foi um passo importante, mas o que leva a maioria delas a terem dificuldade de permanecer na vida pública inclui justamente regras sociais machistas.

Às mulheres é destinada a maior parte dos cuidados domésticos e familiares. "As mulheres estão no mercado de trabalho e no mundo reprodutiva com uma sobrecarga de tarefas. Os homens têm um tempo livre, mas as mulheres não, elas estão sobrecarregadas com os cuidados domésticos. Eu percebo que quando as mulheres vão para o mundo público, elas carregam consigo toda a agenda doméstica, enquanto os homens vão para o mundo público e se descolam dessa agenda", explica Estela Bezerra.



Estela Bezerra (PSB),
deputada estadual